



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BENTO SOUZA BORGES

JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO SUPERIOR:
a Geração Y em análise

UBERLÂNDIA - MG

2014

BENTO SOUZA BORGES

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO SUPERIOR:
a Geração Y em análise**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Robson Luiz de França

UBERLÂNDIA - MG

2013


BENTO SOUZA BORGES

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO SUPERIOR:
a Geração Y em análise**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

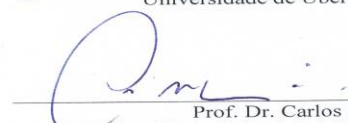
Uberlândia, 14 de janeiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Robson Luiz de França
Universidade Federal de Uberlândia – UFU


Profa. Dra. Tania Nunes Davi
Fundação Carmelita Mário Palmério - FUCAMP


Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista
Universidade de Uberaba – UNIUBE


Prof. Dr. Carlos Alberto Lucena
Universidade Federal de Uberlândia – UFU


Profa. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B732j
2014

Borges, Bento Souza, 1968-

Juventude, trabalho e educação superior: a geração y em análise / Bento Souza Borges. -- 2014.

190p. : il.

Orientador: Robson Luiz de França.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Ensino superior - Teses. 3. Docentes - Identidades e saberes – Teses. I. França, Robson Luiz de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

AGRADECIMENTOS

Obrigado

Lenizia, minha esposa; luz que dá força e guia;

Robson Luiz de França, pela orientação sempre segura, pelo apoio, pela força e, acima de tudo, pela compreensão de minhas limitações;

Victor, Gabriel e Nicole, estrelinhas que dão sentido à minha existência;

Mãe e pai, que, mesmo não compreendendo bem “pra que isso”, sempre torceram, rezaram e fizeram muito por mim;

Amigos do CESEC Zenith Campos, pelo apoio e pela compreensão, especialmente a Marília, companheira de longas datas;

Equipe da Secretaria Municipal de Educação, que me ajudou a “segurar as pontas”.

Aos colegas de trabalho da FUCAMP, especialmente ao Professor MSc. Héber, Prof^a. Dr^a Tânia e Prof. Dr. Gustavo;

Ao professor e amigo Edson Cunha;

A todos os meus amigos que me desejaram e desejam sucesso nesta empreitada.

RESUMO

Borges, Bento Souza. França, Robson Luiz de; **Juventude, trabalho e Educação Superior: a Geração Y em análise.** Uberlândia, 2013. 200 p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

Hoje, no Brasil, é cada vez mais comum o ingresso de jovens, cada vez mais novos, no Ensino Superior. Esses jovens trazem consigo uma série de características bastante peculiares, que as gerações anteriores não possuíam, causadas, em parte, pela Revolução tecnológica ocorrida a partir da década de 1970. Eles se desenvolveram em uma época de grandes avanços tecnológicos e de prosperidade econômica. Essa geração, denominada Geração Y, convive diariamente com pessoas de outras gerações no mercado de trabalho e na escola que, maioria das vezes, não tiveram ou não têm a mesma intimidade tecnológica e não desenvolveram os mesmos hábitos dela. São jovens que cresceram vivendo em ação, estimulados por atividades, fazendo tarefas múltiplas. Os estudos que abordam temas relacionados à questão geracional e, especificamente, sobre a Geração Y, ainda apresentam algumas controvérsias como, por exemplo, o ano de nascimento – para alguns, a partir de 1977; para outros, a partir de 1985 – até seu comportamento – uns descrevem-nos como bem comportados, trabalhadores em equipe e moralistas e outros, como egocêntricos, superficiais e rebeldes. Alguns autores tratam esses jovens de nativos digitais e as pessoas de outras gerações anteriores de migrantes digitais. Diante de tantas mudanças no perfil desses jovens, é natural que o ambiente escolar passe por modificações para se adequar a essa nova era, a esse novo aluno e novo trabalhador. Considerando que esses jovens são, ao mesmo tempo, frutos desse tempo tecnológico e agentes ativos desse processo de mudança, entendemos que tanto o ambiente escolar quanto o trabalho desenvolvido pelo professor está passando por transformações profundas para atender a um público com características tão distintas. Assim sendo, este texto tem como objetivo ampliar o debate sobre a Geração Y e analisar as influências da Revolução Tecnológica ocorrida a partir dos anos 1970 para esses jovens nas relações de trabalho e, sobretudo, no ambiente escolar e no trabalho docente. Para isso, buscou-se embasamento em algumas teorias do trabalho, em estudos sobre juventude e gerações, em estudos da área da Administração e em alguns teóricos da área da Educação Superior, sempre considerando aspectos filosóficos, sociológicos e didáticos para a análise dessa geração. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o que percebemos é que as mudanças ocorridas no mundo em função da evolução tecnológica e da globalização influenciaram em muito as características, os ideais e o comportamento dos jovens e isso se reflete diretamente na escola. O professor precisa conhecer como essa nova geração pensa e age e, depois, buscar novas práticas de ensino que estejam em consonância com esse público. O que não podemos deixar de entender é que as mudanças trazidas pela chegada da Geração Y não são passageiras. À medida que mais e mais jovens chegam à idade escolar e, posteriormente, ao mercado de trabalho e assumem cargos de liderança, as escolas e empresas precisarão adaptar-se a essa geração vibrante, conectada e inquieta.

Palavras-chave: Gerações. Geração Y. Educação. Trabalho docente.

ABSTRACT

Borges, Bento Souza. França, Robson Luiz de. **Juventude, trabalho e Educação Superior: a Geração Y em análise**. Uberlândia, 2013. 200 p. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

Nowadays, it is increasingly common the inflow of youngsters of a very low age into college education in Brazil. These young people bring with them a number of very peculiar characteristics which previous generations did not have, caused in part by the technological revolution starting in the 1970s. They grew up at a time of great technological advancement and economic prosperity. This new *Generation*, known as *Generation Y*, leads an everyday life with people from other generations in the workplace and at school. Most of the time, the previous generations did not have or still do not have the same technological intimacy and did not develop the same habits of *Generation Y*, that grew up among hectic action, being stimulated by various activities and performing multiple tasks. The studies which approach issues related to generational matter and specifically *Generation Y* does have some controversies such as the starting point, for some, since 1977, for others since 1985. As to *Generation Y* behavior, some describe them as well-behaved, team workers and ethicists and others as self-centered, superficial and rebels. Some authors refer to these youngsters as digital natives, and to people of other previous generations as digital migrants. With so many changes in the profile of these young people, it is natural that the school environment has to undergo some modifications to adapt to this new era: new student and new worker. Considering that these young people are at the same time fruit of this technological time and active agents of this process of change, we understand that both the school environment and the work carried out by the teacher is undergoing profound transformations to meet the needs of a new public with such distinctive features. Thus, this paper aims to broaden the debate about *Generation Y* and assess the influences of the Technological Revolution occurred on these young people in labor relations, and especially in the school environment and on the teaching work. To achieve that, we sought some grounding in theories of work and in studies on youth and generations and management, and some theorists in the area of college education, always taking into account the philosophical, sociological and educational aspects to analyze this *Generation*. Through a bibliographic research, we realized that changes in the world regarding technological developments and globalization have influenced much the character, ideals and behavior of the young people and this is directly reflected in school. The teacher needs to know how this new *Generation* thinks and acts, and then seek new teaching practices that are consistent with this audience. What we cannot fail to understand is that the changes brought about by the arrival of *Generation Y* are not passing. As more and more young people come to school age and later to the labor market and assume leadership positions, the schools and enterprises need to adapt themselves to this vibrantly connected and restless *Generation*.

Key-words: Generations. *Generation Y*. Education. Teaching work.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Representação visual: coletivismo x individualismo.....	81
GRÁFICO 1 Atividades de lazer desenvolvidas online nas últimas 24 horas nos Estados Unidos.....	98

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 Cinco revoluções tecnológicas sucessivas	30
TABELA 1 Resultados de busca no Google sobre Geração Y	69
TABELA 2 Relação das classificações de gerações	83
QUADRO 2 Geração Y – Infância e adolescência	96
QUADRO 3 Trabalhos sobre Geração Y no Brasil.....	106
QUADRO 4 Características e desafios do Século XXI	114

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade)
DORT	Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho
EAD	Ensino a distância
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
GTA	Grand Theft Auto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
QI	quociente de inteligência
SEE	Secretaria de Estado de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Considerações iniciais	12
1.2 Relevância do estudo.....	15
1.3 Problematização	18
1.4 Objetivos	23
1.4.1 Objetivo geral.....	23
1.4.2 Objetivos específicos	23
1.5 Metodologia.....	24
1.6 O texto.....	25
CAPÍTULO II IMPACTOS SOCIAIS, POLÍTICOS E ECONÔMICOS PROVOCADOS PELA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA A PARTIR DE 1970	27
2.1 Redefinição do conceito de trabalho a partir do avanço da tecnologia	33
2.2 Novas formas de exploração da mão de obra na era da tecnologia	38
2.3 Considerações para o futuro do trabalho no século XXI	41
2.4 A influência da Geração Y no conceito de trabalho e no processo ensino- aprendizagem	53
CAPÍTULO III TEORIA DOS <i>HABITUS</i>: A SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS NO MUNDO DO TRABALHO A PARTIR DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA.....	57
3.1 Considerações sobre a teoria do <i>habitus</i> de Pierre Bourdieu	57
3.2 O trabalho docente a partir das novas formas de socialização e individualização dos sujeitos	62
CAPÍTULO IV NOVOS TEMPOS, NOVAS GERAÇÕES E MUITOS DESAFIOS	68
4.1 Geração e Geração Y: desafios de conceituação	69
4.1.1 Geração	70
4.1.1.1 Karl Mannheim: conceito sociológico de geração	73
4.1.1.2 Strauss e Howe e sua Teoria das Gerações	76
4.2 Individualismo e coletivismo na caracterização da Geração Y	78
4.3 As gerações anteriores à Y	82
4.3.1 Geração <i>belle époque</i> / tradicionalistas	84
4.3.2 <i>Baby Boomers</i>	85

4.3.3 Geração X.....	88
4.4 Geração Y: delimitações	89
4.5 Geração Y	91
4.5.1 Geração Y: do nascimento à escola	95
4.5.2 Geração Y e Tecnologia	97
4.5.3 Geração Y no trabalho.....	99
4.6 Gerações brasileiras	103
4.7 A literatura sobre Geração Y no Brasil.....	106
CAPÍTULO V A GERAÇÃO Y NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS PARA AS	
ESCOLAS E PARA OS PROFESSORES	109
5.1 Educação para novas gerações.....	112
5.2 O desafio da profissionalização dos jovens	117
5.3 Novas gerações, novos padrões e novos desafios de aprendizagem	
/ensinagem em sala de aula.....	121
4.3. Alunos digitais versus migrantes digitais no ambiente escolar.....	127
5.4 O professor para alunos da Geração Y.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS.....	141

1. INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

A Educação Superior no Brasil, assim como no resto do mundo, tem-se tornado uma realidade para um número cada vez maior de alunos, principalmente nas últimas décadas. Segundo o Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2008, 1.936.078 novos alunos ingressaram no Ensino Superior, 8,5% a mais em relação a 2007. No total, o número de matrículas em 2008 foi 10,6% maior em relação a 2007, com um total de 5.808.017 alunos matriculados em cursos de Graduação presencial e a distância.

Segundo estudos da Hoper Educacional (2011), os fatores que mais contribuíram para a expansão do setor universitário foram a flexibilização das regras para a abertura de cursos e instituições, ocorrida no Governo Fernando Henrique Cardoso, a regularização da lei que permitiu a existência de instituições de Ensino Superior constituídas de empresas com finalidades lucrativas, a existência de enorme demanda reprimida entre os anos de 1996 e 2002, a universalização do Ensino Fundamental, com o consequente crescimento do Ensino Médio e retorno aos estudos de boa parte das pessoas oriundas da população economicamente ativa, que já haviam concluído o Ensino Médio há cinco anos ou mais.

Nesse contexto, o acesso dos jovens com faixa etária cada vez menor ao Ensino Superior tende a aumentar, já que as propostas governamentais de democratização do Ensino Médio já acontecem há algum tempo. De fato, os dados mostram que na faixa etária de quinze a dezessete anos (na qual, teoricamente, os jovens deveriam estar cursando o Ensino Médio) a cobertura escolar tem aumentado: segundo o MEC/INEP, 50,9% dos adolescentes nessa faixa etária estavam no Ensino Médio em 2009. Esses números demonstram um avanço já que, em 1999, apenas 32,7% desses jovens estavam matriculados.

Dessa forma, a redução da faixa etária dos ingressantes no Ensino Superior já é uma realidade em muitas instituições. Esses alunos, cada vez mais jovens, trazem consigo algumas características sociais e comportamentais bastante

peculiares. Segundo Oliveira, Piccinini e Bitencourt (2011), esses jovens têm um perfil homogêneo. São contemporâneos da revolução digital e especialistas em lidar com tecnologia. Usam mídias sociais com facilidade, sabem trabalhar em rede e estão sempre conectados. Além disso, preocupam-se com o mercado de trabalho altamente competitivo e buscam intensamente a formação superior e o ingresso na carreira pública como passaporte para a estabilidade profissional. São altamente tecnológicos, têm uma relação com a comunicação diferente das gerações anteriores. São pessoas que conseguem ver televisão, trabalhar e conversar utilizando um computador enquanto ouvem música. Esses jovens, em sua grande maioria nascidos na década de 1990, na Sociologia são conhecidos como Geração Y, também conhecida como *Millenium* ou NET (Tapscot, 1998). Para fins de direcionamento da pesquisa, aqui trataremos como Geração Y.

A proposta deste estudo teve início com um projeto de pesquisa apresentado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia na linha de pesquisa Trabalho, Sociedade e Educação, no ano de 2011. O título do projeto era: O novo perfil do aluno dos cursos superiores e suas influências na prática docente.

O objetivo principal enunciado no referido projeto era o de analisar a mudança do perfil do aluno universitário e as mudanças experimentadas pelo trabalho docente em sala de aula em função das características desse novo público. Para isso, esta investigação buscava traçar o perfil do aluno ingressante na universidade hoje, especificamente o da chamada Geração Y, analisando o que sabem os professores a respeito desses alunos com quem lidam e em que aspectos as especificidades deles têm influenciado a prática docente em sala de aula. Além disso, era intenção apontar direções para que o docente pudesse desenvolver um trabalho que atendesse às características desses discentes e às instituições para que, em conjunto, atendessem aos critérios de avaliação dos cursos superiores propostos pelos órgãos governamentais responsáveis por esse nível de ensino. O universo da pesquisa seriam alunos dos cursos de licenciatura de uma faculdade em Monte Carmelo.

No entanto, essa primeira proposta de investigação tomou alguns novos direcionamentos, a partir da participação em algumas disciplinas do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, da leitura e aprofundamento em alguns autores, bem como dos diálogos com o orientador (Prof. Dr. Robson

França). Tudo isto serviu como base para o redirecionamento do núcleo central da pesquisa e da reflexão inicialmente apresentada.

O ponto inicial para esse redirecionamento foi o fato de que os alunos dos cursos de licenciatura com os quais pretendíamos coletar dados para a realização da presente pesquisa apresentam um perfil diferente, a começar pelo motivo da escolha da profissão, passando pela valorização e status conferido profissionalmente e chegando às condições de trabalho.

Gatti *et al.* (2009), em pesquisa para a Fundação Vitor Civita, afirmam que a docência até aparece no rol da escolha profissional em um primeiro momento. Segundo esse estudo, 32% dos estudantes entrevistados cogitaram ser professores em algum momento da decisão. Mas, afastados por fatores como a baixa remuneração (citado nas respostas por 40% dos que consideraram a carreira), a desvalorização social da profissão e o desinteresse e o desrespeito dos alunos (ambos mencionados por 17%), priorizaram outras graduações. O resultado é que, enquanto Medicina e Engenharia lideram as listas de cursos mais procurados, os relativos à Educação aparecem bem abaixo.

Gatti (2009) comentando essa pesquisa, afirma que esses dados evidenciam que a profissão tende a ser procurada por jovens da rede pública de ensino, que, em geral, pertencem a nichos sociais menos favorecidos. De fato, entre os entrevistados que optaram pela docência, 87% são da escola pública. E a maioria (77%), mulheres.

Esse perfil é bastante semelhante ao dos atuais estudantes de Pedagogia. De acordo com o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de Pedagogia, 80% dos alunos cursaram o Ensino Médio em escola pública e 92% são mulheres. Além disso, metade vem de famílias cujos pais têm, no máximo, a quarta série, 75% trabalham durante a faculdade e 45% declararam conhecimento praticamente nulo de Inglês. Louzano (2011) ainda apresenta um dado mais preocupante. Segundo a autora, 30% dos futuros professores são recrutados entre os alunos com piores notas no Ensino Médio.

Dessa forma, concluímos que, nos cursos de licenciatura seria mais difícil perceber as especificidades próprias do aluno da Geração Y, já que, por suas características, são alunos que não se encaixam no perfil apresentado por Gatti (2010) e por Louzano (2011) e, assim, descartamos a possibilidade de coletar dados juntos a esses alunos. É natural que o trabalho docente não seja a primeira opção

do aluno da Geração Y e que ele não se sintia atraído pela carreira. Segundo descrição da literatura que trata sobre o tema (HOWE; STRAUSS, 2000; OLIVEIRA, 2010; VALENTE, 2011) esse aluno tem, entre outras características, autoestima bastante elevada, não se sujeitam a tarefas subalternas em início de carreira e lutam por salários ambiciosos desde cedo. Sendo assim, sabedores de que seus anseios profissionais não serão facilmente satisfeitos na carreira docente, optam por outras funções mais adequadas ao seu perfil. Dessa forma, novas hipóteses começaram a se delinear com maior nitidez e, sob esse novo olhar, começamos a perceber que o reflexo das características da Geração Y não seria percebido na sua totalidade nos cursos de licenciatura.

As leituras realizadas apontavam constantes transformações em vários setores da sociedade advindas da mudança do perfil do jovem e do mercado de trabalho, aliado ao da Educação, é um desses setores, afetado principalmente pelo avanço das novas tecnologias e por um público jovem - Geração Y, que nasceu e cresceu em contato com essa parafernália tecnológica e tem ditado novas formas de organização do trabalho, nas relações sociais e nas formas de comunicação e nas formas de se ensinar.

1.2 Relevância do estudo

O interesse pelo tema surgiu em casa. Convivendo com dois adolescentes em casa, um de dezoito e outro de dezenove anos, é possível perceber algumas características bastante peculiares desses jovens. Trancados em seus quartos, com um fone de ouvido conectado a um dispositivo eletrônico reprodutor de música, falando ao celular, com vários *links* (ligação entre documentos na internet, ou seja no maior conglomerado de redes de comunicações em escala mundial, ou ainda, vários computadores e dispositivos conectados a uma rede mundial) abertos em seu microcomputador, jogando com várias pessoas em torno do mundo, muitas vezes com a televisão ligada e falando com vários amigos virtuais, esses filhos têm-nos forçado a uma série de mudanças no tratamento e convívio familiar. Na escola não é diferente.

Convivendo com vários desses jovens na escola pode-se constatar, ainda empiricamente, uma postura bastante peculiar e frequentemente distante daquela

sonhada pelos docentes. Em sala de aula, onde não é possível fazer muita coisa, acham absurdo não poder ouvir mp3, ou usar o celular durante uma aula. É perceptível o quanto esses alunos valorizam o nível de atualização das informações e, assim, utilizar vídeos em sala de aula, por exemplo, como recurso de apoio pedagógico já não é o bastante; é preciso que esteja claro que as informações presentes no vídeo são as mais recentes. Esses jovens sabem um pouco de muita coisa e essa falta de aprofundamento é um fator dificultador do trabalho docente. Odeiam quando lhes é pedida a leitura de um texto jornalístico impresso, por exemplo; esses alunos pedem retornos constantes e querem resultados imediatos. Caso achem que não estão evoluindo em determinado conteúdo ou assunto, logo desanimam e são restritivos aos temas que não lhes agradam; não fazem cerimônia alguma para emitir julgamentos de seus professores. São individualistas, mas não necessariamente egoístas. Costumam ser empáticos, pois estão habituados à vida em comunidade ainda que seja a virtual.

Entender essas características do comportamento dos alunos em sala de aula é um desafio para as instituições e também para os professores. Esse comportamento também se reflete no ambiente familiar e no mercado de trabalho no qual, ao ingressarem, mostram-se profissionais diferentes daqueles de outras gerações e isso tem forçado as empresas a mudarem suas práticas.

Definitivamente, esse não é um tema novo, no entanto, difere de outras grandes mudanças ocorridas no passado, visto que, ao final da primeira década do terceiro milênio, a atual geração de adolescentes carrega características bastante diferenciadas e peculiares de uma geração imersa, desde o nascimento, em uma avançada expansão tecnológica cujos efeitos são amplos e imprevisíveis e, por isso mesmo, abre-se aí um campo fértil para pesquisas e análises sob as mais variadas nuances. A vivência dessa mudança em sala de aula é o ponto-chave que justifica a opção por direcionar a ótica desta pesquisa para esse novo aluno e as transformações que ele tem imposto aos professores na atividade docente.

Nesse contexto, é preciso reconhecer a urgência em discutir esses novos aspectos da Educação Superior e, especificamente, seja considerado esse novo perfil de aluno para a tomada de decisões, formulação de políticas educacionais para o Ensino Superior e, principalmente, para direcionar o trabalho dos docentes, já que, segundo Pastore (1977, p. 26), esse é o mais precioso recurso de uma instituição de Ensino Superior. Não há como continuar pensando uma universidade

para uma minoria idealizada, enquanto, nas salas de aula, a maioria absoluta é composta de alunos com características comportamentais e necessidades de atendimento bastante específicas. Há que buscar potencialidades nessa nova demanda, para que ela possa ser devidamente estimulada e atendida.

Pimenta (2008) afirma que, muitas vezes, as características reais dos alunos do Ensino Superior não são objeto de preocupação do professor que, ao entrar na sala de aula, já os identifica como futuros profissionais da área ou espera que eles tenham um comportamento compatível com as lembranças que o docente guarda de si, de quando era um jovem universitário, ou de seu grupo daquele período. Assim, normalmente, tem-se do docente uma expectativa muito elevada em relação ao desempenho de seus alunos e é por isso que, não raramente, se decepciona.

Considerando os aspectos até aqui abordados, pode-se concluir que o professor universitário, hoje, atuará em um sistema bastante complexo de Ensino Superior, envolvendo diferentes instituições, tipos de cursos e uma clientela com características bastante peculiares. Dessa forma, ele precisa estar preparado para trabalhar com o novo perfil de alunos que chegam ao Ensino Superior, sem se esquecer do perfil do aluno que sairá dali e entender como pensa esse grupo é de fundamental importância para quem presta serviços a esse público, principalmente no caso do Ensino Superior ao qual estão chegando agora. Assim, é necessário que esse professor conheça essa realidade, saiba entendê-la e analisá-la, ou seja, torne-se necessário que o professor desenvolva estratégias que permitam a reflexão sobre sua prática docente e o contexto mais amplo no qual ela se acha inserida.

Além das transformações impostas por esses jovens no ambiente escolar, há que se destacarem as transformações nos processos produtivos, o trabalho flexibilizado, declínio dos modos de produção taylorista-fordista¹ e sua substituição ou mescla com toyotismo², entre outras.

¹ Taylorismo e fordismo: nomes dados às formas de organização da produção industrial que revolucionaram o trabalho fabril durante o século XX. Esses dois sistemas visavam à maximização da produção e do lucro. Referência à Frederick Winslow Taylor (1856 – 1915) e Henry Ford (1863-1947). (GIDDENS, 2004)

² Toyotismo: modo de organização da produção capitalista originário do Japão. O toyotismo foi criado na fábrica da Toyota no Japão (dando origem ao nome) após a Segunda Guerra Mundial, elaborado pelo japonês Taiichi Ohno e que foi caracterizado como filosofia orgânica da produção industrial (modelo japonês), adquirindo uma projeção global (GIDDENS, 2004).

Essas modificações alcançaram não somente a esfera material e objetiva, mas também a subjetiva, afetando a forma de ser dos trabalhadores (ANTUNES, 2000). Dessa forma, estabelece-se uma relação de mão dupla em que os jovens forçam mudanças no mundo do trabalho a partir de suas características e, ao mesmo tempo, são forçados a mudanças advindas das transformações pelas quais o trabalho passa.

A partir daí, além de autores que tratam especificamente do tema gerações e de autores que tratam da rotina docente e da formação do professor, passaram a fazer parte deste estudo textos e autores que tratam questões relacionadas ao mercado de trabalho, para, em sequência, situar a Geração Y nesse contexto. Para isso buscamos fundamentos teóricos em autores que fundamentam a compreensão das determinações sociais passadas e presentes da ordem social capitalista. Também debruçamo-nos sobre a obra de alguns teóricos contemporâneos da Educação, que buscaram inspiração nas obras de Marx, como Gaudêncio Frigotto e Ricardo Antunes (2002), por exemplo.

1.3 Problemática

Em que aspectos o jovem integrante da Geração Y tem alterado o mercado de trabalho e, especificamente o trabalho do professor no Ensino Superior? Essa é a indagação principal a que essa pesquisa busca responder. A partir da leitura de vários autores ligados à Sociologia, à Filosofia, à Formação de Professores, ao Capitalismo e às Questões Geracionais, algumas outras questões começaram a tomar corpo e ampliaram o foco desta pesquisa como: Qual a percepção dos jovens da Geração Y sobre trabalho e em que aspectos essa percepção difere das de outras gerações como as dos jovens *Baby Boomers*, X e Z? Como os jovens da Geração Y relacionam sua formação acadêmica com o mercado de trabalho? Que características os jovens da Geração Y possuem e como eles se percebem no mercado de trabalho? O que muda no trabalho docente em função desses novos alunos que estão chegando à Universidade?

Diante de todas essas questões, o tema da pesquisa foi direcionado e passou a integrar três eixos de análise sendo a juventude/Geração Y, o trabalho e a Educação/trabalho docente.

Cabe esclarecer que há uma série de concepções sobre a formação da adolescência e juventude, umas mais cronológicas/biológicas, outras mais sociais. Segundo Raitz (2003), há uma diversidade bibliográfica produzida por diversas áreas do conhecimento, sobre a temática da juventude, principalmente desde a década de 1990 do século passado. Ainda segundo a autora, apesar da multiplicidade de olhares para o tema, ainda existem muitos conhecimentos a serem apreendidos, tendo em vista a imprecisão dos conceitos de adolescência e de juventude, quando singularizados.

Assim sendo, nesse estudo, buscaremos considerar que o jovem não é algo por natureza (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2007, p. 168) e, sim, fruto de uma construção humana, assumindo diferentes características de acordo com o contexto social.

Urresti (2000) considera que as juventudes não são susceptíveis de comparação, pois viveram em épocas históricas diferentes, têm definidos seus conflitos e vivência social de maneira também diferente. No entanto, como objetivo desta pesquisa, mais que comparar gerações, buscamos entre outras coisas, comparar a sociedade atual e, especialmente a escola, na qual convivem diferentes gerações e de que forma essas diferenças ditam as mudanças.

Algumas pesquisas, como as de Souza (2006), Carmo (2001) e Costa (2007), que discutem temas relacionados aos jovens e buscam apresentar o conceito dessa categoria social e isso nem sempre é fácil, como observa Frigotto (2004, p. 180), que, ao tratar de questões relativas à juventude, trabalho e Educação, afirma que “Essa complexidade e essa controvérsia tem início com a dificuldade de se ter um conceito unívoco de juventude, por razões tanto históricas quanto sociais e culturais”.

Assim sendo, é natural que as pesquisas sobre esse tema recebam influências contextuais, considerando o momento histórico em que se vive. Os jovens precisam ser considerados como sujeitos históricos sociais e, conseqüentemente, as análises e as produções sobre essa temática não podem manter-se estáticas, precisam acompanhar essas transformações.

Sobre isso Sposito (1997, p. 37), fazendo referência à juventude, afirma que a própria definição da categoria “[...] encerra um problema sociológico, passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem como sujeitos são

históricos e culturais”. Assim, para cada juventude, haverá um olhar diferente e consequentemente teorias diferentes.

Diante dessa diversidade de olhares para o mesmo objeto, consideraremos nesse texto, aos nos referirmos ao jovem da Geração Y, a corrente geracional citada na obra “Culturas Juvenis” (PAIS, 1993). Essa corrente, segundo o autor, tem uma longa tradição na Sociologia da juventude e considera esse grupo como indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, que marca a saída da infância até o ingresso da vida adulta, prevalecendo o reconhecimento da sua especificidade a partir da busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que a caracterizam. Consideraremos também a visão adotada por Carrano (2000, p. 12), quando afirma que o mais adequado é compreender a juventude como uma complexidade variável “[...] a partir da própria realidade dos jovens que se distinguem por seus modos de existir em determinados tempos e espaços sociais. Compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes”.

Assim, consideramos o jovem não apenas como um elemento da diversidade, mas que contém unidade e diversidade, já que os jovens vivem realidades sociais bastante diversas e constroem identidades também individuais e coletivas distintas. É nesse viés, com esse olhar para o jovem, que se pauta o presente estudo.

Para tratar do conceito de trabalho, é importante tratar também do processo de escolhas profissionais. Elas compõem nossa subjetividade, nosso mundo interno a partir de nossa interação com o mundo externo. Pensando a subjetividade como um processo contínuo e dinâmico, essa concepção nos distancia da crença de que o indivíduo é aquilo para o qual nasceu, para o qual tem vocação e nos leva a desacreditar que nascemos como uma tábula rasa conforme anunciava o filósofo John Locke.

Assim sendo, deparamo-nos com o fato de que, nos últimos anos, temos presenciado mudanças físicas e organizacionais nos diferentes espaços, ao lado de transformações na estrutura do emprego. Lobato (2003) afirma

Talvez o fenômeno mais marcante que se observa em relação a essas transformações no mercado de trabalho se refira à desestruturação das profissões, enquanto espaços ocupacionais bem delimitados, com firme definição de campo de atuação e de procedimentos práticos (LOBATO, 2003, p. 49).

No entanto, segundo Harvey (1996), essas mudanças não atingiram igualmente todos os indivíduos, setores, regiões. Até mesmo em um único espaço de trabalho é possível encontrar um tipo de organização taylorista-fordista convivendo ao lado de novas tecnologias e de formas organizacionais.

Procurando evidenciar a percepção que a Geração Y tem de trabalho e, especificamente de trabalho docente e procurando conhecer os impactos desses alunos na Educação, esse estudo estendeu seu olhar para jovens entre 18 e 25 anos matriculados no Ensino Superior. A escolha pelos jovens encontra significado nas palavras de Peralva (1997) quando afirma que

Enquanto o adulto vive sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, jovem ainda vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, como também da nova sociedade transformada pela mutação (PERALVA, 1997, p. 23).

Sendo assim, este estudo tem o jovem como sujeito produtor de mudanças na sociedade e, ao mesmo tempo, fruto dessas mudanças, entre as quais o conceito e a percepção sobre o trabalho e o trabalho docente. Nesse contexto, não há como tratar de juventude e trabalho sem discutir aspectos relacionados à Educação dos jovens. Dessa forma, esta investigação trata também do impacto que essa geração tem causado na Educação, especificamente no que se refere à prática docente, já que, conforme dados do censo escolar, o número de ingressantes tem aumentado e cada vez mais esses ingressantes entram mais jovens para a universidade.

Esses jovens, cada vez mais novos, trazem especificidades comuns ao grupo, que influenciam diretamente a relação professor/aluno em sala de aula, o que, de certa forma, força o docente a rever sua prática diária.

Sobre a postura do professor, Masetto (1992) afirma:

Nosso comportamento tradicional de especialistas em um assunto, comunicando nossos conhecimentos a um grupo de alunos, se não ignorantes, pelo menos considerados totalmente desprovidos de conhecimento na área, exige profunda revisão. As pesquisas mostraram que uma postura educacional além de uma postura meramente informativa é fundamental para se alterar o “status quo” de nossas salas de aula (MASETTO, 1992, p. 97).

Com esse novo aluno, é necessário que a escola redimensione o papel dos professores e, conseqüentemente, toda a estrutura de sua formação. Zabalza (2004)

chama os novos procedimentos docentes de coreografias. O autor usa o termo e explica que esses procedimentos não dizem respeito apenas à aplicação de renovadas metodologias, estratégias diferenciadas, conteúdos, tomados, cada um isoladamente: é tudo isso e muitos outros movimentos, executados em sintonia, tal qual uma dança, exigindo dos professores capacidade técnica, observação do outro, relacionamento e outras habilidades. Segundo o autor, a capacidade profissional docente implica competências docentes, em formação contínua, sobretudo, em profissionalização docente. Dessa forma, segundo o autor, o professor tem que ser um profissional diferenciado. O autor é incisivo ao afirmar que, para esse profissional, não basta apenas gostar de pessoas.

Sendo assim, é imprescindível para a instituição e para os docentes identificar quem são os alunos com quem se lida diariamente, quem são esses sujeitos que participam do projeto da instituição. A esse respeito, Pimenta e Anastasiou (2008) afirmam:

Se se tem como proposta um processo de ensinagem, tomar o aluno como sujeito desse processo é fundamental para que construa como sujeito. Para isso, há que elaborar, analisar, também com os alunos, instrumentos que permitam caracterizar o grupo em termos de origem geográfica e social, experiências anteriores de escolarização, faixa etária, turno diurno ou noturno, trabalhador ou estudante, inserção profissional, significado dessa na vida presente e futura, tempo livre; descobrir e analisar os motivos que os levaram ao curso, expectativas quanto a ele e à disciplina, a forma pela qual operacionalizam suas próprias aprendizagens (hábitos de estudo), o nível de conhecimento que possuem, habilidades que dominam e outros dados que sejam importantes para a compreensão da pessoa de cada aluno e das características dessa geração universitária com quem se partilha a sala de aula (PIMENTA; ANASTASIOU, 2008, pp. 232, 233).

As autoras ainda apontam que questões amplamente discutidas em corredores universitários, salas de professores, conselhos de classe como desinteresse de alunos, falta de comprometimento, passividade, individualismo e outros são comportamentos e ações inseridas em um contexto social. Sua lógica dominante – que muitas vezes é adotada pelas próprias instituições e as estrutura – é a de considerar o aluno como cliente, que ali está pagando por um produto, sendo a função do professor tornar esse produto atraente, em uma situação em que o importante é o certificado e não, necessariamente, a qualidade das aprendizagens.

A partir da apresentação do tema, problema e dos objetivos anteriormente justificados, partimos para a definição dos procedimentos metodológicos que dão suporte para a pesquisa e para a construção da tese, tendo sempre em mente que o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular a articulação. O método tem, pois, uma função fundamental: além do seu papel instrumental, é a “própria alma do conteúdo”, o “próprio caminho do pensamento” (HABERMAS, 1987).

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Esta investigação tem como objetivo ampliar o debate sobre a Geração Y considerando o universo do trabalho e o educacional.

1.4.2 Objetivos específicos

Especificamente, objetivamos discutir a redefinição do conceito de trabalho, buscando conhecer as nuances que a exploração da mão de obra pelo capital assumiu nesse novo conceito, a partir do avanço da tecnologia proporcionado pela Revolução Tecnológica a partir da década de 1970, bem como seus impactos nas esferas social, política e econômica.

Considerando que o processo de construção dos indivíduos é mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e identitárias e tomando a família, a escola e a mídia no mundo contemporâneo como instâncias principais que se relacionam na formação e na construção da identidade da Geração Y, objetivamos a discussão da teoria do *habitus* presente nos estudos de Pierre Bordieu e Norbert Elias, com vistas a entender a socialização e a individualização dos sujeitos pertencentes à Geração Y no mundo do trabalho a partir da revolução tecnológica.

Por fim, pretendemos caracterizar a Geração Y e sua percepção dos conceitos do trabalho docente e, a partir daí, fazemos uma análise do impacto da formação da Geração Y no mundo acadêmico, listando se e em que aspectos a prática profissional docente tem sido afetada em função das especificidades dos jovens alunos dessa geração.

1.5 Metodologia

No percurso de levantamento de material bibliográfico, encontramos poucas publicações relevantes envolvendo Geração Y e Educação. Só depois da entrada dessa geração no mercado de trabalho é que as publicações sobre o tema começaram a se intensificar, surgindo novos debates em várias áreas. Na academia, esse tema já é discutido há algum tempo fora do Brasil. É possível encontrar uma série de publicações, de diversas origens, em periódicos acadêmicos internacionais. No Brasil, todas as pesquisas começaram a ganhar espaço muito recentemente. A maior parte das publicações está na área de Recursos Humanos, nos cursos de Administração de Empresas. Sobre os impactos dos alunos dessa geração no universo escolar e no trabalho docente, temos pouquíssimas investigações e nenhuma diretamente relacionada à área educacional.

Assim sendo, esta pesquisa ganha contornos de pesquisa exploratória, já que o objetivo desse tipo de pesquisa é “familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado” (GIL, 2008).

A abordagem desta pesquisa é de natureza qualitativa. Atualmente, pesquisas dessa natureza ocupam um lugar distinto entre as várias “possibilidades de se estudarem os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995).

Segundo Bogdan (*apud* GODOY, 1995) a pesquisa qualitativa tem como características principais: (a) tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; (b) é descritiva; (c) os pesquisadores preocupam-se com o processo e não somente com os resultados e com os produtos; (d) existe tendência dos pesquisadores de utilizar dados indutivamente e o significado é a preocupação essencial do pesquisador.

Como procedimento para a coleta de dados, fez-se uso da pesquisa bibliográfica, que consistiu na seleção da literatura de interesse, na discussão do pensamento encontrado a respeito do tema como fundamentação teórica. Para isso, buscamos textos de fontes variadas abordando questões relacionadas aos temas juventude/Geração Y, trabalho e Educação/trabalho docente.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto.

Inicialmente, fez-se uma pesquisa por abrangência, tendo como ponto de partida algumas palavras-chave ligadas ao tema. Foram executadas diversas buscas, procurando por artigos, publicações em revistas, internet, livros que continham essas palavras e foi feita uma análise detalhada do conteúdo desse material. Em seguida, depois de uma busca em profundidade, foram selecionados os textos mais relevantes para a pesquisa.

Apesar de não encontrarmos publicações relevantes no Brasil que envolvam a temática Geração Y x Educação, é possível perceber que o tema Geração Y figura entre as principais preocupações da atualidade no Brasil e no mundo no ambiente profissional. Se considerarmos também a chegada da Geração Z³ às escolas é possível afirmar que temos um campo muito fértil para pesquisas nessa área.

1.6 O texto

Considerando essa breve contextualização, o texto foi estruturado em cinco capítulos, mais as considerações finais. O segundo capítulo caracteriza e discute a Revolução Tecnológica ocorrida após a década de 1970 bem como seus impactos nos aspectos sociais, políticos, e profissionais. Esse capítulo também discute a redefinição do conceito de trabalho a partir da evolução da tecnologia e a exploração da mão de obra pelo capital nesse contexto.

³ Segundo Santos Neto e Franco (2010, p.14) a Geração Z é composta por indivíduos que nasceram a partir de 1993 e que estão, portanto, na faixa de 0 a 17 anos. Os indivíduos a ela pertencentes, mais do que a Geração Y, são aqueles do mundo virtual: internet, videogames, redes sociais, etc.

Já o terceiro capítulo tem como referência a teoria do *Habitus* na obra de Pierre Bordieau e Norbert Elias e, de maneira sintética busca discutir algumas de suas principais propriedades teóricas, como a socialização e individualização dos sujeitos no mundo do trabalho a partir da revolução tecnológica apresentada no capítulo anterior.

O quarto apresenta, por meio da abordagem histórica, o conceito de geração e de juventude e as mudanças pelas quais esses dois conceitos têm passado ao longo da história da humanidade e, mais especificamente, apresentamos o perfil profissional e preparação para o mercado de trabalho da Geração Y. Também nesse capítulo caracterizamos essa geração por meio da análise do contexto de sua formação social e teórica, considerando as mudanças provocadas por esses jovens nos ambientes educacional e profissional, bem como os reflexos da tecnologia no seu comportamento. Ainda nesse capítulo analisamos o impacto da formação da Geração Y no mundo acadêmico. Para isso fizemos uma contextualização do Ensino Superior hoje no Brasil, do papel do professor e as mudanças pelas quais o trabalho docente tem passado, impelidos pelas características específicas desses jovens.

Finalmente, o quinto capítulo discute as mudanças que os alunos da Geração Y estão trazendo/impondo para as escolas, para as salas de aula e, sobretudo, para o trabalho docente. Para isso, partimos da caracterização desses jovens, tidos por alguns autores como nativos digitais, e da caracterização dos docentes, migrantes digitais. Também tratamos da formação do professor e dos desafios que os aguardam no exercício da docência e da convivência com a Geração Y.

Nas considerações finais, concluimos o estudo, retomando nossos objetivos iniciais considerando os dados de campo, o entendimento dos autores e com base em nossas impressões pessoais. Cabe salientar que, assim como juventude, trabalho e Educação estão em constante transformação, as reflexões aqui apresentadas nos são úteis para entender a realidade que se delineia atualmente e que novas investigações sempre serão requeridas nesse campo de estudo.

CAPÍTULO II

IMPACTOS SOCIAIS, POLÍTICOS E ECONÔMICOS PROVOCADOS PELA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA A PARTIR DE 1970

O primeiro pressuposto de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro ato histórico destes indivíduos, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida. (MARX, 1986, p. 22)

Este capítulo tem como objetivo apresentar as transformações na sociedade, na política e na economia em função da revolução tecnológica a partir da década de 1970 e, para isso, tem como ponto de partida a mudança pelas quais o conceito de trabalho tem passado ao longo da História. Segundo Castells (2002, p. 91) “Esse sistema tecnológico, em que estamos totalmente imersos na aurora do século XXI, surgiu nos anos 1970”.

Tendo como premissa o fato de que toda ação humana é uma ação social e, portanto, histórica, as reflexões sobre o conceito de trabalho aqui apresentadas têm como intuito situar os jovens da Geração Y nesse contexto.

A fase compreendida entre os 16 e 24 anos de uma pessoa é das mais críticas, uma vez que é nela que, geralmente, tende a ocorrer a conclusão da formação escolar e o ingresso na vida profissional. Assim, os sucessos escolares e ocupacionais nessa faixa etária têm importância destacada e se refletem e/ou determinam o restante da vida do trabalhador. Não há como não tratar dos conceitos de trabalho em uma investigação que tem por objeto de pesquisa o jovem da Geração Y.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria em um ontem, através do hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos (FREIRE, 2008, p. 33).

Há que considerar, também, que o trabalho, ao longo da História da humanidade, constitui um aspecto que se confunde com a própria vida, já que é por meio do trabalho que o homem busca satisfazer suas necessidades de

sobrevivência, ou seja, o homem interage com a natureza, com o intuito de buscar recursos que assegurem sua existência.

Sobre isso Marx (1986) afirma:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana (MARX, 1986, p. 297).

Esse processo executado pelo homem buscando seu próprio sustento também é executado pelos animais, no entanto os dois são processos distintos, uma vez que o homem, ainda que o desempenhe de forma instintiva, a fim de satisfazer suas necessidades, modifica tanto a natureza quanto a si mesmo, passando a desenvolver capacidades de adaptação ao meio.

Marx e Engels (2012) evidenciam que o primeiro pressuposto de toda a História humana é a existência dos seres humanos vivos, o que exige a produção dos meios de existência, por isso, os homens começaram a se distinguir dos animais, sobretudo por serem capazes de produzir sua própria vida material. É justamente essa capacidade de transformar o meio e a si mesmo que o distingue dos demais animais. Sobre a diferença das ações humanas com as ações dos animais Marx escreve:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-lo em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira (MARX, 1987, p. 212).

Segundo Engels (1976)

O animal apenas utiliza a natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhes novas modificações que julga necessárias, isto é, domina a Natureza. E essa é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença (ENGELS, 1976, p. 223).

Isso ocorre porque as ações animais são movidas pelo instinto, ao passo que o homem, por ser racional, devido à sua capacidade teleológica, é capaz de idealizar o resultado de sua ação, antes mesmo de executá-la, por isso, para Braverman (1980), o trabalho humano é consciente, proposital e orientado pela inteligência.

Marx (1987) ainda afirma que, no trabalho humano, há uma relação de troca mútua, dialética, entre homem e a natureza. Quando o homem altera a natureza, também altera a si mesmo; quanto trabalha, ele interfere na natureza, deixando nela suas marcas. Nesse processo recíproco, a natureza interfere no homem, imprimindo marcas em sua consciência. Ocorre, então, uma mediação entre homem e natureza. O trabalho seria positivo, parte da condição humana.

Sendo o trabalho parte da condição humana, concluímos que é uma atividade essencialmente social. Aquele que trabalha busca sua inserção no espaço social, afirmando-se como um indivíduo entre muitos. Cruz (2001, p. 02) afirma que o significado social do trabalho está associado às atividades realizadas por indivíduos e produzidas pela sociedade à qual eles pertencem.

Sendo assim, a importância que se tem atribuído ao trabalho está diretamente relacionada à época histórica em que se vive. O trabalho como atribuição somente às classes inferiores ou aos animais da sociedade antiga é totalmente diferente da visão capitalista do trabalho que temos hoje. A História da humanidade nos leva a perceber as transformações relacionadas às questões do trabalho, da ocupação e do emprego que ocorreram ao longo do período de civilização. As transformações pelas quais certos grupos de seres humanos passaram como, por exemplo, da condição de caçadores e pescadores à de agricultores, do nomadismo ao sedentarismo, buscando sua sobrevivência, são marcos na História da humanidade e que influenciaram diretamente o entendimento do trabalho, além das mudanças climáticas e ecológicas.

Nesse sentido, Frigotto (2010) afirma que o homem cria e recria sua própria existência, mediante a ação consciente do trabalho, que possibilita a produção de todas as dimensões da vida, ou seja, ele não se reduz à atividade laborativa ou emprego.

Tomando como base esse homem, que cria e recria sua própria existência, é normal que o mundo, ao longo da História da humanidade, tenha passado por significativas transformações na base econômica e em sua estrutura social. O Quadro 1 pode dar uma visão melhor de como isso aconteceu.

QUADRO 1 Cinco revoluções tecnológicas sucessivas

REVOLUÇÃO O TECNOLÓGICA	NOME POPULAR DA ÉPOCA	PAÍS-NÚCLEO (Difusão)	INOVAÇÕES INICIADORAS DA REVOLUÇÃO (<i>Big-bang</i>)	INFRAESTRUTURAS NOVAS OU REDEFINIDAS
Primeira (1771)	Revolução Industrial	Inglaterra	Abertura da fábrica de algodão de Arkwright em Cromford	Canais e vias fluviais; energia Hidráulica
Segunda (1829)	Era do vapor e das ferrovias	Inglaterra (Europa) e EUA	Prova do motor a vapor Rocket para a ferrovia Liverpool-Manchester	Ferrovias; telégrafo; grandes portos, grandes depósitos e grandes barcos de navegação mundial; gás urbano
Terceira (1875)	Era do aço, da eletricidade e da engenharia pesada	EUA e Alemanha, ultrapassando a Inglaterra	Inauguração da fábrica de aço Bessemer de Carnegie, na Pensilvânia	Navegação mundial em velozes barcos de aço (uso do Canal de Suez); redes transnacionais de ferrovias (uso do aço barato); grandes pontes e túneis; telefone; redes elétricas (para iluminação e uso industrial)
Quarta (1908)	Era do petróleo, do automóvel e da produção em massa	EUA e Alemanha (Europa)	Saída do primeiro modelo-T da planta de Ford em Detroit, Michigan	Autopistas, portos e aeroportos; redes de oleodutos; eletricidade de plena cobertura (inclusive doméstica); telecomunicação analógica mundial
Quinta (1971)	Era da informática e das telecomunicações	EUA (Europa e Ásia)	Anúncio do microprocessador Intel, em Santa Clara, Califórnia	Comunicação digital mundial (cabos de fibra ótica, rádio e satélite); Internet e outros serviços eletrônicos; redes elétricas de fontes múltiplas e uso flexível; transporte físico de alta velocidade.

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PEREZ, C. **Revoluciones tecnológicas y capital financiero: la dinámica de las grandes burbujas financieras y las épocas de bonanza.** México: Siglo XXI, 2004. p. 35-39. (CITADO por AREND, 2012).

Segundo Crawford, (1994, p. 36), “Na primeira grande etapa do desenvolvimento econômico, os homens passaram de uma economia tribal de caça e coleta para uma economia agrícola”, ou seja, nessa fase, a agricultura utilizava a mão de obra escrava, sem salário, com regime de trabalho forçado.

CRAWFORD (1994, p. 19), afirma, ainda, que esse tipo de economia também conhecida como pré-industrial, é extrativista, uma vez que utiliza todos os recursos disponíveis no ambiente natural, cujas principais atividades desenvolvidas são: lavoura, extração de minérios, pesca e silvicultura. Nesse modelo de economia, as pessoas almejam ser proprietárias de terras.

Por outro lado, dando prosseguimento às transformações econômicas, na segunda metade do século XVIII, surge a revolução industrial, com origem na Inglaterra. As antigas oficinas artesanais, que produziam grande parte das mercadorias consumidas na Europa, controladas por um artesão que dominava todo processo de produção, foram sendo substituídas, com a chegada de novas tecnologias e novas máquinas, que deram lugar às fábricas, nas quais todas as modernas máquinas tornaram-se propriedade de um capitalista.

Com isso, verifica-se que a produção fabril concorrendo com a artesanal levou-a à ruína e os antigos artesãos a ficarem expostos a condições precárias de trabalho, longas jornadas e baixa remuneração.

Nessa linha, “O capital físico e mão de obra não especializada são os principais recursos de uma sociedade industrial” (CRAWFORD, 1994, p. 20). E por isso, podemos dizer que a organização econômica e social é voltada principalmente para a propriedade do capital financeiro e físico, em que o maior desejo das pessoas é a aquisição de uma usina de aço ou de uma fábrica de automóveis.

Já a terceira etapa da História econômica e social está voltada para a informação e o conhecimento, inicialmente nos Estados Unidos, mas logo começou a ser difundida nos demais países industrializados e desenvolvidos do mundo.

A economia do conhecimento diverge muito de suas antecessoras em relação aos serviços prestados, que se tornaram cada vez mais significativos na cadeia global das organizações, sendo considerados como a forma dominante de emprego nesta sociedade.

É uma economia de processamento de informações no qual computadores e telecomunicações são os elementos fundamentais e

estratégicos, pois produzem e difundem os principais recursos de informação e conhecimento. Pesquisa científica e Educação são a base da geração de riqueza. A organização econômica e social é centrada na posse de informação, do conhecimento e na utilização do capital humano, que significa pessoas estudadas e especializadas (CRAWFORD, 1994, p. 20).

Antigamente, para que o ser humano desempenhasse de forma adequada as suas funções, era necessário ter principalmente força física e resistência e, dessa forma, os trabalhadores eram vistos pelas organizações como recursos produtivos. Contudo, “o trabalho humano está migrando da utilização dos braços para a utilização da mente” (CAMPOS, 1995, p. 51).

Essa pode ser considerada uma evolução na visão do trabalho humano nas sociedades corporativas, que passam a tratar os trabalhadores como ativos das empresas, ou seja, como patrimônio dessas entidades, um recurso a ser trabalhado e não apenas mão de obra utilizada na produção de bens de consumo e de serviços.

O capital humano de uma empresa é o conjunto de conhecimento de seus colaboradores, aliado à capacidade de realizar trabalhos úteis com diferentes graus de complexidade e de especialização.

Nessa cadeia de ideias e constante transformação das relações de trabalho, esse capital humano passa a ser visto cada vez mais como um parceiro nas atividades das empresas, fornecendo conhecimentos e habilidades na tomada de decisões para atingir os objetivos globais das organizações.

Esse conceito mais amplo da definição de capital humano remete à ideia do funcionário como um investidor na empresa, um colaborador no cumprimento dos objetivos das organizações, em outras palavras, como um sócio que investe com o seu conhecimento e inteligência nas atividades de produção e gerenciamento na busca do crescimento da empresa, almejando também o seu crescimento individual tanto intelectual, quanto financeiro.

Pode ser notado que, pelo menos em nível de discurso ideológico, na sociedade atual o capital humano é de suma importância para as organizações, que funcionam por meio das pessoas que delas fazem parte. De acordo com Dutra (2002, p. 23), as organizações e as pessoas devem trabalhar lado a lado, buscando desenvolver um processo ininterrupto de troca de competências e informações.

A organização transfere seu patrimônio de conhecimentos para as pessoas, enriquecendo-as e preparando-as para enfrentar novas situações profissionais e pessoais, quer na organização, quer fora

dela. As pessoas, ao desenvolverem sua capacidade individual, transferem para a organização seu aprendizado, capacitando a organização para enfrentar novos desafios (DUTRA, 2002, p. 23).

Esse tipo de relacionamento, em que existe um compartilhamento de informações entre organizações e pessoas, é considerado benéfico para ambas as partes, uma vez que colabora com o desenvolvimento intelectual dos indivíduos e com o crescimento organizacional.

Essa observação feita por Dutra (2002, p. 23) pode ser considerada como um complemento para as ideias de Chiavenato (2008), que estabelecia uma relação de mútua dependência entre organizações e pessoas, cujos benefícios são recíprocos, ou seja, uma relação de duradoura simbiose entre pessoas e organizações.

Conforme apresentado nas páginas seguintes, esse discurso demagógico é utilizado em grande escala pela maioria, senão todas, das empresas no mundo todo, principalmente no ocidente, onde predomina o capitalismo em sua forma selvagem e, ironicamente, autodestrutiva também.

2.1 Redefinição do conceito de trabalho a partir do avanço da tecnologia

O mundo constantemente sofre transformações em sua base econômica e social; cada etapa tem um papel expressivo na evolução da História. E diante desse fato, é importante desenvolver uma análise das principais características que envolvem os períodos históricos que apresentaram distintas relações de trabalho afetando principalmente os indivíduos que compõem a mão de obra: sociedades primitiva, escravocrata, feudal e industrial.

De acordo com Oliveira (1987, p. 5) “trabalho é a atividade desenvolvida pelo homem sob determinadas formas, para produzir a riqueza”. O homem encontra no trabalho uma forma de satisfazer suas necessidades e de preencher as aspirações relacionadas à vida material. E isso se tornou o foco principal da sobrevivência humana. À medida que alcança determinado propósito, a busca pelas necessidades é ampliada a outros homens, criando-se, assim, as relações sociais que estabelecem a condição histórica do trabalho.

Escravismo, feudalismo e capitalismo são formas sociais em que se tecem as relações que dominam o processo de trabalho, a forma concreta do processo histórico, sob determinadas condições, que

cria essas relações fundamentais. O processo histórico é compreendido, portanto, pela forma como os homens produzem os meios materiais, a riqueza (OLIVEIRA, 1987, p. 6).

Verifica-se que, no decorrer da História, surgiram diferentes maneiras de execução de trabalho, influenciadas constantemente pelas tendências econômicas, sociais e políticas.

Outra questão que apresenta relevância na definição da História do trabalho é a distinção entre progresso econômico e progresso social; inicialmente, tem-se a ideia de que quanto maior o progresso econômico, mais desenvolvido será o progresso social. No entanto, o progresso social tem sua origem nas lutas de classes dos operários, que ocorreram ao longo do processo histórico, devidas à presença da incompatibilidade de interesses existente entre as classes dominantes e os seus subordinados.

De acordo com Chiavenato (2008), no decorrer da História da humanidade, sucedem-se os desdobramentos da atividade laboral do ser humano. A evolução histórica mostra que, no decorrer dos anos, o trabalho tem sido desempenhado sob diversas formas e aspectos, em que se define quem trabalha para quem, quem é o chefe e quem são os subordinados.

Contudo, foi por meio da Revolução Industrial que a palavra trabalho atingiu a sua verdadeira identidade, em um período marcado por grandes transformações, que exerceu forte influência sobre as organizações e o seu respectivo comportamento. Isso pode ser constatado pela análise das três “Éras Organizacionais”, que ocorreram ao longo do século XX: a era industrial clássica, a era industrial neoclássica e a era da informação (CHIAVENATO, 2008).

A *Era da industrialização* clássica ocorreu logo após a Revolução Industrial, estendendo-se até por volta de 1950. A característica marcante dessa Era foi o aparecimento das máquinas e a posterior industrialização dos países desenvolvidos. Verifica-se que, durante esse período, o importante era a especialização da mão de obra. Os trabalhadores eram vistos como recursos de produção, apresentando-se ao lado das máquinas e dos demais recursos da empresa. O homem era considerado como sendo um apêndice da máquina. Daí a necessidade de maior padronização na medida do possível. (CHIAVENATO, 2008).

A Era da industrialização neoclássica inicia-se por volta de 1950 estendendo-se até 1990. É uma fase marcada por grandes mudanças, que começaram a ocorrer

de forma rápida e avançada. As empresas começaram a visualizar as pessoas como recursos vivos, dotados de inteligência e de capacidade, deixando de lado a concepção do trabalhador como uma simples peça inerte dentro do espaço produtivo.

Além disso, a tecnologia passou a exercer grande influência no comportamento das organizações e também das pessoas e, com isso, as mudanças continuaram a acontecer de forma cada vez mais rápida e inconstante.

A Era da informação teve início na década de 1990 e perdura até a atualidade. É uma fase em que as mudanças ocorrem em um ritmo desenfreado e contínuo, desencadeando grandes transformações na vida humana. Essa sociedade, baseada em conhecimento, teve sua origem nos Estados Unidos, e logo se espalhou pelos demais países desenvolvidos do mundo, como Canadá, Europa Ocidental e Japão.

Essa é a chamada era pós-industrial, em que o trabalho que exige força física é executado pelas máquinas e o que necessita da mente, pelos homens. Por isso, cabem às pessoas as tarefas consideradas fundamentais: ter criatividade, apresentando ideias inovadoras e amplas dentro do espaço organizacional. A tecnologia da informação, integrando a televisão, o telefone e o computador, trouxe desdobramentos imprescindíveis e transformou o mundo em uma verdadeira aldeia global (CHIAVENATO, 2008).

As informações são transmitidas para todo o mundo em milésimos de segundos, e com isso, o diferencial passa a ser a capacidade para transformar as informações e empregá-las de forma adequada no universo organizacional.

A sociedade pós-industrial é resultado de um conjunto de transformações advindas da indústria, com o aumento da expectativa de vida da população, investimentos em tecnologia, propagação e valorização dos níveis de escolaridade.

Durante a Revolução Industrial, as máquinas substituíram a força física. Na economia do conhecimento, as máquinas complementam a capacidade mental do ser humano. (CRAWFORD, 1994, p. 36). A evolução da economia mundial é acompanhada pelo trabalho, que muda de um setor para outro, bem como as categorias de serviços que aparecem e se desenvolvem.

Em nossa sociedade do conhecimento, o aumento da taxa de produtividade causa outras mudanças também. Por definição, o aperfeiçoamento em produtividade libera trabalhadores para

mudarem de emprego. Um corolário dessa regra é que quanto mais rápido a taxa de produtividade aumenta e a economia cresce, mais rápida é a taxa de mudança (CRAWFORD, 1994, p. 24).

O aperfeiçoamento do processo produtivo em determinado setor resulta na exigência de um menor número de pessoas para trabalhar em tal setor, como é o caso da agricultura, por exemplo. Depois da invenção de máquinas que facilitam a execução das atividades no campo, a quantidade de trabalhadores rurais sofreu forte declínio, e com isso, a tendência é que esses trabalhadores procurem outros tipos de atividades, o que ocasionará maior concentração de trabalhadores em outro setor econômico, que esteja em expansão, até que ele fique saturado.

A manufatura pesada, principalmente nos setores de borracha e têxtil, está sendo substituída por manufaturas de tecnologia avançada, em indústrias de informática, telecomunicações, aeroespaciais, e também pelos serviços que exigem maior conhecimento, como comunicações, processamento de dados, entre outros.

O conhecimento passa a ser visto como a matéria-prima essencial para as organizações, uma vez que é responsável direto pela criação de vantagem competitiva, principalmente para as empresas que utilizam grande volume de informações. E os seres humanos, dotados de inteligência e habilidades, são os únicos capazes de utilizar as informações de forma coerente, para a execução de um determinado trabalho. Crawford (1994 p. 21) afirma que “A informação torna-se inútil sem o conhecimento do ser humano para aplicá-la produtivamente.”

A partir do avanço da tecnologia, o conceito de trabalho sofreu algumas redefinições. Esse conceito sempre foi motivo de questionamento teórico entre vários autores e em qualquer idioma considerado.

Na Língua Portuguesa, várias são as definições ou significados, indo desde a realização de uma obra, ou um esforço rotineiro e repetitivo, produção de uma obra, até discussões e deliberações de uma assembleia. Albornoz (1994) apresenta que os deveres de casa de um aluno, o processo de nascimento de uma criança, os serviços de uma repartição burocrática, tendem sempre para um fim ou esforço.

Segundo Albornoz (1994, p. 25), o trabalho hoje é um esforço planejado e coletivo, no contexto do mundo industrial, na era da automação. Hoje, tarefas repetitivas são realizadas por robôs e por máquinas e não mais por seres humanos que agora são capazes de usar seu conhecimento e criatividade para produzir outras coisas que não demandam esforço físico e, sim, mental.

Nessa perspectiva, o trabalho pode ainda vir a ser algo que ele ainda não é, mesmo que ainda possa ser considerada uma utopia. Ou seja,

Numa sociedade feliz, sem classes, o objetivo supremo não será mais o rendimento, o desempenho, mas a criação. O trabalho não será mais uma carga que o homem suporta apesar dele mesmo porque sem ele não se sabe do que viveria. (...) De modo que o trabalho poderá tornar-se enfim, uma atividade com sentido. (ALBORNOZ, 1994, p. 98).

Percebe-se, nessa colocação, que, infelizmente, ainda hoje a maioria das funções é considerada sem sentido por quem as executa, uma vez que, com raras exceções, o trabalhador não consegue produzir por completo e inteiramente algo na empresa em que ele trabalha e isso lhe tira o sentimento da criação, já que ele não participa do processo até a apresentação do produto final. Como exemplo, podemos citar a indústria automobilística. A maioria dos colaboradores não participa do processo de criação/produção do início ao fim.

Quando se fala em trabalho, fala-se também em processo e em transformações. De acordo com Campos (2007),

A relação de trabalho, tendo por base uma reflexão de fundamentação marxista, é uma relação do ser com o mundo. A atividade de trabalho visa não só à sobrevivência, à criação de bens necessários à existência humana ou ao desenvolvimento da sociedade. Por ser essencialmente humano, o trabalho visa também à construção subjetiva do sujeito. O trabalho traz impresso um projeto, uma lei determinante do seu modo de operar e uma vontade. Pode-se dizer, então, que o homem extrai de seu trabalho, além do produto, sua maneira de ser e de se posicionar diante dos outros, da sociedade e do mundo do trabalho, ou seja, extrai a sua própria subjetividade (CAMPOS, 2007, p. 3).

Esse autor argumenta, então, que trabalhar é uma ação direcionada, uma atividade adequada a um fim. Sendo assim, trata-se de uma característica exclusivamente humana.

Ao discutir a gestão do trabalho, do homem e da vida a partir do pensamento de Michel Foucault, Batista e Guimarães (2009, p. 126) argumentam que

Se considerarmos que os fatores dinâmicos das mudanças sociais devem ser buscados na ampliação das forças produtivas e nas relações que os homens são compelidos a constituir entre si, a fim de atender as suas necessidades materiais; em nome de uma melhor organização dessas forças foram desenvolvidas uma série de técnicas com o pretenso intuito de que fosse aumentada a produtividade, o que de fato se verificou. Contudo, se essa

aproximação em torno do trabalho poderia conter o germe para o desenvolvimento do homem, no sentido do aprimoramento de sua sociabilidade, uma vez que o põe em contato com os outros indivíduos, mais do que com a natureza, na sociedade burguesa manifesta-se a oposição entre a personalidade individual e o trabalho coletivizado. Forma de atuação essa das forças produtivas imposta como condição de vida pelas relações das quais faz parte o indivíduo, inserido em uma multidão de trabalhadores devidamente organizada e controlada (BATISTA; GUIMARÃES, 2009, p. 126).

Com relação a essa discussão, os mesmos autores esclarecem que

De acordo com Michel Foucault, essa forma de manifestação das relações de poder, sobre a vida, foi empregada a partir do século XVII em torno de dois eixos. Um deles, baseado no corpo como máquina, ocupou-se do seu adestramento, do acrescentamento de suas capacidades, da exaustão de suas forças; o que, paralelamente, proporcionou o crescimento de sua utilidade, inserindo o corpo em um conjunto de regras, de normas, entrelaçadas em uma concatenação lógica, ou pelo menos verossímil, formando com isso um todo (estratégias globais, táticas locais e corpo) supostamente coeso, aparentemente harmônico. O segundo eixo centrou-se no corpo enquanto espécie, no corpo atravessado pela mecânica do ser vivo, como base de processos biológicos tais como a reprodução, os nascimentos e mortalidades (BATISTA; GUIMARÃES, 2009, p. 129).

Batista e Guimarães (2009) concluem que apenas por meio do discurso verdadeiro é possível atribuir valores, julgar, reprovar, o que influencia de forma patente o modo como se vive. Uma dessas verdades produzidas por esse tipo de saber está expressa na relação que as coletividades estabelecem com o trabalho. Independente da necessidade material dos indivíduos, o trabalho, muitas vezes, é posto como uma necessidade em si, como fonte de dignificação, discurso esse que contribui para que as populações se tornem mais suscetíveis ao controle.

2.2 Novas formas de exploração da mão de obra na era da tecnologia

Com o advento da tecnologia (robotização, mecanização, automação etc.), a mão de obra passou também por profundas transformações. Muitas funções e cargos deixaram de existir e, em contrapartida, novas funções apareceram com novas exigências de seus ocupantes. No entanto, a exploração da mão de obra continua a mesma, só mudando de roupagem.

Os escravos no mundo do trabalho moderno recebem nomes sugestivos, tais como: capital intelectual, colaboradores, talentos humanos, parceiros, talentos intelectuais etc.

De acordo com Marx (1980), o operário (o trabalhador, de uma forma geral, em qualquer situação, que nada mais é do que força de trabalho), irá empregar todo seu tempo disponível a serviço da reprodução ampliada do capital, não dispondo de qualquer tempo para Educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social, para o livre exercício das forças físicas e espirituais, desvirtuando-se assim, de aspectos relacionados à sua qualidade de vida.

Novas tecnologias aparecem e novos requisitos na força de trabalho são necessários. Druck (2001) discute a respeito da qualificação, da empregabilidade e da competência, estabelecendo nexos entre esses três atributos. Muito do que se discute é mito e argumenta que há outra realidade por traz do discurso ideológico, em que algumas afirmações sobre a superioridade do trabalhador mais escolarizado são questionadas.

Com base nisso, Druck (2001) evidencia que

[...] na literatura marxista da Sociologia do Trabalho, o debate toma outro caminho à medida que a noção de qualificação e desqualificação está vinculada à concepção de alienação do trabalho. Assim, a divisão social do trabalho sustentada na separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual - como elemento fundamental do processo de trabalho capitalista, desde a cooperação, a manufatura e a grande indústria - desenvolve-se de forma a subordinar o trabalho ao capital e, para garantir o processo de extração da mais valia, é indispensável o controle, a gerência, a disciplina, a hierarquia e a expropriação do saber do operário para transformá-lo em monopólio de capitalista. No entanto, esse processo de controle não se realiza sem lutas e contradições, em que as relações de forças entre operários e capitalistas podem alterar o grau de subordinação e de desqualificação ou qualificação dos trabalhadores (DRUCK, 2001, p.12).

Novas formas de exploração do trabalho aparecem com novas roupagens e ideologias subjacentes. Em nome da modernização tecnológica e organizacional, em nome das exigências do mercado e da competitividade, em nome da globalização, a classe dominante desenvolve uma política com relação ao trabalho e ao emprego, que é marcada pela perversidade e por uma relação de forças desfavorável aos trabalhadores e a suas organizações, que, fragilizados pelo desemprego, pela

informalidade e pela precarização, não conseguem romper com esse quadro (DRUCK, 2001).

Acontece que, na prática, o que se tem é outra coisa. Druck (2001) aponta que a empregabilidade não passa de um rótulo para tentar unir adaptabilidade, flexibilidade e criatividade. A empregabilidade foi um termo recentemente criado, com o intuito de enquadrar o trabalhador moderno às necessidades do empregador de mão de obra qualificada e barata. Exige-se do candidato a uma vaga que ele já esteja completamente qualificado para poder concorrer a uma vaga no mercado de trabalho.

O pior é que, com isso, transferiu-se a responsabilidade dessa qualificação para o próprio trabalhador, ou seja, se ele não se emprega é porque não estudou, não se qualificou, não investiu em si mesmo. Como consequência, o Estado e o sistema capitalista ficam isentos da responsabilidade e do custo de formar adequadamente o indivíduo para assumir um posto de trabalho. Isso, no final das contas, não passa de uma perversidade explícita, pois, para garantir as condições de competitividade, o trabalhador necessita de abrir mão de uma série de coisas, tais como família, amigos, convívio social, tudo isso com o objetivo de priorizar os objetivos da empresa, vestir a camisa da empresa (DRUCK, 2001).

No Brasil, observa-se, nesse início de século, uma epidemia de qualificação que parece substituir, aos poucos, a epidemia da qualidade total da década de 1990. O debate acerca da necessidade de qualificar a força de trabalho em nosso País tomou conta de todos os setores da sociedade. A qualificação tem sido colocada como a grande solução para os problemas de desemprego e de subemprego no Brasil.

Segundo Pochmann (2001), o mito da qualificação e da empregabilidade encontrou na concepção de competência um sentido mais perverso ainda, pois se trata agora de responsabilizar os indivíduos que trabalham por desenvolver aptidões e habilidades requeridas pelas mudanças tecnológicas e organizacionais que criam novas situações de trabalho, a fim de garantir produtividade e competitividade às empresas.

A nova roupagem da escravidão é defendida por meio da ideologia do comprometimento organizacional, da iniciativa e da completa motivação, que são exigidas pelos empregadores como atributos natos de seus colaboradores ou candidatos a uma vaga de emprego. E, com isso, mais uma vez, quem sempre sai

perdendo é o trabalhador que, além de gastar muito tempo em sua formação profissional, não encontra trabalho e se frustra, porque a ideologia dominante é a de que ele é incompetente. Só que a realidade é a falta de vagas para todas as pessoas que se profissionalizam e têm uma alta empregabilidade.

As transformações econômicas e políticas pelas quais o mundo passa, bem como a crescente utilização da informática e tecnologias associadas, têm alterado profundamente as relações produtivas e sociais. O volume de informações produzido em decorrência das novas tecnologias é constantemente superado, colocando novos parâmetros para a formação do cidadão. Vivemos na chamada sociedade do conhecimento (DOWBOR, 2001 *apud* ZIDAN 2011).

De acordo com Zidan (2011), o desenvolvimento científico-tecnológico exige uma aprendizagem constante por parte de todas as pessoas, que precisam estar preparadas para aprender ao longo da vida, podendo intervir em um novo cenário em constante evolução e adaptar-se a ele. Isso traz como consequência uma necessidade de autonomia, de criatividade e de autocrítica na obtenção e na seleção de informações, assim como nos processos de aprendizagem.

Por meio da manipulação não linear de informações, do uso de redes de comunicação e dos recursos de multimídia, o emprego da tecnologia de informação e comunicação promove, além da aquisição do conhecimento, o desenvolvimento de diferentes modos de representação e compreensão do pensamento. Ao mesmo tempo em que possibilitam representar e testar ideias, os computadores introduzem diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas (ZIDAN 2011, p. 100).

A modalidade de ensino a distância (EAD), de forma especial, pode beneficiar-se das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, que oferecem diversos tipos de recursos e ferramentas que favorecem e auxiliam a criação de um ambiente de aprendizagem. Podem dar suporte ao trabalho pedagógico desenvolvido, mesmo com todas as dificuldades, críticas e controvérsias inerentes a essa nova modalidade de qualificação.

2.3 Considerações para o futuro do trabalho no século XXI

O mundo do trabalho não é mais o mesmo, a partir das profundas transformações ocorridas no final do século passado, principalmente com o avanço da tecnologia em todos os segmentos.

A maior parte das atividades profissionais que hoje são exercidas, segundo Oliveira (2008), não existia há 250 anos. Essa transformação das profissões pôde ser sentida com maior intensidade nos últimos 50 anos e a extinção de algumas e o surgimento de outras estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento tecnológico experimentado nesse período. Segundo Pereira (2007, p. 1) “a tecnologia, por meio da informatização, robótica e automação tem a propriedade de criar e extinguir profissões”. Estabilidade e solidez, nesse novo contexto, são conceitos que não se atrelam mais à vida profissional. Em virtude de tantas e tão significativas mudanças, a expressão seguir carreira perde seu sentido. Para Fromm (1977), essas mudanças no mercado de trabalho afetam não apenas questões sociais e políticas trabalhistas, mas também a própria identidade do trabalhador, que tem seu valor mensurado pelo que é capaz de produzir.

Tratando dos dilemas do trabalho do limiar do século XXI, Antunes (2013) coloca que

Em plena eclosão da mais recente crise financeira, estamos constatando a corrosão do trabalho contratado, a erosão do emprego regulamentado, que foi dominante no século 20 e que está sendo substituído pelas diversas formas alternativas de trabalho e subtrabalho, de que são exemplo o “empreendedorismo”, o “trabalho voluntário”, o “cooperativismo”, modalidades que frequentemente “substituem” o trabalho formal, gerando novos e velhos mecanismos de intensificação e mesmo autoexploração do trabalho (ANTUNES, 2013, p. 1).

Nesse sentido, para Sennett (2005), a crise pela qual o trabalho passa difere das anteriores. A supressão de postos de trabalho, a criação de outros, bem como o surgimento de novas atividades profissionais fazem com que o mercado de trabalho exija trabalhadores qualificados e polivalentes, capazes de atuar ativamente no mundo do trabalho e determinar novas possibilidades de vida. Assim, tem-se a redução da qualidade de vida para manutenção da própria existência profissional.

Dupas (1999), analisando os impactos das tecnologias na organização do trabalho, coloca que a articulação de fordismo, consumo de massa e keynesianismo⁴, vista como uma correlação de forças entre as várias categorias sociais, possibilitou algumas conquistas históricas à classe operária no período Pós-Guerra. Ferrer (1998) afirma que o modelo de acumulação capitalista desse período, com base na organização taylorista do trabalho, demandava mão de obra intensiva que, adicionada a uma intensa mobilização e organização dos trabalhadores, permitia condições muito favoráveis para as negociações para os sindicatos.

Como consequência dessas novas estruturas de acumulação expandidas multinacionalmente Dupas (1999) coloca que

Ocorreu um crescimento maciço do poder social do operariado, em especial o europeu. Isso ficou claramente evidenciado no final dos anos 1960 e começo dos 1970 por uma onda de mobilização social que atingiu quase todos os países, quando as bases para a atual lógica global começaram a se assentar.

A industrialização da periferia acarretou tensões e contradições a partir do aumento do poder social e de barganha dos trabalhadores. A sua capacidade de mobilização estendeu-se aos países em desenvolvimento. O fortalecimento da capacidade de negociação como classe começou a ter efeitos que transcenderam as fronteiras nacionais. A transferência dos processos produtivos para os países periféricos de fato não reduziu o poder social dos trabalhadores dos países centrais, somente ampliou o seu eixo (DUPAS, 1999, p. 2).

No entanto, a partir dos anos 1970, com a incorporação maciça das tecnologias aos processos produtivos, o que se deu foi uma mudança de base na correlação de forças entre as classes sociais. Dupas (1999) afirma que no início da década de 1980, o conflito entre capital e trabalho passou a apresentar uma nova situação estrutural, da qual destaca três fatores determinantes:

- A emergência de um novo padrão de acumulação pelo uso de capital intensivo em substituição ao trabalho intensivo. Quando o modelo de acumulação se baseava no uso de mão de obra intensiva,

⁴ A escola de pensamento econômico keynesiana tem suas origens no livro escrito por John Mainard Keynes chamado "Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda". Rapidamente, muitos economistas aderiram a essa escola, o que foi chamado de revolução keynesiana. A escola keynesiana se fundamenta no princípio de que o ciclo econômico não é autorregulador como pensavam os neoclássicos, uma vez que é determinado pelo "espírito animal" dos empresários. É por esse motivo, e pela ineficiência do sistema capitalista em empregar todos que querem trabalhar que Keynes defende a intervenção do Estado na Economia.

a situação era mais favorável aos trabalhadores: os empresários precisavam do trabalho de grandes massas de trabalhadores/consumidores. Agora, os sindicatos perdem sua força central e o desemprego estrutural passa a funcionar como disciplinador nato da força de trabalho. Dessa forma – com a marcha da automação e, posteriormente, da fragmentação –, o poder de barganha dos assalariados passou a sofrer grande erosão.

- A flexibilidade conseguida pelo atual modelo racionaliza o uso do capital, colocando-o em que as melhores condições do mercado apontam. É cada vez menor a simetria entre a flexibilidade das condições de produção e as exigências de sobrevivência dos trabalhadores. Pode-se produzir mais ou menos, aqui ou ali, pois a programação da produção por meio da informática e a transmissão de dados em tempo real o permitem. Mas o trabalhador vive a instabilidade de poder estar ora dentro, ora fora do mercado de trabalho.

- A rearticulação das empresas levou a uma inadequação das estruturas trabalhistas e forçou uma tentativa mal-sucedida de rearticulação dos sindicatos. As novas limitações são imensas, a começar pela coexistência em uma mesma fábrica de trabalhadores da empresa central e das terceirizadas, frequentemente com salários e condições de trabalho diferentes, quebrando – por exemplo – a isonomia de sua situação de classe do período anterior. Na prática, as empresas têm tido condições de se reordenar com maior flexibilidade e rapidez diante das exigências dos novos padrões de acumulação. As complexas questões geradas pela globalização forçaram a tentativa de reorganização do trabalhador coletivo. (DUPAS, 1999, p. 3)

Já prevendo tudo isso, Santos (1993) afirma que, no final do século XX, o mundo do trabalho sofreria um forte abalo em seu modelo de produção. É a instauração da nova ordem mundial em que a tecnologia, a comunicação instantânea, o encurtamento de distâncias e conexão com todo o mundo tomaram uma dimensão nunca antes imaginada. Para o autor, é o fenômeno da globalização, ou seja, o conjunto de transformações de ordem econômica, política e social, tecnológica, cultural, religiosa e educativa que ocorre no mundo que provocou o grande impacto nos setores industrializados.

Como consequência da globalização, Pereira (2007) coloca que

[...] grandes áreas do planeta passaram a ser alvo de empresas multinacionais que transferiram seus parques industriais para áreas distantes de suas sedes. A globalização materializou a circulação mundial de capitais e mercadorias. Rapidamente os mercados integraram-se. Esse processo foi facilitado pela evolução das tecnologias da informação, computadores, microeletrônica e telecomunicações. Essa integração trouxe consequências mundiais de ordem política, social e econômica (PEREIRA, 2007, p.9)

Reforçando isso, Santos (2003) aponta dois exemplos, sendo o primeiro o caso da transferência de inúmeras indústrias da Alemanha Ocidental para a Alemanha Oriental, onde os terrenos eram mais baratos e a mão de obra qualificada, porém com um salário três vezes menor do que aqueles pagos na Alemanha Ocidental. Já o segundo exemplo é o da América Latina, onde grandes empresas instalaram modernos parques industriais. Ali, além de pagarem salários menores aos funcionários, recebiam uma série de benefícios e incentivos fiscais, como a isenção de impostos e a doação de terrenos.

Com o uso de modernos equipamentos com tecnologia de ponta, o que se vê, hoje, é o aumento da produtividade e a diminuição dos postos de trabalho. Cada vez se produz mais mesmo com a diminuição do número de trabalhadores. Dessa forma, se o número de postos de trabalho tem diminuído substancialmente e muitas profissões têm desaparecido, é natural que muitos fiquem desempregados. Alguns conseguem recolocar-se no mercado de trabalho, outros se tornam profissionais autônomos como *motoboys*, taxistas, “sacoleiros”⁵ e outros. Muitos acabam no mercado informal do trabalho. Isso faz parte da flexibilização das relações do mercado de trabalho. Para Ferreira (2007, p. 2) “o mercado de trabalho do novo milênio apresenta como característica a tendência da redução do emprego formal”.

Para Sennett (2005), essa flexibilização do capital muda o sentido e o significado do trabalho e exige que os trabalhadores estejam abertos e aptos a mudanças rápidas e bruscas em curso prazo. Nesse sentido, Veloso e Trevisan (2005) *apud* Ferreira (2007) afirmam que

Flexibilidade é a capacidade com as novas situações e pressões do trabalho, visualizando e aceitando mudanças orientadas para a evolução e o desenvolvimento da empresa, administrando conflitos e promovendo esforços, com a obtenção de resultados satisfatórios (VELOSO; TREVISAN, 2005 *apud* FERREIRA, 2007, p. 2).

Assim, o trabalho, que antes era para a vida toda e tinha o objetivo de servir à família, passou a ser flexível. Ferreira (2007, p. 3) afirma que

Os atores envolvidos no mundo do trabalho já não se enquadram apenas nas relações entre patrão e empregado. Difunde-se a ideia de que os trabalhadores precisam ser competitivos, produtivos,

⁵ “Sacoleiro” é a definição popular dos vendedores autônomos, São caracterizados pelo fato de transportarem suas mercadorias em sacolas, para mostra-las ao público e vende-las.

modernos, multidisciplinares, políglotas, empreendedores e conhecedores de informática. As propostas de trabalho não se resumem ao trabalho “de carteira assinada” até por que está cada dia mais difícil encontrar emprego fixo. Antes se estendem por meio das cooperativas, empregos flexíveis que se compõem de atividades por conta própria e os “bicos” ou trabalhos informais (FERREIRA, 2007, p. 3).

Sobre a flexibilização das relações de trabalho, Souza (2001), com muita propriedade, ressalta que

As mutações tecnológicas e os problemas de competitividade, nos marcos da globalização, foram alguns dos argumentos esgrimidos para justificar a necessidade de flexibilização das relações trabalhistas no País. Essa flexibilização seria o remédio para o desemprego. Assim, lançaram-se as cartadas neoliberais por toda parte: desindexação salarial, remuneração variável (PLR), recuo da fiscalização pública, denúncia da Convenção 158 da OIT, restrições à atuação sindical no setor público, limitações ao período de vigência de acordos coletivos, criação das cooperativas profissionais, contrato coletivo de safra, contrato por prazo determinado, jornada em tempo parcial, compensação das horas extras, suspensão provisória da demissão etc. etc. (SOUZA, 2001, p.31)

Souza, 2001, falando sobre a flexibilidade das relações de trabalho no Brasil, chama a atenção para a gestão individualizada do trabalho, apresentada por muitos como a descoberta da roda, e diz claramente:

A precarização do trabalho tem implicado uma espécie de terno às velhas formas de mais valia absoluta. Com as cooperativas, o trabalho doméstico, o salário por quantidade de “peças” produzidas, a sobrecarga de tarefas, cria-se enfim, uma situação em que se liquida com a fixação de jornada de trabalho e intensifica-se enormemente trabalho. A polivalência tem sido um acréscimo de novas tarefas para o trabalhador, o que implica forte aceleração do seu ritmo de trabalho. A segmentação do mercado de trabalho é reforçada com medidas como a instituição do contrato de trabalho por prazo determinado, com trabalhadores sem direitos trabalhistas, o que ocorre com a mão de obra mobilizada pelas cooperativas profissionais (SOUZA, 2001, 31).

As profundas mudanças no mundo do trabalho, a implementação de novas tecnologias, a terceirização, o trabalho informal, têm levado a sociedade a um debate, na qual, de um lado, estão os defensores de que essas translações e suas consequências como desemprego, precarização das condições de trabalho, são inevitáveis; e, do outro, aqueles que entendem que a evolução da ciência não pressupõe o sofrimento dos trabalhadores, muito pelo contrário, deve significar mais tempo para lazer; melhores condições de trabalho, e avanço social. Há, ainda,

aqueles que entendem o trabalho como uma categoria secundária, sem importância, e outros, como a continuidade de uma categoria central de grande importância para o desenvolvimento.

Antunes (2001) coloca com precisão as metamorfoses do mundo do trabalho, apontando como alternativa o socialismo. O autor apresenta algumas das principais mudanças que têm ocorrido no mundo do trabalho, como consequências das profundas mudanças que o capitalismo sofre em escala mundial, tanto na sua estrutura produtiva quanto no universo de seus ideários, seus valores etc., apresentando um desenho dessas principais mutações no interior da classe trabalhadora.

De acordo com Antunes (2001), a classe trabalhadora tornou-se mais qualificada em vários setores, em que houve uma relativa intelectualização do trabalho, mas precarizou-se e desqualificou-se em vários ramos. Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador polivalente e multifuncional da era da informática, capaz de operar com máquinas com controle numérico e de exercitar com mais intensidade sua dimensão intelectual. E, de outro lado, uma enorme massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje experimentam as formas de emprego temporário, parcial ou simplesmente o desemprego estrutural.

Nessa mesma linha de argumentação e críticas, Pochmann (2001) debate as raízes da grave crise de emprego no Brasil. De acordo com esse autor,

A crise do emprego no Brasil é grave e complexa, podendo ser encontradas diversas causas explicativas. Sobre isso, inclusive, não há grandes consensos entre especialistas, pois é possível encontrar na literatura especializada distintos diagnósticos acerca da situação do desemprego. Independe da constatação acerca de múltiplas razões sobre o desemprego no Brasil, faz-se necessário, procurar hierarquizar entre o conjunto de causas, aquelas sobre as quais uma ação corretiva seria capaz de reverter o grosso do desemprego. Dessa forma, interessa tratar aqui fundamentalmente das razões estruturais do desemprego, como a persistência de baixas taxas de expansão da economia brasileira nas duas últimas décadas e a condução do novo modelo econômico, desde 1990. Somente esses dois pontos explicam, na maior parte, a atual crise do emprego no país (POCHMANN, 2001, p.15)

Essa é mais uma consequência do avanço da tecnologia: a existência de um desemprego em grande escala em todos os setores e, como já discutido acima, a culpa é da falta de competência dos trabalhadores.

Antunes (2013) coloca alguns exemplos de trabalho e de trabalhadores que vivem no limite da degradação. O autor cita uma série de casos expressivos dessa situação, como o trabalho escravo no campo nos agronegócios do açúcar, no etanol do ex-Presidente Lula, em que os trabalhadores cortam mais de dez toneladas de cana por dia (ANTUNES, 2013, p. 2). Em São Paulo, o autor cita o exemplo dos bolivianos, subempregados nas empresas de confecção, com jornadas que atingem até dezessete horas diárias. Cita também o caso dos trabalhadores do Japão, que migram para as cidades e dormem em cápsulas de vidro do tamanho de um caixão, o que o autor chama de operários encapsulados. O autor retoma os dizeres de um cartaz empunhado por trabalhadores britânicos em greve no início de 2009 “Empreguem primeiro os trabalhadores britânicos” para tratar do paradoxo globalização x trabalho imigrante. Em tempo de globalização, quando os capitais transnacionais podem fruir e viajar livremente, o trabalho imigrante encontra-se cada vez mais cerceado e tolhido. “Talvez pudéssemos dizer que, enquanto os capitais transnacionais são livres em seus voos e saques, os trabalhadores imigrantes devem se manter cativos” (ANTUNES, 2013, p. 3)

Além de todos os problemas já enumerados pelas transformações no mundo do trabalho, várias outras implicações merecem ser destacadas e estudadas. As desigualdades e seus reflexos no trabalho, meio ambiente e saúde são abordados por Rigotto (2001) que comenta

[...] a globalização e a reestruturação produtiva são macrofenômenos complexos e multifacetários que representam a mais recente configuração do capitalismo, convertendo o sistema mundial em espaço de acumulação. Associados ao neoliberalismo, têm sido conduzidos pelas forças hegemônicas a nível internacional (sic.), implicando em profundas repercussões sobre a vida social. Se compreendemos que a saúde não "cai do céu", que ela é desenhada a partir do contexto econômico, social, político, cultural e subjetivo em que cada sujeito ou grupo social se depara com facilidades e limites para construir um modo de vida de maior ou menor qualidade, podemos estimar a profundidade dos impactos desses processos sobre o mundo do trabalho, a saúde e o ambiente (RIGOTTO, 2001,p.113).

Ainda relacionando as várias transformações no mundo do trabalho, Valadares (2001) fala da evolução das Novas tecnologias e da saúde do trabalhador fazendo referência às doenças do novo milênio. De acordo com esse autor,

De acordo com VALADARES (2001)

Discutir as perspectivas para a saúde do trabalhador nos alvares de um novo milênio implica em avaliar, ainda que de forma sucinta, o processo de crise da sociedade capitalista e as tentativas de saída por meio da chamada globalização com as transformações introduzidas por novas tecnologias e suas repercussões principais nas linhas gerais do desenvolvimento do capitalismo, e, em particular, como esse processo tem ocorrido na organização do trabalho, bem como o atual panorama das doenças profissionais e das relacionadas ao trabalho. A intensificação do processo de modernização tecnológica, conhecido como revolução técnico-científica, baseado na microeletrônica, na informática, na biotecnologia e associado intimamente a mudanças na organização do trabalho e nas suas formas de gestão, tem como objetivo básico aumentar a produtividade e o lucro buscando saídas para a crise estrutural pela qual o capitalismo está passando. Simultaneamente ocorre um processo acelerado de mudanças no mundo do trabalho com perda de direitos historicamente conquistados, redução de salário, degradação das condições de trabalho e de seu ambiente, diminuição do número de trabalhadores empregados, uma população mais idosa disputando seu espaço no mercado de trabalho. Vive-se um tempo de perplexidade, de busca de uma saída para a própria existência do ser humano no planeta terra; discute-se a possibilidade de chegarmos a um período de barbárie (VALADARES, 2001, p.125).

Tem-se, com isso, o surgimento de inúmeras doenças relacionadas ao trabalho, tais como: DORT (doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho), depressão em massa, estresse ocupacional, entre outras.

Em um mundo em constantes e profundas mudanças, o setor bancário foi um dos primeiros a sofrer com os avanços tecnológicos e a reestruturação produtiva provocadas pela automação bancária. Filgueiras (2001) aborda a reestruturação produtiva e o emprego bancário argumentando que

Desde a segunda metade dos anos 1980, com o início da implementação de diversos planos de estabilização - em especial, o "Cruzado", o "Collor" e o "Real"-, o setor financeiro no Brasil vem passando por um processo de "reestruturação produtiva" que, além de aprofundar o grau de automação já existente na produção de seus serviços, tem introduzido novos métodos e novas práticas de organização e gestão do trabalho (FILGUEIRAS, 2001).

Na verdade, o que acontece é o retrocesso. Da mesma forma que alguém, ao errar o caminho, volta ao ponto inicial, para acertar o rumo, o retorno a formas pré-capitalistas de produção é mostrado como o máximo do desenvolvimento, o ápice da justiça social, quando isso não é verdade.

A falência do modo de produção hegemônico, para a sobrevivência dos interesses por ele engendrado, por meio de técnicas de publicidade, é propalada como a vitória completa do modo de produção decadente. Assim, o que hoje é

apresentado como uma grande novidade não passa de uma velharia histórica. No fundo, sobra uma prática nefasta aos trabalhadores, representando um aumento da pauperização das camadas populares.

No exercício do magistério não é diferente. Murta (2002), apresentando resultados de investigações e análises de projetos de formação continuada, tratando da situação dos professores no desempenho de suas funções fala do mal estar docente e coloca que

Quando encontram uma oportunidade, e sentem que podem confiar na pessoa que os escuta, eles falam de si. Costumam dizer, de saída, que são felizes com a *escolha* de ser professor. Misturam suas histórias pessoais com acontecimentos da vida profissional, histórias de seus filhos com as de seus alunos. Aos poucos, não raro, choram, contam de suas raivas, decepções e ressentimentos. Revelam uma outra face da sua vida de professores: falam em *angústia*, *escuridão*, *doença*, *dor*. Descrevem o magistério como um lugar de sofrimento (MURTA, 2002, p.1) grifos da autora).

A análise desse mal-estar docente também é feita por Esteve (1999, p. 97). Segundo o autor essa expressão é definida como: "um conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social". Esse autor prossegue afirmando que

A expressão mal-estar docente (*malaise enseignant*, *teacher burnout*) emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada (ESTEVE, 1999, p. 98).

Para Esteve, esse mal-estar está articulado ao intenso processo de mudanças sociais que têm ocorrido em todo o mundo nos últimos anos e às dificuldades da escola em caminhar *pari passu* a esse processo. Os professores são parte de um quadro de profundas mudanças sociais, situação que corresponde a mudanças não menos profundas na Educação e no desempenho exigido da profissão docente.

Em reportagem veiculada em setembro de 2013 no jornal O Tempo, Câmara (2013) faz uma análise da situação docente em Minas Gerais. Segundo a reportagem, esse mal-estar docente tem provocado uma fuga de professores da profissão, principalmente na rede pública. De acordo com a jornalista, ao todo, foram

1.306 exonerações no ano de 2013, sendo 1.283 a pedido do trabalhador e 23 por decisão do Governo, isso em um universo de 105.297 educadores concursados.

A cada dia, cinco professores concursados pedem demissão, em média, das escolas estaduais de Minas Gerais. De janeiro a agosto deste ano, 1.283 educadores desistiram de seguir carreira na rede, mesmo com a estabilidade garantida no serviço público. O número já supera as exonerações de 2012, quando foram 1.238, segundo dados da Secretaria de Estado de Educação (SEE) (CÂMARA, 2013, p. 1)

Ainda segundo a reportagem, entre as causas do abandono estão o salário baixo, a falta de plano de carreira, as más condições de trabalho e o desrespeito dos alunos.

Outra discussão que merece ser evidenciada também é a inserção da mulher no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, Castro (2001) fala da feminilização da cartilha em cenário neoliberal. De acordo com ele,

Assim lidamos com as condições de vida das mulheres, o combate a discriminações e violências, a identificação de processos culturais e políticos que nas relações sociais entre os sexos, no público e no privado; e, principalmente, como o transitar entre tais espaços, engendra diferenças. Ressalta-se como as divisões sexuais de trabalho, o poder e as formas de vivenciar (ou não) o prazer, marcam especificidades no ser mulher, discriminações e desvantagens sociais, o que de fato exige olhares diferenciados, políticas e programas ativos, para dinamização do mercado de trabalho e, nesse, contemplar grupos mais vulneráveis, como as mulheres, os negros, os jovens e os mais velhos, assim como políticas compensatórias, voltadas para o lidar com o desemprego e a flexibilização e precarização no mercado (CASTRO, 2001,p.147)

Infelizmente, na prática efetiva, o que temos é uma subvalorização do trabalho feminino, um excesso de cobrança para as mulheres com relação aos homens e a eterna diferença salarial entre mulheres (salário menor) e homens (salário maior) na execução das mesmas tarefas.

No magistério, ambiente ainda dominado pelo público feminino, essa situação se manifesta com outras nuances. Diniz (1998), analisando o sofrimento de mulheres-professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, refere-se a um insuportável vivido por elas na Educação. A autora estudou a subjetividade da mulher nessa profissão, partindo das reclamações de professoras, queixas que revelam sua vivência de um profundo mal-estar.

Ainda segundo a autora, no seu ambiente de trabalho, elas se queixam de uma série de situações: das condições de trabalho, dos alunos, do salário, dos projetos do Governo e outros mais. Mas nos consultórios, para os médicos que lhes concedem licenças para tratamento de saúde, as queixas e sintomas apresentados mais frequentemente são outros: "[...] diarreia, pressão alta, vômito, dores na nuca, na cabeça, na coluna, nas costas, dormência nas mãos, irritabilidade, choro fácil, depressão, ansiedade, insônia" (DINIZ, 1998, p. 203).

As professoras queixam-se de que sofrem e adoecem. Quando adoecem, afastam-se da sala de aula e, às vezes, definitivamente, da escola. Diniz investigou o adoecimento mental de professoras em desvio de função⁶. Em sua pesquisa, ela procurou, nos laudos que concederam licença médica às professoras, as explicações clínicas que justificaram seu afastamento de sala de aula: os transtornos mentais aparecem como o segundo motivo mais frequente para a concessão de licenças médicas.

Por último, e não menos importante, está a situação do jovem e das crianças no trabalho. Em publicação na Revista Cult⁷, Antunes (2013,) expõe que

[...] poucos jovens conseguem emprego nas carreiras que escolheram. Quanto têm qualificação, perambulam de emprego a outro até chegar – se conseguirem – ao que pretendiam inicialmente. Quando lhes falta o capital cultural, aí a empreitada é mais difícil. Para conseguir emprego, são “obrigados” a realizar trabalhos “voluntários”. Ou o que é ainda mais frequente: a explosão do trabalho do estagiário, que se converte em um trabalho efetivo com sub-remuneração (ANTUNES, 2013, p. 3).

Antunes aborda a dicotomia apresentada pela ordem societal dominante que, por um lado, dificulta o acesso dos jovens em idade de trabalhar e, por outro, inclui crianças no mercado de trabalho nos países capitalistas avançados.

Pouco importa que o trabalho hoje seja supérfluo e que centenas de milhões de assalariados em idade de trabalho se encontrem em

⁶ Desvio de função: quando o professor ou outro servidor, por orientação médica, deixa de desenvolver as funções de seu cargo e passa a desenvolver outro tipo de função. No caso do professor é quando ele se afasta da sala de aula para desenvolver outras atividades.

⁷ A Revista Cult é uma publicação brasileira de circulação nacional. Voltada à abordagem de temas ligados às artes à literatura, filosofia e ciências humanas, criada em 1997. Seu conteúdo é produzido por jornalistas e acadêmicos. Através do Espaço Revista Cult, promove palestras, cursos, seminários e oficinas. Sediada em São Paulo, é publicada pela Editora Bregantini.

desemprego estrutural. Os capitais globais frequentemente recorrem ao corpo produtivo das crianças, que deveriam estar exercitando seu corpo brincante (ANTUNES, 2013, p. 3).

Ainda segundo o autor, esse quadro se amplia quando se trata do trabalho na produção de sisal, no ramo têxtil e de confecções, calçados, cana de açúcar, carvoarias, pedreiras, olarias, emprego doméstico etc.

2.4 A influência da Geração Y no conceito de trabalho e no processo ensino-aprendizagem

A relação que se estabelece entre trabalho e juventude é essencial para que possamos compreender relações do presente e também para que possamos prever e compreender futuras transformações pelas quais a sociedade há de passar. Galland (2007, *apud* OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2011, p. 2) afirma que a inserção do jovem no mundo do trabalho é um dos marcos de passagem para a vida adulta. O autor ainda explica que, nos países ocidentais, o ingresso desse jovem no mercado de trabalho é adiado, em função do tempo de estudo; já nos países periféricos, isso só ocorre nas famílias com maior poder aquisitivo; para os jovens mais pobres, isso se dá muito cedo, ou ainda ingressam nas fileiras do desemprego.

Desse contexto dois discursos são construídos e apresentam como consequência a despadronização do curso de vida e a fragmentação das trajetórias biográficas (DIB; CASTRO, 2010) e outro, mais frequentemente utilizado por autores da área de Administração (VELOSO; DUTRA, 2008; VASCONCELOS, 2010; POUGET, 2010), mostrando o surgimento de uma nova geração, com comportamento diferente, que demanda uma mudança nas formas de gestão.

Não há como negar que as mudanças trazidas pelas novas tecnologias e as novas relações de trabalho hoje se refletem no ciclo de vida dos indivíduos, seja em jovens, adultos ou idosos. Essas mudanças têm sido objeto de discussão na literatura da administração. Aqui pensamos nas mudanças e influências que essa nova geração tem levado à escola e em que extensão isso se tem refletido no trabalho do professor do Ensino Superior.

Fazendo uma abordagem crítico-reflexiva do contexto científico e tecnológico, Pinheiro, Silveira e Bazzo (2010) apontam o surgimento do movimento CTS (ciência,

tecnologia e sociedade) como uma mudança na forma de se pensar e de se lidar com as transformações que ocorrem, trazendo, inclusive, algumas implicações para o contexto educacional.

De acordo com os autores, o movimento CTS surgiu por volta de 1970 e trouxe como um de seus lemas a necessidade do cidadão de conhecer os direitos e obrigações de cada um, de pensar por si próprio e ter uma visão crítica da sociedade em que vive, especialmente a disposição de transformar a realidade para melhor. Apesar de esse movimento não ter sua origem no contexto educacional, as reflexões nessa área têm aumentado significativamente, por entender que a escola é um espaço propício para que as mudanças comecem a acontecer (PINHEIRO, SILVEIRA E BAZZO, 2010, p. 3)

Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) corresponde ao estudo das inter-relações existentes entre a ciência, a tecnologia e a sociedade, constituindo um campo de trabalho que se volta tanto para a investigação acadêmica como para as políticas públicas. Baseia-se em novas correntes de investigação em Filosofia e em Sociologia da ciência, podendo aparecer como forma de reivindicação da população para participação mais democrática nas decisões que envolvem o contexto científico-tecnológico ao qual pertence. E, para isso, o enfoque CTS busca entender os aspectos sociais do desenvolvimento tecnocientífico, tanto com relação aos benefícios que esse desenvolvimento possa trazer, como também no que respeita às consequências sociais e ambientais que poderá causar (PINHEIRO; SILVEIRA; BAZZO, 2010, p. 3).

De acordo com Garcia *et al.* (1996, *apud* PINHEIRO; SILVEIRA; BAZZO 2010, p. 5), podemos identificar três períodos importantes que caracterizaram a relação entre ciência, tecnologia e sociedade. Um primeiro período se caracterizou pelo otimismo frente aos grandes feitos apresentados pela ciência e pela tecnologia em um período Pós-Guerra. O segundo foi caracterizado pelo estado de alerta, diante dos acontecimentos tidos entre os anos de 1950 e 1960, quando começam a aparecer os desastres oriundos da tecnologia fora de controle (o primeiro acidente nuclear grave; revoltas contra guerra do Vietnã). O terceiro período é marcado pelo despertar da sociedade contra a autonomia científico-tecnológica, que se iniciou por volta de 1969 e se estende até os dias atuais, como uma reação aos problemas que a ciência e a tecnologia têm trazido para a sociedade.

Com o enfoque CTS, o trabalho em sala de aula passa a ter outra conotação. A pedagogia não é mais um dos instrumentos de controle do professor sobre o aluno. Professores e alunos passam a descobrir, a pesquisar juntos para a construção e/ou produção do conhecimento científico, que deixa de ser considerado como algo sagrado e inviolável, ao contrário, está sujeito a críticas e a reformulações, como mostra a própria História de sua produção. Dessa forma, aluno e professor reconstróem a estrutura do conhecimento. Em nível de prática pedagógica, isso significa romper com a concepção tradicional que predomina na escola e promover uma nova forma de entender a produção do saber. É desmitificar o espírito da neutralidade da ciência e da tecnologia e encarar a responsabilidade política das mesmas. Isso supera a mera repetição do ensino das leis que regem o fenômeno e possibilita refletir sobre o uso político e social que se faz desse saber. Os alunos recebem subsídios para questionar, para desenvolver a imaginação e a fantasia, abandonando o estado de subserviência diante do professor e do conhecimento apresentado em sala de aula (PINHEIRO; SILVEIRA; BAZZO, 2010, p. 14)

Dessa forma, concluem Pinheiro, Silveira e Bazzo (2010), a importância de se discutir com os alunos os avanços da ciência e da tecnologia, suas causas, consequências, interesses econômicos e políticos, de forma contextualizada, reside no fato de que devemos conceber a ciência como fruto da criação humana. Por isso, ela está intimamente ligada à evolução do ser humano, desenvolvendo-se permeada pela ação reflexiva de quem sofre/age as diversas crises inerentes a esse processo de desenvolvimento.

Os debates a respeito da ciência, tecnologia e sociedade trazem profundas alterações no modo de se pensar a formação dos professores tanto frente a novas tecnologias quanto com relação à nova geração de alunos que ora se apresenta, especificamente a que é fruto de discussão no presente trabalho: Geração Y.

Muito do que se discute com relação à formação docente é direcionada para os ensinos Fundamental e Médio. E onde fica a formação do professor para o Ensino Superior, principalmente quando estamos diante de inúmeras e profundas transformações no mundo do trabalho e, somando-se a isso, o ingresso de alunos cada vez mais jovens no Ensino Superior?

A esse respeito, Pachane e Pereira (2004, p. 7) esclarecem que

Hoje, é necessário ao professor saber lidar com uma diversidade cultural que antes não existia no Ensino Superior, decorrente do ingresso de um público cada vez mais heterogêneo. Um público que pode, por um lado, não estar tão bem preparado, tanto emocional quanto intelectualmente, para o ingresso no Ensino Superior; um público talvez mais jovem, mais imaturo, e, por vezes, pouco

motivado e comprometido com sua aprendizagem, tendo em vista que o Ensino Superior hoje não é mais garantia de um emprego estável no futuro, mas um público que pode, por outro lado, ser muito mais exigente quanto à qualidade do curso oferecido, tendo em vista especialmente o alto grau de competitividade do mercado de trabalho (PACHANE; PEREIRA, 2004, p. 7).

As mudanças ocorrem não apenas internamente ao Ensino Superior, mas existe todo um conjunto de mudanças sociais, econômicas, políticas. No mundo contemporâneo, muitas coisas devem ser repensadas. A formação para o magistério superior não poderia ficar para trás.

De acordo com Pachane e Pereira (2004, p. 8), “as mudanças relacionadas, em especial, ao avanço científico-tecnológico, a alterações na organização do trabalho (processo produtivo), à sociedade de informação, aos processos de globalização da economia e a alterações na relação dos sujeitos com o conhecimento” vão provocar mudanças nos vários aspectos do Ensino Superior.

Em sua argumentação sobre o futuro do pensamento na era da informática e as novas tecnologias da inteligência, Lévy (2004) argumenta que

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, nesse final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventaram. (LÉVY, 2004, p. 7)

Percebe-se que os desafios são muitos e que lidar com o público da Geração Y irá demandar novas posturas e formações por parte dos professores.

CAPÍTULO III

TEORIA DOS *HABITUS*: A SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS NO MUNDO DO TRABALHO A PARTIR DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A socialização e a individualização dos sujeitos no mundo do trabalho sofreram algumas modificações a partir da revolução tecnológica com implicações também para o trabalho docente.

O conceito de *habitus* tornou-se conhecido na pesquisa sobre Educação por meio dos estudos de Pierre Bourdieu, que desenvolveu esse conceito a partir da necessidade de estabelecer as relações de afinidade entre o comportamento das pessoas e os condicionadores sociais.

De acordo com PETERS (2010),

[...] o *habitus* atua como um prisma capaz de refratar seletivamente as informações impostas por novas experiências, as quais, em geral, só são, assim, capazes de modificá-lo dentro dos limites permitidos pelo seu poder de seleção, o que permite qualificá-lo como durável, apesar de mutável. A relativa inércia infusa no sistema de disposições de um dado indivíduo tende a levá-lo a escolher e frequentar contextos experienciais relativamente constantes (lugares, eventos, bens de consumo, práticas, companhias) e capazes de reforçar suas preferências e crenças, evitando concomitantemente a exposição a circunstâncias e informações tendentes a desafiar ou questionar criticamente a informação acumulada no seu *habitus* (PETERS, 2010, p. 21).

Com isso, percebe-se que, no processo de socialização, as pessoas tendem sempre a reconhecer e buscar outras com história, personalidade, preferências, predisposições, motivações semelhantes em um processo de apreciação mútua.

3.1 Considerações sobre a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu

O *habitus* é um instrumento de autorreflexão que auxilia na busca de melhor compreensão de uma realidade, de determinado contexto, estimula reflexões sobre os modos pelos quais os sujeitos elaboram seus esquemas de conhecimento e

possibilita os agentes a elaborarem suas noções de pensamento das sociedades em constante transformação.

Setton (2002) parte da hipótese de que

[...] o processo de socialização das formações modernas pode ser considerado um espaço plural de múltiplas relações sociais. Pode ser considerado um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis (SETTON, 2002, p. 60).

A partir daí, esse autor salienta que

[...] pensar as relações entre a família, a escola e a mídia com base no conceito de *configuração* é analisar essas instituições sociais segundo uma relação dinâmica criada pelo conjunto de seus integrantes, recursos e trajetórias particulares. Nesse sentido, caberia perguntar: como e por que essa nova configuração cultural entre as instâncias de socialização do mundo contemporâneo seria responsável pela construção de um novo agente social? Considero que uma resposta possível a essa questão pode ser oferecida com base na interpretação da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu à luz da concepção institucional de modernidade de Anthony Giddens (SETTON, 2002, p. 61).

Bourdieu (1983, p. 65) conceitua *habitus* como sendo

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

As características da Geração Y ficam evidenciadas de acordo com a teoria do *habitus* de Bourdieu quando ele aponta o seguinte:

As experiências se integram na unidade de uma *biografia sistemática* que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada em um tipo determinado de estrutura familiar. Desde que a História do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da História coletiva de seu grupo ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposições individuais *variantes estruturais do habitus* de grupo ou de classe [...]. O estilo *pessoal*, isso é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, não é senão um *desvio*, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao *estilo* próprio a uma época ou a uma classe. (BOURDIEU, 1983, p. 80-81).

Tendo como base tal colocação, Setton (2002) evidencia que

O avanço tecnológico, os sistemas peritos, o rádio, a TV, os computadores são novos mediadores dessa ordem social. Em uma situação de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana (SETTON, 2002, p. 67).

Nessa perspectiva,

O conhecimento, a competência, a autoridade das referências familiares e escolares estão sempre sujeitos a revisões. Nesse sentido, a reestruturação institucional que os agentes socializadores tradicionais estão sofrendo impõe uma instabilidade e insegurança em relação às condutas, respostas e representações em relação àqueles conceitos. Poderíamos afirmar que os jovens estariam igualmente sujeitos às experiências de uma socialização tradicional e formal? Ou estariam aos poucos realizando uma experiência moderna de socialização? (SETTON, 2002, p. 68)

Setton (2002, p. 68) considera, então, que, na falta de um eixo estruturador único (família, escola e/ou cultura de massa) e pela circularidade das referências, o indivíduo contemporâneo estaria mantendo novas relações com o mundo exterior. O autor conclui, então, que

Assim, é possível identificar a tendência de forjar um outro *habitus*, é possível pensar na construção de um novo agente social portador de um *habitus* alinhado às pressões modernas. No caso específico dos indivíduos da atualidade, grande parte deles precocemente socializados pela mídia, a realidade da cultura de massa parece ser inexorável. Pulverizando e tornando visível uma série de experiências biográficas, modelos identitários distintos dos apreendidos nos contextos locais da família e da escola, a mídia opera como agente socializador descontextualizado (SETTON, 2002, p. 69).

Tal discussão também sugere uma proximidade com o que se chama de conformidade social; esse conceito está relacionado com o de norma. A conformidade ao grupo é conformidade às normas do grupo e não aos membros do grupo, individualmente. As normas são, assim, materializadas em leis e regras de conduta, responsáveis pela uniformidade do comportamento social. Elas visam a regulamentar a interação. As normas atenuam o conflito, fornecendo consenso e acordo sobre a forma de viver aceitável em sociedade. Essa é a perspectiva consensual da vida social. Mas, se adotarmos uma perspectiva dos conflitos presentes em qualquer interação social, o que permeia a vida em sociedade são as normas, as responsáveis últimas pelos atritos entre os vários grupos sociais. A

norma descreve e avalia o comportamento típico do membro típico de um determinado grupo ou categoria social. E também prescreve, porque constrange o comportamento, ditando como um membro de um dado grupo se deve comportar em uma dada situação (HOGG; ABRAMS, 1988 *apud* CAMEIRA, 1997).

Para complementar a discussão e alinhando-se à teoria do *habitus*, temos em Goffman (1975) que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua identidade social — para usar um termo melhor do que status social, já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais, como ocupação. (GOFFMAN 1975, p. 5).

Ainda de acordo com Goffman (1975), em todos os exemplos de estigma,

[...] encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos à medida que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, por meio das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 1975, p. 7 e 8)

Há uma ideia popular de que, embora contatos impessoais entre estranhos estejam particularmente sujeitos a respostas estereotípicas, à medida que as pessoas se relacionam mais intimamente, essa aproximação categórica cede, pouco

a pouco, à simpatia, compreensão e à avaliação realística de qualidades pessoais. (GOFFMAM, 1975, p. 46).

Argumentando sobre a diferença entre a identidade social e a identidade pessoal, Goffmam (1975, p. 91) ressalta que ambos os tipos de identidade podem ser mais bem compreendidos, se considerados em conjunto e contrastados com o que Erikson (1976) e outros chamaram de “identidade do eu” ou identidade experimentada, ou seja, o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais.

Embora essas filosofias de vida propostas, essas receitas de ser, sejam apresentadas como resultantes do ponto de vista pessoal do indivíduo estigmatizado, a análise mostra que algo mais as informa. Esse algo mais são os grupos, no sentido amplo de pessoas situadas em uma posição semelhante, e isso é a única coisa que se pode esperar, já que o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social (GOFFMAM, 1975, p. 96).

Começando com a noção muito geral de um grupo de indivíduos que compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, pode-se chamar destoante a qualquer membro individual que não adere às normas, e denominar desvio a sua peculiaridade. Ainda de acordo com Goffmam (1975, p. 119),

Em vários grupos e comunidades muito unidos, há exemplos de um membro que se desvia, quer em atos, quer em atributos que possui, ou em ambos e, em consequência, passa a desempenhar um papel especial, tornando-se um símbolo do grupo e alguém que desempenha certas funções cômicas, ao mesmo tempo em que lhe é negado o respeito que merecem outros membros maduros. Caracteristicamente, esse indivíduo deixa de praticar o jogo da distância social, aproximando-se dos demais e permitindo que eles se aproximem dele. Ele é frequentemente o centro da atenção que reúne os outros em um círculo participante à sua volta, mesmo que isso o despoje do status de ser um participante. Ele serve como mascote para o grupo embora sendo, em alguns aspectos, qualificado como um membro normal. O idiota da aldeia, o bêbado da cidade pequena e o palhaço do pelotão são exemplos tradicionais desse ponto; o gordo fraternal é outro.

3.2 O trabalho docente a partir das novas formas de socialização e individualização dos sujeitos

Em um mundo constantemente em mutação com profundas transformações nas telecomunicações e na informática, é evidente que maneiras de pensar e de conviver terão que ser atualizadas e elaboradas. Nesse sentido, LÉVY (2004) chama a atenção para o fato de que

Na era do planeta unificado, dos conflitos mundializados, do tempo acelerado, da informação desdobrada, das mídias triunfantes e da tecnociência multiforme e onipresente, quem não sente que é possível repensar os objetivos e os meios da ação política? (LECY, 2004, p. 195)

Já não seria hora de repensar a atuação do professor em sala de aula, tendo em vista essas mudanças tecnológicas e pelo fato de estar lidando com uma geração diferente daquela na qual cresceu, viveu e aprendeu a ser professor?

Levando-se em consideração a concepção de *habitus*, na sua prática pedagógica, o professor partirá do princípio que em uma turma heterogênea, algumas com alunos muito adolescentes ainda, são várias as disposições a serem trabalhadas. Algumas disposições permitirão o bom desempenho do aluno e outras precisarão ser construídas para que o seu trabalho tenha êxito.

A Educação, assim como qualquer outro segmento, precisa ser repensada, transformada, atualizada, tendo em vista as implicações sociais, econômicas e políticas nas quais ela se insere e que pelas rápidas e constantes mudanças, também tem que se adaptar.

GENTILLI (2005) já aponta que

[...] a ruptura da promessa da escola como entidade integradora começou a se desencadear de forma definida nos anos de 1980, justamente em um contexto de revalorização do papel econômico de Educação, da proliferação de discursos que começaram a enfatizar a importância produtiva dos conhecimentos (inclusive a configuração de uma verdadeira “Sociedade do Conhecimento” na Terceira revolução Industrial) e de uma crescente ênfase oficial nos aportes supostamente fundamentais que as instituições escolares deviam realizar para a competitividade das economias na era da globalização (GENTILLI, 2005, p. 49).

Xavier (1997, 292) também concorda com a ideia de que

A cada dia que passa, a Educação se depara com mais e mais problemas internos aos sistemas educativos e externos que, direta

ou indiretamente, repercutem no desempenho de suas funções. As reflexões sobre Educação, hoje, exigem, necessariamente, horizonte largo (do local ao mundial), considerações sobre as relações entre ela e o seu contexto e uma melhor compreensão do homem e de suas necessidades nessa nova realidade. Nesse sentido, não se pode ignorar a fome e a desnutrição, as doenças por razões diversas, o desemprego, a corrupção, a descrença e a baixa renda, a qualidade da formação dos educadores e demais profissionais da Educação, suas condições de vida e de trabalho, as deficiências estruturais e de gerenciamento dos sistemas educativos (XAVIER, 1997, 292).

Com relação às novas formas de pensar o processo ensino-aprendizagem, surge uma indagação de como será o trabalho do professor dentro dessa sociedade do conhecimento e da informação.

Nesse sentido, Hargreaves (2004) argumenta que a sociedade do conhecimento é muito importante para se aprimorar os vários aspectos da vida e que é nesse mundo de mudanças e transformações que os professores de hoje trabalham. Esse autor afirma que

Os professores devem preparar seus jovens para ter as melhores chances de sucesso na economia do conhecimento. (...) nossa prosperidade futura depende de nossa inventividade, nossa capacidade de aproveitar e desenvolver nossa inteligência coletiva para os atributos centrais da economia do conhecimento (HARGREAVES, 2004, p. 214).

O referido autor aponta que os professores não devem somente aplicar as técnicas de aprendizagem, mais sim melhorá-las e aperfeiçoá-las e tece críticas à padronização educacional ao constatar que

[...] a reforma educacional padronizada tornou quase impossível para muitos professores lecionar para a sociedade do conhecimento ou para além dela, como parte de uma missão social mais ampla. (...) As escolas profissionalizantes e as escolas desfavorecidas em centros urbanos compreendem rapidamente que seus alunos não têm chance de passar nos exames padronizados que lhes são estabelecidos, ou de se formar com base neles. A padronização insensível se torna irrelevante e até mesmo ofensiva a eles. Em um mundo do trabalho em rápida mudança, a Educação profissionalizante está se tornando o continente perdido da adolescência (HARGREAVES, 2004, p. 214).

Sobre as tecnologias do conhecimento, Dowbor (2001) pondera que o papel da escola deve ser menos tradicional e ser mais organizada e estimuladora. Ainda argumenta que

[...] o Ensino Superior deveria ser profundamente revisto, à medida que poderia buscar maior impacto de mobilização das transformações, ultrapassando hoje o seu papel tão estreito de formação de elites corporativas. (...) Que o conjunto de adultos profissionais do país possam passar a ver na Educação Superior um espaço permanente de atualização (DOWBOR, 2001, p. 46).

A respeito dos impactos das novas tecnologias na dimensão humana da informação, Takase (2007) pondera que a informação é ou deveria ser um direito de todos os seres humanos. Argumenta ainda que

O acesso e o uso das informações permitem ao cidadão exercer sua cidadania de forma plena, e assim melhorar sua autoestima, crescer profissionalmente, ajudar no desenvolvimento da comunidade em que vivem, aprimorar seu relacionamento familiar, aumentar seu círculo de amizades, entre outros aspectos da vida humana. A dimensão humana da informação está ligada a todos esses aspectos da vida de uma pessoa que podem ser melhoradas com a utilização das informações, e as novas tecnologias de informação e comunicação têm papel fundamental em facilitar esse acesso (TAKASE, 2007, p. 30).

Com relação às implicações das inovações tecnológicas no trabalho docente, Campos (2007, p. 7) chama a atenção para o fato de não se compreender tal fato sem antes efetuar um resgate histórico de fatos individuais e sociais que ocorrem nas relações entre sujeito e uso das inovações tecnológicas no contexto do mundo do trabalho acadêmico.

Politicamente falando, esse processo de transformação provocado por novas tecnologias, faz o Brasil seguir a influência americana e manter certa frente comparando-se com os demais países da América Latina.

Campos (2007) considera ainda que

[...] a inovação tecnológica, mais especificamente o acesso à rede mundial por meio da *internet* e suas possibilidades de interação virtual, não é apenas agente de mudanças na área do ensino e da pesquisa, mas seu domínio é exigência para melhor adequação das práticas docentes. Isso evoca olhares críticos sobre a realidade, visto que provoca alterações nos hábitos e padrões de consumo, globalização de referências culturais, maiores desigualdades sociais e, também, reorganização no processo subjetivo de cada docente (CAMPOS, 2007, p. 9).

Mais à frente, esse mesmo autor deixa claro que

[...] há que se pensar criticamente sobre as formas de apropriação das inovações tecnológicas que, se não trazem consequências diretas sobre a subjetividade do professor, provocam alterações na

organização dos tempos e espaços, nas relações do trabalho docente e nos papéis associados à mediação tecnológica. Dessa forma, implicam a subjetividade de professores(as) da Educação Superior a ponto de modificar a organização institucional, a prática docente, a relação professor-aluno e as relações e papéis institucionais (CAMPOS, 2007, p. 14).

Em PIELLE *et al.* (1996), temos que, infelizmente, só existem alguns indícios de que as prioridades das metas educacionais estão mudando, porque ainda há muitas outras questões sociais bem mais amplas nesse processo. O autor ainda comenta várias outras tendências educacionais possíveis presentes apenas nos trabalhos a respeito da Educação. Entre tais tendências, podem ser citadas:

1 – crescente parcela da população envolvida na Educação e crescente parcela da renda nacional destinada à Educação. 2 – novo papel consciente a ser desempenhado pela Educação na consecução das metas sociais e no abrandamento dos problemas sociais percebidos. 3 – maior envolvimento da Educação em outras instituições sociais e maior relacionamento funcional com elas. 4 – extensão da duração do período educacional. 5 – extensão da Educação à indústria, à comunidade e ao lar. 6 – substituição simultânea do arranjo sequencial da Educação e do trabalho à medida que nos encaminhamos para a “sociedade do aprendizado”. 7 – crescente abandono dos métodos tradicionais de instrução. 8 – o abrandamento da competição mediante programas individualizados. 9 – uma parcela crescente dos custos do ensino será obtida e distribuída em bases nacionais. 10 – extensão do poder e do controle a novos grupos. 11 – crescente desaparecimento da distinção entre Educação vocacional e Educação acadêmica. 12 – maior diferenciação dos papéis tendentes a facilitar o aprendizado. 13 – movimento no sentido de criar uma atmosfera de aprendizagem partilhada, de atitudes não autoritárias, de respeito mútuo entre professor e aluno e de desprofissionalização (PIELLE *et al.*, 1996, p. 83).

Assim, a impressão que se tem é que tudo se encaminha para uma solução correta e adequada para todos os problemas educacionais em âmbito de Brasil. Mas a realidade é que as previsões não são muito agradáveis. E, na prática efetiva, muito do discurso demagógico dos políticos e de muitos educadores ainda se configura como uma utopia e bem distante daquilo que se poderia considerar como aceitável ou adequado.

Para finalizar, seria interessante que, nos dizeres de Xavier (1997, p. 301)

Na dinâmica das sociedades modernas, não importa mais o espaço de Educação nem a faixa etária. Aflora cada vez mais a compreensão de Educação como um processo que ocorre ao longo da vida e sucumbe a concepção de um tempo de Educação escolar,

na infância e juventude; um tempo de trabalho, de preferência em uma única atividade profissional e um tempo de aposentadoria ou de inatividade à espera da morte (XAVIER, 1997, p. 301).

Quando isso acontecerá em âmbito nacional? O conceito de Educação continuada ou de Educação para toda vida deveria ser a nova filosofia quando se trata de Educação, ultrapassando, com isso, uma visão bastante ultrapassada tanto em termos conceituais, quanto em termos de políticas públicas.

Alguns passos iniciais já foram dados. De acordo com o boletim SENAC (1995), os desafios da nova organização do trabalho fazem da formação educacional uma proposta de Educação que dá uma nova dimensão à qualidade da Formação Profissional, à medida que se apresenta como alternativa de desenvolvimento das competências básicas hoje requeridas do trabalhador.

Isso implica, necessariamente, a revisão da prática pedagógica institucional, o que significa superar a influência da pedagogia tecnicista, tendência que, por mais de uma década, marcou o sistema nacional de Educação especialmente nos aspectos relativos à organização do trabalho escolar, à elaboração do material didático e à orientação dada aos cursos de formação de professores (SENAC, 1995).

Essa concepção pedagógica, alinhada ao pensamento liberal, parte de análises parciais da realidade social e, em consequência, transpõe para o campo da Educação a responsabilidade pela solução dos problemas de ordem estrutural da sociedade. Por desconsiderar as múltiplas determinações (sociais, econômicas, políticas e culturais) do fenômeno educativo, concebe a Educação como uma prática autônoma e a escola como a instituição capaz de superar a desigualdade social e promover a construção de uma sociedade harmoniosa (SENAC, 1995).

Ressalte-se que, no escopo dessa pedagogia, a improdutividade do sistema e a incompetência dos indivíduos são consideradas causas exclusivas da desigualdade social. Essa premissa leva à suposição de que a escola pode se constituir em instrumento de eliminação dessas causas, uma vez que, pela transmissão eficiente de informações objetivas, precisas e rápidas, consiga preparar indivíduos com o nível de competência exigido pelo sistema. (SENAC, 1995, p. 8).

A concepção crítica da Educação tem seus desdobramentos no âmbito da compreensão da relação educação-trabalho. Ao contrário do enfoque economicista, há, nessa abordagem, a percepção clara de que a Educação não é fator

determinante do desenvolvimento, embora constitua uma prática capaz de mediar transformações na esfera das relações socioeconômicas.

A ideia de que uma formação sólida e abrangente provoca alteração qualitativa na compreensão da prática social e cria maiores possibilidades de intervenção na realidade leva à conclusão de que a Educação, mesmo determinada por fatores de ordem da economia, pode contribuir para a modificação das relações que permeiam o mundo do trabalho (SENAC, 1995).

CAPÍTULO IV

NOVOS TEMPOS, NOVAS GERAÇÕES E MUITOS DESAFIOS

Este capítulo tem como objetivo discutir os conceitos de geração e de juventude e as mudanças pelas quais esses conceitos têm passado ao longo da História da humanidade. Para isso, buscamos apoio em alguns precursores no assunto, como Howe e Strauss, Karl Mannheim, Lombardía, Twenge e outros que embasam a maior parte dos estudos sobre a temática geração. Além desses autores, buscamos também fazer um levantamento da literatura brasileira sobre o tema. A maioria desses estudos é fruto de pesquisas de institutos e estudos geracionais direcionados para a área de marketing em forma de artigos, dissertações e teses acadêmicas.

Busca-se, neste capítulo, apresentar algumas abordagens dos estudos geracionais, especificamente a Teoria das Gerações de Howe e Strauss, já que esse é um estudo bastante recente em que os autores fazem um detalhamento das gerações do continente americano ao longo de dois séculos. Um dos parâmetros utilizados para classificar cada geração foi o cenário vivido em cada época. Para completar a análise, os autores buscaram representar as gerações com personalidades masculinas e femininas que marcaram a época, e finalizam a abordagem com o arquétipo resultante do comportamento de cada uma das gerações.

Também é apresentada a discussão sociológica de geração de Karl Mannheim, no intuito de e caracterizar, por meio de diferentes estudos, as diferentes gerações para, a partir daí, trazer à tona um maior detalhamento da Geração Y, objeto de estudo deste trabalho. A teoria de Karl Mannheim é, na visão de Domingues (2002, p. 69), a mais completa tentativa de explicação do tema e, por isso, tem sido muitas vezes citada por se tratar de um clássico.

Nesta discussão, um tópico aborda a questão da individualização do ser, já que essa é a característica mais marcante e a que mais aparece na definição e caracterização da Geração Y.

4.1 Geração e Geração Y: desafios de conceituação

Tem havido, nos últimos anos, um aumento significativo no número de estudos que abordam o tema geração. Grande parte desses estudos tem como critério para a caracterização de uma geração o período em que ela viveu, ou seja, o que a define é o conjunto de vivências comuns, visões de mundo etc. que seriam compartilhadas pelos indivíduos que viveram em um mesmo período histórico. (LOMBARDIA *et al.* 2008).

Especificamente, quando o tema é Geração Y, no ambiente não acadêmico, é possível encontrar um aumento significativo no número de buscas. Essa popularidade pode ser percebida por meio de uma rápida busca pelo termo, em Português ou em Inglês, nos principais portais de grandes redes de comunicação brasileiras e nos principais sites de busca do mundo, conforme Tabela 1:

TABELA 1 Resultados de busca no Google sobre Geração Y

Anos	Resultados no Brasil	Resultados em Português	Resultados na web (generation Y)
2000	13 700	14 200	33 500
1002	19 400	20 500	26 000
2004	12 700	11 500	41 000
2006	29 300	32 900	110 000
2008	102 000	160 000	541 000
2001	539 000	506 000	1 580 000
2011 (27 de junho)	463 000	647 000	3 000 000

Fonte: Régnier (2013)

Isso acontece também no ambiente acadêmico. Com a entrada dessa geração no mercado de trabalho, as publicações sobre o tema começam a se intensificar, abrindo um novo debate a respeito principalmente das relações de trabalho. Mesmo que em quantidade não muito grande, publicações de diversas origens aparecem com certa frequência em periódicos internacionais. No Brasil, o tema começou a ganhar espaço muito recentemente, sendo encontradas algumas publicações sobre o assunto, das quais, a maioria relacionada à área de Administração de Empresas.

Cabe-nos reforçar aqui a ideia de que não é legítimo caracterizar uma pessoa somente pelo fato de ela pertencer a essa ou àquela geração. O grupo geracional a que um indivíduo pertence é apenas mais uma das muitas variáveis que se precisa

considerar na sua caracterização, ao lado do gênero, da idade, do nível de escolaridade, da classe social, condição socioeconômica.

Sabendo disso, diversos autores, da Economia à Psicologia, passando pelo marketing e pela Sociologia, têm encontrado diferenças sistemáticas entre grupos de pessoas com base em fatores geracionais como, por exemplo, Strauss e Howe, 1991; Reeves, 2008; Tapscott, 1998; Twenge, 2006.

Valente (2011), buscando caracterizar a Geração Y, levanta alguns problemas que dificultam essa caracterização. Segundo a autora, um desses problemas está relacionado à definição do que é geração. Buscando esclarecer alguns pontos referentes ao tema, tratamos de apresentar alguns conceitos mais utilizados na literatura, que se situam na perspectiva dessa investigação, referentes ao que se apresenta como geração e, especificamente, como Geração Y.

4.1.1 Geração

Jeffries e Hunte (2007), ao tratarem do conceito de geração, dizem que representam um grupo de pessoas nascidas em determinado período e que

[...] podem compartilhar experiências comuns no processo histórico e social, e em um estágio similar de sua vida, predispõem-se para uma modalidade comum de pensamento e experiência, e a um modo comum de comportamento. As gerações compartilham vínculos e experiências históricas formando um estado coletivo de gerações e de experiências com a capacidade de reagir e/ou de dar respostas de forma semelhante (JEFFRIES; HUNTE, 2007 *apud* BATISTA, 2010, p. 23).

Já Rogler (2002) apresenta como conceito popular de gerações o grupo de pessoas que têm, aproximadamente, a mesma idade. Outros autores, como Gronbach (2008) e Lancaster e Stillman (2002), consideram que cada geração corresponde a um período pré-determinado de vinte a vinte e poucos anos, que é o tempo médio desde o nascimento até a época reprodutiva. Já para Meredith, Schewe e Karlovich (2002), o que define uma geração são os eventos históricos e, assim, a duração de cada geração deixa de ser fixa.

Strauss e Howe (1991) concordam com o estabelecimento da média de vinte anos para cada geração, mas acrescentam a necessidade de um evento ou acontecimento que permita essa caracterização. Esses autores afirmam a existência

de um ciclo geracional, que passaria por um processo de renovação a cada 22 anos. Esses ciclos foram denominados de períodos ou eras. As crianças nascidas durante um período específico compartilham experiências histórico-culturais similares e isso faz com que essas crianças adquiram semelhanças entre si, que as diferenciam das crianças de outras gerações. Segundo os autores, há quatro ciclos geracionais que se repetem em sequência ao longo do tempo e, em função desses ciclos, os comportamentos e os traços das futuras gerações poderão ser previstos.

Forquim (2003) destaca três compreensões do termo geração. Em primeiro lugar, o autor afirma que geração pode ser compreendida no sentido de genealogia, destacando as relações de filiação (primeira geração, segunda geração...) Já em segundo lugar, o termo geração remete à ideia de idade de vida, daí as expressões jovem geração ou geração dos adultos. Por fim, a terceira compreensão de geração refere-se ao seu sentido sócio-histórico, utilizado, geralmente, para demarcar uma determinada geração histórica, como a geração de 1968, a geração das Diretas Já.

O autor ainda destaca que o conceito de geração na visão histórica e sociológica refere-se a um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que viveram experiências históricas parecidas ou que possuem semelhanças culturais. Nesse sentido o autor considera

Uma aproximação desse emprego da palavra “geração” com o uso que fazem os demógrafos do termo de “corte” (equivalente, no Brasil, à palavra “turma”), o qual designa um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano (ou, por extensão, caracterizados por um mesmo evento – por exemplo, o ano de início do curso secundário ou da obtenção de um diploma – ocorrido no mesmo momento e podendo servir de ponto de partida em um estudo comparativo de tipo longitudinal) (FORQUIM, 2003, p. 3)

O autor ainda coloca que, conceitualmente, geração não diz respeito a apenas pessoas da mesma idade e/ou que tenham nascido na mesma época, mas que foram influenciadas, modeladas pelos acontecimentos dessa época seja de caráter político, educativo, cultural. Geração diz respeito a pessoas que se desenvolveram e receberam um conjunto de conhecimentos semelhantes, ou seja, vão perpetuando valores em comum que podem ser denominados de sentimento de geração ou consciência de geração. (FORQUIM, 2003, p. 4)

Esse mesmo autor reforça a dificuldade colocada por Valente (2011), no sentido de se definir e/ou caracterizar uma geração quando afirma que, na sociedade pós-industrial, as transformações pelas quais o indivíduo passa no

decorrer de sua vida têm assumido uma tendência inesperada e geral. A tecnologia, as transformações econômicas súbitas e o acesso a todos os tipos de informação têm afetado diretamente a relação entre as gerações, já que os modelos de comportamento das gerações anteriores deixam de ser modelos para gerações mais novas, que se mostram muito mais bem informadas, mais competentes e muito mais adaptadas à realidade do que as gerações anteriores.

No passado, sempre havia adultos que sabiam muito mais coisas do que qualquer criança, pelo fato de terem crescido no interior de um sistema cultural. Hoje não existe mais nenhum. Não só porque os pais deixaram de ser guias, mas também porque não existem mais guias, por mais que se procure por eles no seu próprio país ou no exterior. Nenhum adulto de hoje sabe do nosso mundo o que dele sabem as crianças nascidas no decorrer dos últimos vinte anos (FORQUIM, 2003, p. 8)

O autor chama esse contexto de era pré-figurativa da cultura. Essa era se caracteriza pelo fato de que todos os indivíduos se parecem com imigrantes totalmente estranhos a essa nova terra que eles abordam. Uma terra em que as antigas ferramentas, os antigos pensamentos se tornaram obsoletos e em que é muito melhor ser um jovem sem bagagem do que um adulto atravancado pela memória de um mundo irremediavelmente perdido (FORQUIM, 2003, p. 4)

Nesse novo cenário, a ocorrência de conflitos entre gerações é quase inevitável, já que a convivência com indivíduos pertencentes a uma geração diferente da nossa é uma realidade. Sobre isso Oliveira (2010) afirma que

O momento atual é oportuno para reflexões sobre as gerações, pois estamos vivendo uma circunstância singular em nossa História. É a primeira vez que cinco gerações diferentes de pessoas convivem mutuamente, em números significativos, de forma consciente, interferindo e transformando a realidade (OLIVEIRA, 2010, p. 40).

Zemke (2008) afirma que os ambientes organizacionais estão repletos de vozes, de visões e de estilos de aprendizagem conflitantes, das forças de trabalho mais variadas que o mundo industrializado já conheceu.

4.1.1.1 Karl Mannheim: conceito sociológico de geração

Tomikazi (2010) afirma que o século XIX traz em seu bojo alguns dos primeiros estudos sobre gerações, quase todos com uma abordagem historiográfica, relacionando o conceito de geração aos movimentos históricos, com ênfase nas transformações sociais. Entre esses estudos, destaca-se o de Karl Mannheim – *Das Problem der Generationen* – de 1928, que apresenta uma das principais contribuições para a compreensão do conceito de gerações.

Mannheim defendia que o fenômeno geracional deveria ser concebido como um tipo particular de situação social, e, portanto, somente a abordagem sociológica poderia dar conta de interpreta-lo em sua complexidade. Para delimitar quais são os fatores estruturais do fenômeno geracional, o autor propõe, em seu texto, uma “experiência mental”, um exercício de imaginação que partiria da seguinte indagação: *como seria a vida social se uma geração vivesse eternamente e jamais fosse substituída por outra?* (TOMIKAZI, 2010, p. 330) (grifos do autor)

Ainda segundo o autor, Mannheim considerava que experiências mentais como essa podem ser úteis para isolar os fatores mais importantes dos fenômenos sociais já que as ciências sociais não podem lançar mão da experimentação. Respondendo ao questionamento posto, Mannheim *apud* Tomikazi (2010, p. 331) afirma que

[...] somente se esses homens utópicos dispusessem de uma consciência utópica, se eles vivessem tudo que pode ser vivido, se eles pudessem saber tudo que pode ser conhecido e se eles dispusessem da flexibilidade necessária a um eterno recomeço, que a ausência de sucessão de gerações seria, em parte, compensada (MANNHEIM *apud* TOMIKAZI, 2010, p. 331)).

Assim, concluímos que, para o autor, é quase impossível que essa sociedade imaginária tenha possibilidade de inovação. Para o autor a sucessão geracional é um problema que atinge todas as sociedades, já que diferentes gerações precisam conviver juntas, cada uma com um grupo de atores com características próprias. São diferentes grupos juntos que têm que conviver com o aparecimento e com o desaparecimento de novos agentes culturais.

Assim, o processo histórico é vivenciado apenas parcialmente em cada grupo geracional, que faz sua interpretação desse processo a partir das experiências que traz consigo. Há necessidade de que as gerações anteriores transmitam bens culturais que foram acumulados e haverá uma sucessão permanente de gerações,

fazendo-se assim, uma sucessão de elementos que devem ser considerados quando se pretende fazer um estudo geracional (MANNHEIM, 1990).

Mannheim (1990) considera que, para compreender as mudanças sociais, as formas de pensar e de agir de uma época, é essencial que se tenha a Geração como dimensão analítica. As gerações podem tanto formar produtos, formas de pensar como também podem ser produtos de uma mudança gestada pela geração anterior. Nessa análise, o que determina uma geração não se relaciona com tempo cronológico ou a data de nascimento. Segundo o autor, não há um padrão temporal para a formação de uma geração. O tempo é somente uma demarcação potencial. O que aproxima os jovens de uma mesma geração, de uma mesma faixa etária, são os eventos históricos.

Assim, esses eventos históricos funcionam como marcadores, formando-se a ideia do antes e do depois dele na vida social. Isso porque um mesmo evento é interpretado por pessoas de diferentes faixas etárias de forma diferente, em função dos diferentes momentos de socialização que esses grupos vivenciam. Grandes ou pequenos, lentos ou rápidos, naturais ou artificiais, econômicos, políticos ou culturais; qualquer que seja a natureza de um evento histórico, ele muda a realidade e o modo de vida anterior e as experiências acumuladas tornam-se sem sentido.

Tomikazi (2010), comentando as palavras de Mannheim, afirma que

Os indivíduos, para pertencerem a uma geração, devem ter em comum uma mesma situação sócio-histórica ou uma mesma condição de existência que norteie e delimite (evidentemente, de forma desigual) suas possibilidades de acesso aos bens materiais e simbólicos disponíveis nas sociedades. A transmissão dos conteúdos sociais é sempre orientada de acordo com os grupos sociais aos quais os indivíduos estão ligados, mesmo nos casos em que os mesmos conteúdos são oferecidos ou estão acessíveis a todos os membros da sociedade (TOMIKAZI, 2010, p. 333)

Dessa forma, percebe-se que, na visão de Mannheim, para fazer parte de uma geração, é necessário pertencer a um grupo específico, e isso não é só aderir aos valores que lhes são próprios, mas também ter a capacidade de perceber o mundo e de se entender no mundo com os instrumentos e as nuances próprias a esse grupo.

Segundo Tomikazi (2010), os estudos de Mannheim diferem dos estudos de outros autores em dois pontos fundamentais: primeiramente, porque sua posição é contrária a períodos regulares para o estabelecimento do coortes geracionais e,

segundo, porque leva em conta o movimento de sucessão das gerações, que estaria ligado à mudança social, ou seja, a dinâmica social se acelera com a ação de criação e transformação dos impulsos de gerações.

Attias-Donfut (1988, 2000 *apud* TOMIKAZI, 2010) critica a ideia atribuída a Mannheim, segundo a qual eventos fundadores confeririam singularidade às gerações. Segundo a autora, relacionar uma geração a um evento ou a um momento histórico específico pode fixá-la a um só período de sua formação e essa cristalização levaria, conseqüentemente, ao ocultamento das influências históricas posteriores e das marcas impressas sobre essa geração ao longo da totalidade do seu percurso. A autora ainda considera que, mesmo em períodos sem grandes transformações sociais, econômicas ou políticas de grande vulto, assistimos constantemente à formação de novas gerações.

Os acontecimentos, nessa perspectiva, sobretudo aqueles que têm “importância maior”, afetariam todos os membros de uma sociedade: eles seriam, por definição, multigeracionais e a profundidade da marca que eles poderiam deixar tem relação com o nível de exposição de uns e de outros, segundo sua idade e situação de classe, mas também segundo sua situação de ator, testemunha ou vítima.(TOMIKAZI, 2010. p. 337)

Assim sendo, podemos tomar as mudanças sociais como determinantes da formação de conjuntos geracionais que, de fato, podem ser tomados como tal pela novidade que apresentam em relação às gerações anteriores. A definição sociológica de geração proposta por Mannheim(1928, 1990) aponta que somente as transformações sociais são capazes de apresentar desafios suficientemente significativos a ponto de provocarem o surgimento de novos comportamentos e atitudes nos grupos sociais. Para esse autor, novas gerações trazem uma nova abordagem sobre o mundo, o que significa novas atitudes na apropriação, transformação e desenvolvimento do que existe.

4.1.1.2 Strauss e Howe e sua Teoria das Gerações

Strauss e Howe (1991) desenvolveram a Teoria das Gerações a partir de uma pesquisa na qual analisaram as gerações desde o ano de 1584 até as gerações futuras, no ano de 2069.

Segundo essa teoria, historicamente embasada, a sucessão de gerações se dá de forma cíclica. Inicia-se com a proteção dos pais, que anseiam por ver seus filhos compensados das falhas que eles – os pais – identificam em sua infância. Desejam dar à geração seguinte o que eles não tiveram.

Consequentemente, a geração seguinte se torna superprotetora com suas crianças e, por conseguinte, a próxima geração assume a postura de diminuir esse estímulo. Strauss e Howe (1991) apontam que as gerações são frutos da existência ou não da interação parental, assim como dos principais movimentos sociais que ocorrem durante o período em que viveu uma geração.

Os autores deixam claro que a História não se dá de forma linear, mas deixam claro que a existência de um ciclo natural quando se podem perceber padrões regulares no curso de diferentes sociedades, quando repetem uma vez a cada quatro gerações. Ainda de acordo com os autores, o conceito de século é utilizado para representar o tempo de quatro gerações já que cada uma tem duração aproximada de 22 anos.

A teoria das gerações proposta pelos autores apresenta uma característica para cada uma das quatro gerações sendo idealistas, reativos, cívicos e adaptativos e essas diferentes gerações têm em comum o fato de atravessarem quatro etapas ao longo de sua existência: a infância, a idade adulta, a meia idade e a idosa. Assim sendo, quando a geração idosa abandona a vida pública, é logo substituída por uma geração de crianças com características semelhantes.

A esse respeito, Batista (2010, p. 24) afirma que

Dá - se a denominação de giro, "*turning*" em inglês, ao alinhamento decorrente dos tipos de gerações. A mudança está atrelada ao exercício das atividades desenvolvidas por uma geração que exerce forte influencia sobre o desenvolvimento do processo histórico e nas interações sociais que são estabelecidas no cotidiano social. É possível identificar que a geração mais velha exerce no processo de mudança e/ou de giro um controle sobre os eventos do processo histórico e o resultado das interações sociais diferentemente da geração mais nova e/ou caçula (BATISTA, 2010, p. 24).

Para Strauss e Howe (1991), o primeiro desse giro recebe a denominação de alto. No giro alto uma determinada geração utiliza-se da força bruta para implantar projetos de abrangência nacional. Aqui a sociedade apresenta organização, mas é um período de autoritarismo, e de enfrentamento a tudo que se opõe ao projeto que se deseja implantar.

Já o segundo, de acordo com os autores, é denominado giro de despertar. É aqui que se apresentam os idealistas, em sua maioria, jovens que estão entrando para a vida adulta e que não concordam com o estado atual da sociedade e, a partir daí, tecem críticas ao conjunto social no qual estão inseridos. Tem-se, com esses jovens, o estabelecimento de relações de protesto e de confronto com o que se está estabelecido socialmente. É comum a participação desses grupos em greves, paralisações ou outros eventos semelhantes. As discussões polêmicas, muitas vezes abafadas pelas gerações anteriores, são novamente retomadas e passam a fazer parte das reivindicações. Um espírito mais criativo tende a se manifestar por meio das artes.

Desvendar é a denominação do terceiro grupo. Após o despertar do segundo giro, há um amadurecimento dos indivíduos que os leva a se dedicarem a atividades com objetivos pessoais. É a geração cívica que procura adaptar-se às interações sociais com regras cada vez mais claras e um conjunto mais complexo de regras e leis. Esse processo nem sempre acontece de maneira tranquila e muitos valores, ações, atitudes e heróis públicos podem ganhar força.

Finalmente, segundo Strauss e Howe (1991), o quarto giro é denominado de crise. Aqui há um conjunto de esforços, no sentido de se solucionar determinadas crises que podem colocar a ordem social em risco. Busca-se reescrever ou apresentar novos modelos de contrato social às próximas gerações. Nesse momento, é comum as gerações mais idosas e idealistas buscarem aspirações e soluções no tempo de sua juventude, como solução para os problemas sociais, o que confronta com a geração reativa que vê nas lideranças de meia idade o modelo para os mais jovens. Assim, há constantemente uma necessidade social de se observar a tomada de decisões frente aos grandes desafios postos pelo contexto e de se tolerar mais os erros cometidos ao longo do processo.

Analisando a sociedade americana, os autores afirmam que os Estados Unidos passaram pelo primeiro giro (alto) entre 1945/1963. O despertar foi entre 1963 e 1984. O terceiro giro a partir de 1984 e, atualmente, cogita-se a ocorrência

do quarto giro, ou seja, a crise. Ao longo da História americana, os autores citam a Guerra da Independência, a Guerra Civil, a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial como exemplos.

Batista (2010), fazendo uma análise da teoria das gerações de Strass e Howe afirma que

É possível identificar que a denominada geração idealista e/ou os *Baby Boomers* estão prestes a ingressar nos últimos anos de controle da vida política e pública. Acrescenta-se que a geração adaptativa e/ou "silenciosa" está começando a desaparecer do campo de influência política e pública. A denominada "Geração X" a partir de sua vida adulta, já não conseguem enfrentar as demandas de crise. Entretanto, observa-se um crescimento da geração de jovens e/ou a denominada Geração Y ansiosa em colocar em prática projetos que são apresentados como necessários à sociedade (BATISTA, 2010, p. 26).

Analisando o quarto giro apresentado na Teoria das Gerações, complementa que

Muitas análises identificam que os recentes distúrbios financeiros podem ser interpretados como um presságio de uma crise clássica de giro, pois muito dos acordos estabelecidos no passado são abandonados pela necessidade de uma veloz e decisiva ação pública como, por exemplo, o apoio das instituições financeiras. Um outro exemplo atual foi a necessidade de mudança e esperança manifestado por um novo espírito cívico expressado na campanha presidencial de Obama, atual presidente dos Estados Unidos. Durante o processo, a sociedade norte americana acreditou na possibilidade de sair de um governo dividido para a instalação de um novo regime com características de partido único, que é algo característico do quarto giro (BATISTA, 2010, p. 26).

4.2 Individualismo e coletivismo na caracterização da Geração Y

Um dos rótulos que a Geração Y tem recebido, entre tantos outros, é o de individualista. Horas gastas na internet, em jogos de estratégia, fazendas virtuais e

todos os tipos de *chats*⁸, diminuíram de fato o tempo de convivência familiar dos jovens.

O fato de viverem em uma bolha virtual já tem gerado, inclusive, especulações de que essa geração não entende mais as expressões corporais ou o contato visual. Nesse caso, o individualismo coloca-se contra o coletivismo. Mas, recentemente, alguns eventos têm mostrado o contrário, provaram que o jovem quer e busca ações coletivas, desde que encontre um sentido para fazê-las. Ele pode não comparecer ou reclamar de ir a uma reunião para discutir os problemas da escola, reclamar de ter que participar de um evento empresarial ou não se mostrar disposto a comparecer à festa de aniversário da tia, mas não se espante se ele aceitar convites para interagir com pessoas de todos os lugares do mundo, de diferentes nacionalidades e culturas, seja em um evento de tecnologia, ou em uma festa em que cada um dança ao som de seu próprio *i-Pod*.

Tratando da caracterização da Geração Y Valente (2011, p. 24) afirma que

As características pessoais comuns levantadas na literatura, tais como autoconfiança, foco no sucesso pessoal, independência, imediatismo, autenticidade ou relações numerosas conduzem para um ponto em comum: elas tendem a caracterizar comportamentos que valorizam a igualdade (liberdade de escolha, tolerância à diversidade), bem como o foco nas conquistas pessoais (autoconfiança, impaciência, consumismo). Na verdade essas características representam algumas das bases das culturas individualistas, em que a independência prevalece sobre o pertencimento a grupos específicos e as pessoas, em princípio indistintas, têm seu valor associado às suas conquistas pessoais (VALENTE, 2011, p. 24).

Segundo esse autor, a origem do conceito de individualismo é atribuída por alguns autores à Grécia Antiga. A autora cita ainda outros autores – Ver Han e Shavit, 1994 – que relacionam o conceito à Revolução Francesa e Gerlford, Triandis e Chan (1996) que afirmam que filósofos políticos dos séculos XVIII e XIX foram os primeiros a expressar ideias do individualismo, do coletivismo e do autoritarismo. Para esses filósofos, individualismo é quase sinônimo de liberalismo, incluindo máxima liberdade ao indivíduo.

⁸ Um *chat*, que em português significa conversação, ou bate-papo (termo usado no Brasil) é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real.

Já para Damasceno (2013, p. 1), o individualismo é um conceito que exprime a afirmação do indivíduo ante a sociedade e o Estado. A tônica do individualismo funda-se na liberdade, na propriedade privada e na limitação de poder.

Dumont (1985) coloca ao lado do conceito de um indivíduo que constitui o valor supremo — caracterizando o individualismo — teremos o indivíduo que se encontra na sociedade como um todo, caracterizando o holismo.

Para Hayek (1977, p. 15)

O Individualismo tem hoje má-fama, associado a egoísmo ou egotismo. Mas o individualismo do qual falamos em oposição a socialismo e a todas as outras formas de coletivismo não possui nenhuma conexão necessária com aquelas acepções. [...] Mas as características essenciais do individualismo [...] são o respeito pelo homem individual na sua qualidade de homem, isso é, a aceitação de seus gostos e opiniões como sendo supremos dentro de sua esfera [...]. (HAYEK, 1977, p. 15).

Triandis (2001) afirma que o individualismo pode ser definido da seguinte forma:

Em sociedades individualistas, as pessoas são autônomas e independentes dos seus grupos de referência; dão prioridade para seus objetivos pessoais em relação aos objetivos do grupo, comportam-se essencialmente com base em seus propósitos em detrimento das normas do grupo e a teoria da troca prevê adequadamente seu comportamento social (TRIANDIS, 2001 *apud* VALENTE, 2011, p. 25).

A autora esclarece que, segundo Triandis (2001), o que define a diferença primordial entre o individualismo e o coletivismo, sua contraparte, é a (in)dependência em relação ao grupo de referência. Segundo a Valente (2011, p. 26), uma boa representação visual dessa diferença entre individualismo e coletivismo é dada na Figura 1, que mostra o indivíduo, no coletivismo, como parte inseparável do grupo, enquanto, no individualismo, ele existe como uma célula independente e as relações com os grupos com os quais ele interage é mantida a distância.

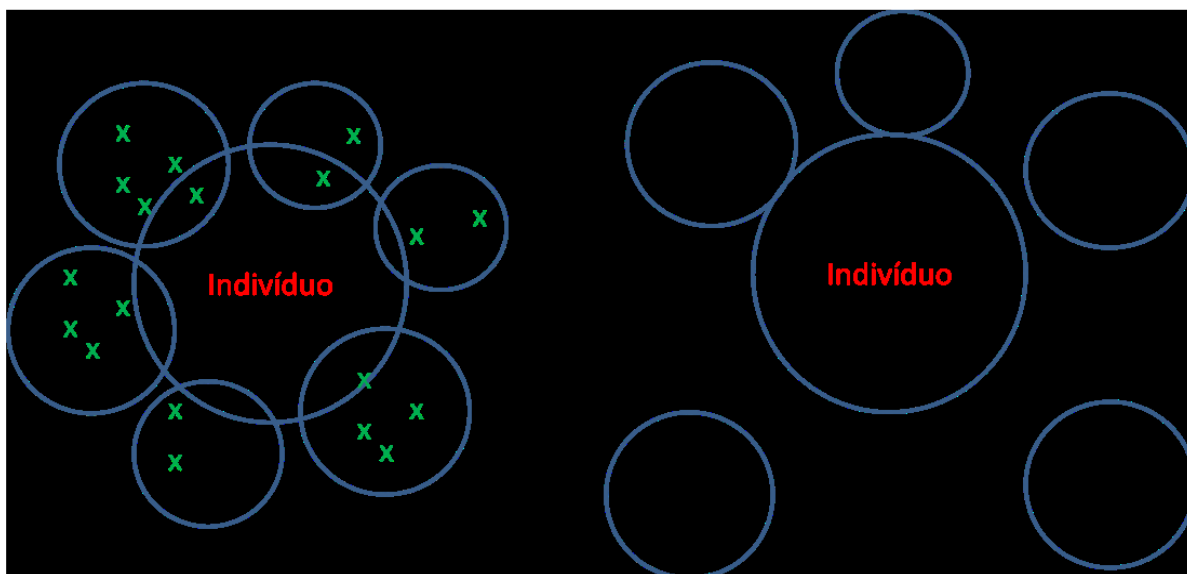


FIGURA 1 Representação visual: coletivismo x individualismo

Fonte: Valente (2011, p. 25)

Como pode ser observado, no coletivismo, a unidade básica de sobrevivência está em um ou em vários grupos, enquanto no individualismo o que impera é o si mesmo. No coletivismo, esse si mesmo é definido em termos do pertencimento ao grupo como parte inseparável.

Assim como nas sociedades liberais, o individualismo tem por princípio a liberdade, a independência, a competitividade, a autoconfiança. No individualismo, as pessoas preocupam-se com o seu bem-estar e, para conseguir isso, desenvolvem uma identidade independente, priorizam o interesse próprio, independentemente das demandas sociais. O indivíduo quer ser único, valoriza o êxito, definindo-se com base em características e conquistas pessoais.

Sobre isso, Valente (2011) considera que

Em geral, no individualismo, as pessoas pertencem a diversos grupos e mantêm uma distância emocional desses. Em última instância, sua obrigação é com a sociedade como um todo, não com grupos específicos. O mais importante a ser destacado nessa questão é que, no individualismo, não há, necessariamente, uma necessidade de isolamento do indivíduo. O que muda é a forma de relacionamento. A partir do momento em que a pessoa tem acesso a diversos grupos, ela permite maiores possibilidades de escolha e, portanto, menor dependência de cada grupo específico (VALENTE, 2011, p. 100).

De acordo com Vieira (2003, p. 8), para se estudar a relação entre o indivíduo e a sociedade, devemos considerar, antes de tudo, o tipo de configuração ou de

representação social que regula as sociedades. Essas estruturas sociais são responsáveis diretas pela compreensão que o indivíduo tem de si e do mundo e que, por sua vez, também são reguladas pela relação espaço temporal que estabelece com seu contexto.

Morris *et al.* (1994), analisando os aspectos desfavoráveis do individualismo, afirmam que uma pessoa individualista passa por cima de outra, a fim de conseguir seu objetivo; tende a ter menor lealdade; acredita que conflitos interpessoais devem ser estimulados e possui um estresse pessoal considerável.

Em virtude disso, pode-se afirmar que, para entendermos o termo individualismo no contexto em que se insere a Geração Y, precisamos entender as estruturas sociais em que os indivíduos dessa geração se encontram, assim como entender a interação deles com o meio.

A esse respeito Vieira (2013) afirma

Uma pessoa não nasce com as características típicas do individualismo, ou qualquer outra que seja externa ao seu desenvolvimento biológico, mas adquire determinados hábitos na relação que estabelece com as ideias e práticas que se encontram disseminados na cultura em que vive (VIEIRA, 2013, p. 8).

Assim, é possível considerar que a Geração Y carrega traços de individualismo, e a explicação para essa característica, segundo Oliveira (2012, p. 1)

As pessoas nascidas na década de 1980, que constituem a chamada Geração Y, vivenciaram duas realidades que terão consequências em suas vidas futuras: o aumento da expectativa de vida e a individualização. Esses jovens beneficiaram-se do conforto que seus pais não desfrutaram (quarto individual, brinquedos caros, televisão própria, internet, celular, escola) e passaram a adiar as consequências do processo de vida, ingressando no mercado de trabalho, na maioria dos casos, depois de concluírem o curso universitário (OLIVEIRA, 2012, P. 1).

4.3 As gerações anteriores à Y

Um ponto comum no estudo das gerações é a ideia de que cada geração está sujeita a eventos específicos e únicos que moldarão sua personalidade para sempre. Valente (2011) apresenta uma tabela com a classificação das gerações bem como o período de nascimento na visão de alguns autores:

TABELA 2 Relação das classificações de gerações

AUTORES	GERAÇÃO	NASCIMENTO
Howe e Strauss	GI'S <i>Silents</i> (Geração Silenciosa) <i>Boomers</i> (Trabalhadores Tradicionais) <i>Millennials</i> (Pessoas que viveram na virada do milênio)	1901-1924 1925-1942 1961-1981 1982-2010
Meredith, Schewe e Karlovich	<i>Depression Cohort</i> (Coorte - Grande Depressão) <i>World War II Cohort</i> (Coorte - Segunda Guerra) <i>Post War Cohort</i> (Coorte - Pós-Guerra) <i>Leading-edge Baby Boomer cohort</i> (Coorte – primeiras crianças do período Pós-Guerra – otimistas) <i>Trailing-edge Baby Boomer cohort</i> (Coorte – crianças nascidas em um período de recessão, geração perdida) <i>Generation X</i> (Geração X) <i>N Generation cohort</i> (Coorte - Nova Geração)	1912-1921 1922-1927 1928-1945 1946-1954 1955-1965 1966-1976 1977-...
Lancaster e Stillman	Tradicionalistas <i>Boomers</i> (Trabalhadores Tradicionais) <i>Xers</i> (integrantes da Geração X) <i>Millennials</i> (nascidos na virada do milênio)	1900-1945 1946-1964 1965-1984 1981-1999
Gronbach	GI'S (Grande Geração) <i>Silents</i> (Geração Silenciosa) <i>Boomers</i> (Trabalhadores Tradicionais) <i>Xers</i> (integrantes da Geração X) <i>Generation Y</i> (Geração Y)	1905-1924 1925-1944 1945-1964 1965-1984 1985-2010
Pew Research Institute	<i>Greatest Generation</i> (A maior Geração) <i>Silent Generation</i> (Geração Silenciosa) <i>Baby Boomer</i> (Filhos dos Trabalhadores Tradicionais, nascidos no período Pós-Guerra) <i>Generation X</i> (Geração X) <i>Millennials</i> (Nascidos na virada do milênio)	1900-1928 1928-1945 1946-1964 1965-1980 1980-1991

Fonte: Valente (2011, p. 52)

Cabe à Geração Y, segundo Oliveira (2010, p. 46) “modificar profundamente os paradigmas e premissas estabelecidos”. Dessa forma, não há como considerar essa geração isoladamente, fora do contexto na qual se insere. Concordando com Zenke (2008) quanto à multiplicidade de gerações convivendo juntas, há que considerar as características que formaram as gerações anteriores e que interferem diretamente no funcionamento da sociedade e que, apesar das especificidades da Geração Y, ainda carrega resquícios das anteriores.

Considerando a diversidade de denominações das gerações presentes na literatura, adotaremos aqui a divisão apresentada por Oliveira (2010). O autor acompanha a divisão apresentada por Lancaster e Sttilman (2002) –

Tradicionalistas, *Boomers*, *Xers* e *Millenials*, mas com diferentes denominações - *Belle Époque*⁹, *Baby Boomers*, Geração X e Geração Y.

4.3.1 Geração *belle époque*/ tradicionalistas

Segundo Oliveira (2010), as pessoas nascidas entre 1920 e 1940 fazem parte dessa geração; já para Lancaster e Sttilman (2002) são as pessoas nascidas entre 1900 e 1940.

As crianças nessa geração, também conhecida como geração tradicional, segundo Oliveira (2010) cresceram vendo o mundo mergulhado em uma grande depressão econômica, com famílias imigrando em busca de trabalho ou fugindo da intolerância política provocada pela Guerra Mundial.

Valente (2011) afirma que as pessoas dessa geração são os participantes da Segunda Guerra e que a crise, vivida em período tão marcante, fê-las desenvolver um senso de valor distinto de outras gerações, tanto em termos financeiros quanto em valores morais. As dificuldades vividas no período provocaram nessa geração uma preocupação excessiva com segurança financeira e a levaram à valorização da segurança no trabalho.

Meredith, Schewe e Karlovich (2002) *apud* Valente(2011) descreveram os calores dessa geração, sendo:

- Praticidade: todo mundo precisa de um senso de propósito;
- Guardar para um dia chuvoso: seja conservador no que diz respeito a dinheiro;
- Economia e segurança: a segurança deve ser garantida;
- Amigos e familiares: conectividade social é vital;
- A boa vida: conforto e comodidade são bons luxos, não requisitos para viver.

Oliveira (2010) caracteriza os jovens dessa geração como dotados de compaixão e de solidariedade, consequência das guerras, das catástrofes, das

⁹ Segundo Ortiz (1991) *Belle Époque* é uma expressão francesa que significa bela época. Foi um período de cultura cosmopolita na História da Europa que começou no fim do século XIX (1871) e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

crises, das destruições e das perdas na guerra ou na imigração em busca de trabalho. Seu objetivo primeiro era a reconstrução da estrutura social e econômica e isso os fez mais diligentes no trabalho. Ainda segundo o autor, os conceitos de fidelidade ao trabalho e fidelidade matrimonial fundiram-se e tornaram-se dogmas sociais, nos quais a dissolução do relacionamento não era considerada em nenhuma hipótese. Tanto o casamento quanto o emprego passaram a ser “até que a morte os separasse”.

Valente (2011) caracterizou essa geração como

Uma geração que valoriza o trabalho bem feito com um fim, que considera o trabalho em equipe, já que se sentem unidos pela experiência da Guerra, bem como a camaradagem o respeito pela autoridade e, principalmente, a lealdade. São vistos como uma geração honrada de heróis cívicos, que construiu instituições poderosas e duradouras, infraestrutura e dominou a política e a economia até idades avançadas (VALENTE, 2011, p. 54).

Howe e Strauss (2000) afirmam que essa geração, como pais, queriam que seus filhos (*Boomers*) desenvolvessem independência, criatividade e, se necessário, coragem para desafiar a autoridade radical.

4.3.2 *Baby Boomers*

Para Oliveira (2010), a Geração *Baby Boomers*¹⁰ refere-se às pessoas nascidas entre 1945 e 1960, em um período marcado pela euforia mundial diante de um cenário bastante positivo no Pós-Guerra, resultando em um grande número de nascimentos de crianças – *Baby boom* – evento que batizou essa geração. Segundo o autor, essa geração acabou no ano de 1964, com o surgimento da pílula anticoncepcional, depois de 80 milhões de nascimentos, aproximadamente.

Para Santos *et al.* (2011), os nascidos nessa geração são pessoas motivadas, otimistas e *workaholics* [pessoas viciadas em trabalho]. Nasceram no período de crescimento econômico, no final e após a Segunda Guerra Mundial, por isso idealizavam atuar na reconstrução de um novo mundo Pós-Guerra.

¹⁰ *Baby Boom* é uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional - *Baby Boom* em inglês, ou, em uma tradução livre, Explosão de Bebês

Durante sua trajetória, essa geração, foi educada para competir, trazida com muita disciplina, ordem e respeito pelos outros, qualidades essas que não foram consideradas ou apreciadas nos anos subsequentes.

Valente (2011) analisa que

Os *Boomers* são a geração que participou da Guerra do Vietnam, que viu o assassinato do Presidente Kennedy e de Martin Luther King, que viu o homem pisar pela primeira vez na Lua e que acompanhou o escândalo de Watergate. São uma geração que se dedicou à luta por causas, buscou justiça social, procurou a consciência, autorrealização cósmica, paz interior. Acima de tudo, é a geração que questionou a autoridade e o status quo. Em outras palavras, os *Boomers* vieram para mudar. Tudo o que fazem tem que ser diferente.[...] Eles lutaram contra o sistema, aprendendo a desafiar a autoridade e a não seguir as regras que foram impostas por outros. Dessa forma, conseguiram grandes mudanças sociais por meio dos movimentos de direito civil, luta das mulheres por igualdade e protestos antiguerra. Antes de mais nada, é uma geração, em sua maioria, de idealistas (VALENTE, 2011, p. 58).

A geração *Baby Boomers* aprendeu muito cedo a respeitar os valores familiares e a disciplina nos estudos e no trabalho. Nenhum jovem, segundo Oliveira (2010, p. 50) jamais deveria contestar a qualquer autoridade estabelecida. Contestar significava, sempre, receber duras punições dos pais ou dos chefes.

Diante da rigidez da disciplina que recebiam, a tendência natural à rebeldia aparecia na música, momento que surge o *Rock and Roll* e grandes nomes da música, como Elvis Presley, Bob Dylan, Beatles e Rolling Stones (OLIVEIRA, 2009).

Para Santos *et al.* (2011) surgiram, nesse contexto, dois perfis dos jovens: o disciplinado e o rebelde.

Os disciplinados aceitavam as condições impostas pelos pais e exerciam um comportamento um tanto quanto correto, ingressavam na vida adulta com maior rapidez e buscavam a estabilidade na empresa e a constituição de família. Quanto aos jovens rebeldes, na sua maioria, eram filhos de pais ricos e militares e buscavam transgredir todas as regras da sociedade, usando cabelos compridos, fazendo sexo antes do casamento, fumando e usando roupas coladas ao corpo. Além disso, seguiam as influências de personagens do cinema, lutavam ativamente pela liberdade política e exigiam mudanças nesse cenário. Também foram líderes de movimentos feministas, homossexuais, civis. Participaram de movimentos estudantis e do movimento “Yuppie” (Young Urban Professional – Jovem Profissional Urbano). No Brasil, a luta foi direcionada ativamente contra a ditadura militar. (Santos *et al.*, 2011, p. 3).

Oliveira (2010) coloca que os jovens dessa geração foram mais susceptíveis às influências do cinema e da música e tinham no personagem James Dean o principal representante dos novos tempos que estavam chegando, conhecidos por “Anos Rebeldes”, quando o principal apelo social foi “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”¹¹. Para Lancaster e Stillman (2002), *apud* Valente (2011, p. 59) os *Boomers* caracterizam-se por serem otimistas e competitivos, com a televisão correspondendo à sua maior marca.

Profissionalmente, essa geração foi educada em um ambiente corporativo em que liderança e controle eram sinônimos. Demonstravam lealdade, focalizando sempre os resultados e mantendo um alinhamento e um compromisso com a missão da empresa que trabalhavam, valorizando o status e a ascensão profissional. De acordo com Kanaame (1999), aplicavam as habilidades e competências escolares em carreiras que oportunizavam posições elevadas ou mesmo garantias e/ou segurança para o futuro. A questão da empregabilidade representava uma afirmação de identidade, porém, a qualidade de vida não era muito preservada, uma vez que a ansiedade gerada pela necessidade de construir um mundo diferente intensificava o trabalho, já que esse era entendido como o ponto mais importante para o momento histórico.

Essa geração, segundo Valente (2011), pretende tirar o máximo do tempo de carreira que lhe resta. Valorizam detalhes como a senioridade, a vaga mais bem localizada, o melhor escritório buscando mostrar para si e para os outros o quanto estão bem. Ainda segundo a autora, essa geração acolheu a questão do repúdio ao preconceito e não deixará que ele volte, abrindo espaço para a tolerância que vigora junto às gerações posteriores.

Aos olhos das gerações atuais, os *Boomers* são pessoas tidas como rigorosas e hipócritas (HOWE; STRAUSS, 2000) já que, no passado voltaram-se para as drogas, buscando originalidade e hoje voltam-se novamente para as drogas para suprimir os impulsos de seus filhos e manter seus comportamentos padronizados. Valente (2011) cita Gronbach (2008) afirmando que os *Boomers* não têm muita integridade, o que reflete na taxa de 50% de casamentos fracassados.

¹¹ Referência a uma canção de Marcos Valle, muito em voga na década de 1970, uma época em que a juventude, insatisfeita com as propostas oferecidas pela sociedade de então, utilizava as músicas para protestar.

4.3.3 Geração X

A essa geração, segundo Oliveira (2010), pertencem as pessoas nascidas entre os anos de 1960 e 1980. Ainda segundo o autor, a denominação “X” faz referência ao líder político Malcom X, assassinado em 1965. Para Valente (2011) as pessoas dessa geração eram difíceis de ser definidas e, assim, tornaram-se conhecidas como a Geração X, em que X significou genérico, sem sentido, diferente da maioria.

As pessoas pertencentes a essa geração, nascidas na década de 1960, final da década de 1970 e início da década de 1980, não possuem uma reputação muito favorável. Segundo Howe e Strauss (2000), essa é a geração com as pessoas mais egoístas, mais profanas, mais fragmentadas quanto aos objetivos em sociedade, com pouca cautela quando se trata de sexo e de drogas, politicamente apáticas, mais violentas e socialmente decadentes.

Céticos já que não tiveram muitos heróis. Essa é a definição de Lancaster e Stillman (2002) para os integrantes dessa geração, que assistiu às maiores instituições serem questionadas, ao crescimento das taxas de divórcio e de violência, ao início da AIDS, o consumo de *crack* e de cocaína, aos molestadores de crianças e aos motoristas alcoolizados. Tudo isso, segundo os autores, fez com que essa geração se preocupasse mais com o presente do que com o futuro.

Além disso, Oliveira (2010) coloca a TV como um marco na vida dessa geração

O surgimento da TV afetou de forma significativa, mesmo que involuntariamente, os relacionamentos familiares, pois o aparelho se tornou um auxiliar na Educação dos filhos. Foi na Geração X que as crianças identificaram um centro de interesse diferente de brinquedos e passatempos usados e oferecidos por seus pais (OLIVEIRA, 2010, p. 53).

O autor ainda coloca que as correções com palmadas e chineladas foram substituídas pelo controle do acesso aos programas preferidos e que deixar de assistir ao desenho favorito era o castigo.

A Geração X já encontra um cenário com grandes mudanças na família, com pai e mãe trabalhando, intensos sentimentos de culpa das mulheres pela ausência do lar, gerando dificuldades de colocar limites e estruturar a disciplina; no Brasil, a

ditadura e a repressão à liberdade de expressão acentuaram ainda mais o horror às posturas autoritárias; no ambiente de trabalho, essa geração encontrou a tendência ao *downsizing* (achatamento, em português) corporativo, à instabilidade no emprego. A percepção de que adultos leais à empresa perderam seus postos, estimulou a tendência de dar continuidade ao aprendizado e a desenvolver habilidades que melhorem a empregabilidade, já que não se pode mais esperar estabilidade e permanência (SANTOS *et al.* 2011)

Para Oliveira (2010), como consequência de todo esse contexto, os jovens da Geração X desenvolveram uma atitude mais egocêntrica e cética, buscando no universo de fantasia apresentado pela TV, em seriados, em desenhos animados e em novelas, as famílias com problemas semelhantes, mas com final feliz.

Por outro lado, para Valente (2011),

Não parece que essa geração seja caracterizada apenas por deméritos. Junto à maior tolerância social e étnica, também compartilham maior consciência ambiental. Depositam também muito valor às amizades, uma vez que, frequentemente, os amigos são os únicos com quem podem contar, já que muitas vezes moram longe dos pais e, como atrasaram mais ainda os casamentos e os filhos, demoraram a constituir família (VALENTE, 2011, p. 82).

Ainda segundo a autora, foi também a geração que viu e fez a explosão tecnológica e vivem muito mais próximos da tecnologia e da informática do que as gerações anteriores. Eles fazem compras pela internet, são grandes usuários de cartão de crédito. Conquistaram, também, em comparação às gerações anteriores, maior nível educacional.

4.4 Geração Y: delimitações

Valente (2011) coloca alguns problemas para caracterização da Geração Y. Segundo a autora, um dos pontos mais controversos diz respeito ao período de nascimento das pessoas dessa geração, o que varia de autor para autor, podendo variar de 1970 a 1999. Dessa forma, há variação no que diz respeito à idade que o público de interesse tinha quando as pesquisas foram conduzidas e isso pode gerar divergências entre os resultados dos diferentes estudos. A autora cita, por exemplo, a obra de Gronbach (2008), na qual foi analisado o perfil de quem ainda nem havia

nascido, e a obra de Lancaster e Stillman (2002), que discorrem sobre as atitudes, principalmente em relação ao comportamento profissional, de pessoas entre 3 e 21 anos, embora boa parte do seu universo ainda estivesse cursando o Ensino Fundamental.

Outro ponto problemático para a caracterização da Geração Y, segundo Valente (2011), é a questão do efeito idade influenciando os resultados. Segundo a autora algumas características atribuídas à Geração Y são características da adolescência ou pós-adolescência de maneira geral. Além disso, há o efeito período. De acordo com a autora, determinadas características que são próprias da fase de vida ou que são comuns a todas as gerações que compartilham o mesmo momento histórico correm o risco de se confundir, gerando conclusões que, muitas vezes, podem tornar-se incoerentes. Exemplo disso é considerar exclusividade da Geração Y a dependência das tecnologias. Para algumas pessoas, indiferentemente da geração a que pertença, fazer uso intenso dos recursos tecnológicos disponíveis hoje é uma questão de necessidade.

Por fim, Valente (2011) cita a questão da localização como fator dificultador para a caracterização da Geração Y. Segundo a autora, as pesquisas publicadas no Brasil apresentam basicamente dois tipos de resultados

O primeiro são pesquisas conduzidas por institutos ou organizações interessados em conhecer o perfil dessa geração (Dossiê MTV, 2008 e 2010; Bridge Research, 2012, Binder/FC+M, 2009). Em geral, essas pesquisas consistem em questionários que avaliam comportamentos e posturas e que são distribuídos entre centenas ou milhares de pessoas definidas como representativas dessa geração. Alguns consideram a faixa etária de 12 a 30 anos; outros ainda, de 16 a 18 anos (VALENTE, 20011, colocar a página).

O segundo tipo de resultado são pesquisas acadêmicas que partem da classificação norte-americana e avaliam o comportamento do grupo de pessoas de faixa etária correspondente no Brasil em relação, na sua maioria, à postura profissional (VELOSO, DUTRA E NAKATA, 2008; PORTES, 2009), ao uso de tecnologia (KRUGER; CRUZ, 2007; FERREIRA, 2010) ou à influência da internet na Educação (SILVA, 2009; SIMÕES; GOUVEIA, 2009).

Nessa perspectiva, Oliveira *et al.* (2011, p. 3) consideram que as características comuns às diferentes gerações influenciam o modo de ser e de viver das pessoas nas sociedades e é esse conjunto de comportamento e valores que

diferencia uma geração de outra. Um dos desafios da sociedade é permanentemente compreender e incorporar as novas gerações e a todas as mudanças trazidas por elas.

Ainda segundo os autores

O conceito de Geração Y tem sido incorporado aos estudos nacionais tal como se apresenta nos estudos internacionais, sem que se faça uma contextualização dos quais seriam as características e os marcos históricos que contribuíram para a formação do pensamento desse grupo geracional no Brasil (OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 3).

Assim sendo, buscaremos apoio nos resultados apresentados tanto por institutos ou organizações e também nas pesquisas acadêmicas publicadas com o intuito de estabelecer caracterização para a Geração Y. Para isso, o próximo tópico apresenta o perfil das gerações anteriores à Geração Y bem como alguns aspectos que nos ajudam a caracterizá-las.

4.5 Geração Y

Apesar de ser um tema relativamente novo no universo acadêmico há uma produção considerável de pesquisas e textos publicados sobre a Geração Y. Segundo Valente (2011, p. 17), além dessa denominação, é comum encontrarmos outras que, apesar de diferentes, referem-se ao mesmo grupo de pessoas - Geração Y, Geração digital, Geração Internet, *Millennials*, Geração N ou Net, Geração Me ou ainda Geração Digital por causa da invasão da Internet. Nesse estudo optamos pela denominação Geração Y.

Segundo Barreto *et al.* (2010),

[...] atualmente a discussão sobre a Geração Y tem crescido nas diferentes mídias, com destaque para as redes sociais. A gestão dessa nova geração tem sido considerada um dos grandes desafios para a gestão de recursos humanos nos próximos anos e começa a aparecer nas discussões acadêmicas (BARRETO *et al.*, 2010, *apud* OLIVEIRA, PICCININI; BITENCOURT, 2011, p. 3).

Oliveira, Piccinini e Bitencourt (2011) ainda afirmam que o conceito de Geração Y tem sido incorporado aos estudos nacionais tal como se apresenta nos

estudos internacionais, sem que se faça uma contextualização de quais seriam as características e os marcos históricos que contribuíram para a formação do pensamento desse grupo geracional no Brasil.

De acordo com Oliveira (2010), a denominação “Geração Y” se deve a um fato curioso. Segundo o autor, quando a antiga União Soviética ainda era uma potência e influenciava fortemente os países de regime comunista, chegava a definir a primeira letra dos nomes que deveriam ser dados aos bebês nascidos em determinados períodos. Entre as décadas de 1980 e 1990, a letra principal era a Y, daí o nome de batismo: Geração Y. Para Kullock (2012), a Geração Y é um conceito da Sociologia que se refere aos nascidos após 1980 e para Cara (2008), o termo apareceu pela primeira vez no periódico *Advertising Age*¹², agosto de 1993, também intitulada *EchoBoomers* que seriam os filhos da geração *Baby Boomer*.

Loyola (2009) destaca que a definição mais clara do comportamento dos adolescentes ou jovens não veio por meio da Educação ou da Sociologia. Segundo o autor, os especialistas em marketing e recursos humanos é que começaram a buscar respostas, depois dos anos 2000, para compreender melhor esses jovens.

Valente (2011) afirma que as descrições dos integrantes da Geração Y podem parecer confusas ou até mesmo conflitantes. Para exemplificar sua afirmação, a autora apresenta a descrição de Howe e Strauss (2000) que tratam os jovens dessa geração como convencionais, obedientes às regras, confiantes na instituição e com foco no sucesso pessoal e profissional. Em outra perspectiva, a mesma autora cita Twenge (2006), que descreve esses jovens como menos convencionais, menos obedientes, questionadoras de autoridades como professores, por exemplo, desconfiadas do mundo e das pessoas e enfrentadoras de alguma dificuldade quando o assunto é escolha profissional. A autora apresenta ainda a uma série de adjetivos que Schooley (2005) utiliza para caracterizar esses jovens: criativos, organizados, independentes, impacientes, céticos, arrogantes em suas relações com os outros.

Apesar de algumas divergências como essas encontradas na literatura, diversos autores são unânimes em apontar pontos comuns na caracterização dos jovens da Geração Y.

¹² *Advertising Age* é uma revista americana que divulga notícias, análises e dados sobre marketing e propaganda.

Um das características comuns apontadas pela literatura é que a Geração Y é diretamente influenciada pela internet e pelos avanços tecnológicos. A tecnologia parece ser o aspecto determinante na vida desses jovens, o que pode ser observado em diversos autores (TWENGE, 2006; GRONBACH, 2008; PEREIRA, ALMEIDA; LAUX, 2006; LANCASTER; STILLMAN, 2002). Esses autores são unânimes em apontar a forma pela qual os jovens da Geração Y utilizam os diversos meios tecnológicos e isso é o grande diferencial dessa geração em relação às demais. A familiaridade com que lidam com os recursos tecnológicos, o número de horas dedicadas às redes sociais, o número de vídeos assistidos de todo o mundo são aspectos determinantes para a caracterização dessa geração. Tapscott (1998) *apud* (Valente, 2011, p. 23) afirma que essa é a primeira vez na História em que os filhos têm domínio maior que dos pais a respeito de uma ferramenta fundamental para a vida em sociedade.

Sobre isso, Valente (2011) afirma que o manuseio dessas tecnologias e o uso dos recursos tecnológicos da forma pela qual os jovens da geração usam não são indícios suficientes para caracterizar um evento histórico, como uma guerra, uma crise ou uma mudança radical de comportamento.

[...] a internet não se constitui um evento histórico porque não faz parte exclusivamente da experiência vivida durante um momento específico. Ela pode, hoje, diferenciar a Geração Y das gerações anteriores, mas fará parte da vida da sociedade em geral a partir de agora e, provavelmente, deixará de ser uma referência ou um diferencial que não o assunto for as gerações posteriores à Geração Y. Isso ocorre porque ela representa uma mudança que será perene e, como tal, fará parte da vida de todas as gerações a partir de sua introdução, da mesma forma que o rádio, o automóvel ou a televisão. Essas novas tecnologias podem significar, no máximo, um meio para averiguação de valores mais profundos de cada geração em função da sua funcionalidade, já que podem ser usadas, não só para diferentes fins, como de maneiras distintas. (Valente, 2011, p. 23)

Para Oliveira (2010), os jovens da Geração Y são estimulados pela mídia, tornam-se reféns da sociedade de consumo e estabelecem padrões mais elevados para seus próprios sonhos. Segundo o autor, sonhar adquire uma conexão com metas e objetivos de vida, levando os jovens a tomar decisões muitas vezes incompreensíveis, simplesmente porque buscam realizar seus sonhos.

Ainda segundo Oliveira (2010), os integrantes da Geração Y assistiram a muita televisão, jogaram muito videogame, o que ajudou a determinar o

comportamento desses jovens, ensinando-os a superar desafios, buscar resultados em troca de recompensas ajudando-os a ser mais interativos e gostarem de competir. Os jogadores passam por uma fase constante de jogos e, quando se perde algo ou o jogo, por exemplo, é só desligar e começar novamente. Assim, para esses jovens, onde existem erros, existem então formas de se superar o erro. Não é difícil para eles perder tudo o que têm e começar do zero novamente.

Além da facilidade que as pessoas pertencentes à Geração Y têm com todos esses recursos disponíveis na atualidade, há algumas características direcionadas a essas pessoas que são recorrentes na literatura tais como: a busca pelo sucesso pessoal e financeiro, a independência, a tolerância à diversidade e a preocupação com questões ambientais.

Sato (2008) considera a Geração Y a mais confusa de todas, quando o assunto é hierarquia ou quanto à forma de tratamento a superiores e gestores, consequência do tratamento e das poucas cobranças de tiveram de seus pais. Para Oliveira (2010), essa resistência da Geração Y se formaliza no termo não, o ato de negar, questionar toda e qualquer ordem não fundada em uma justificativa aceitável. São motivados pela novidade, pelo incerto. O superior, para esses jovens, tal qual nos desafios de videogames, é um obstáculo que precisa ser ultrapassado.

Oliveira (2010) considera que o poder sugerido na Geração Y é a informação, no entanto, considera também que qualquer pessoa, hoje, pode ter acesso a qualquer tipo de informação. Sendo assim, o que passa a diferenciar essa geração das demais são as infinitas redes de relacionamentos criadas por meio da rede mundial de computadores - a internet - dos telefones e das redes de contato – networking - no decorrer de suas longas horas de conexão.

Os jovens dessa geração, segundo Lipkin e Perrymore(2010), estão, hoje, ingressando no mercado de trabalho e nas instituições de Ensino Superior, portanto, trazem uma bagagem diferente das gerações anteriores. Sendo assim, a análise da repercussão e as transformações que a Educação, especificamente o professor em sala de aula e o mercado de trabalho, têm passado em função das especificidades que esses jovens apresentam serão abordados nos próximos itens.

4.5.1 Geração Y: do nascimento à escola

Os indivíduos pertencentes à Geração Y tiveram um tratamento diferenciado dos integrantes das demais gerações já em sua infância. A maioria dos autores que tratam do tema concorda que o excesso de cuidado e o protecionismo exagerado fizeram parte da infância dessas pessoas, só não fica muito claro por que isso acontecia. Alguns autores - Valente (2011), Howe e Strauss (2000) – têm essa geração como a maior, mais saudável e mais bem cuidada na História. Para eles, há *websites*, programação de TV, de rádio específica. É também, historicamente, a geração mais educada. São crianças desejadas pelos pais, dignas de muito amor, muito sacrifício e cuidados especiais. Meredith, Schewe e Karlovich (2002) *apud* Valente (2011) destacam a preocupação dos pais e da sociedade com segurança, refletida nas minivans, nos capacetes e nas cadeirinhas apropriadas para veículos, o que os tornou preocupados com a própria segurança.

Há uma peculiaridade com relação aos pais dos jovens pertencentes a essa geração: o divórcio. Segundo dados do *Pew Research Institute* (2010) somente seis entre dez indivíduos nascidos entre 1980 e 1991 foram criados pelos dois pais. Isso, para Howe e Strauss, é percebido pelas crianças de forma diferente em comparação às mais velhas. Mesmo distantes, essas crianças sabem que os pais gostariam de estar perto. Muitos pais optam por trabalhar menos para poder estar com os filhos, muitos avós oferecem ajuda, as creches e escolas estão mais organizadas e os pais sentem grande pressão para não desapontar os filhos, o que gera crianças mais supervisionadas, que passam mais tempo com os pais e fazem mais programas em família.

Essa visão é contestada por outros autores como Meredith, Schewe e Karlovich (2002). Eles consideram maior ausência de supervisão dos pais e isso é causa do aumento da violência, agravada pela perda de contato com a comunidade, pela glorificação da violência na mídia, ou por outros fatores sociais.

Há, ainda, a visão de que altas taxas de divórcio e mais de um casamento levam os adultos a se sentirem culpados pela situação e tendem a presentear seus filhos, no intuito de suprir suas perdas. Gronbach (2008) *apud* Valente (2011) considera isso uma desvantagem da Geração Y, já que, quando adultos, terão de enfrentar uma alta taxa de desemprego e uma competição acirrada no momento em que entrarem para o mercado de trabalho e, nesse momento, não há como protegê-

los ou presenteá-los. Para Twenge (2006), esse excesso de zelo e de preocupação pode levar essas crianças a se acharem melhores que todas as outras pessoas e acharem que merecem ser tratadas de forma diferente. A melhor casa ou o melhor quarto, a melhor roupa, o melhor carro tem que ser deles, simplesmente porque foram criados como especiais. A autora ainda coloca como consequência disso o fato de que esse excesso de cuidado está em desacordo com a realidade do mundo e que isso pode trazer um sentimento de ansiedade, estresse, depressão para esses jovens. Isso também os leva à tendência de não admitir culpas ou responsabilidades. Sempre procuram alguém para culpar por seus problemas.

Outro fator de pressão sobre esses jovens, segundo Howe e Strauss (2000) é a necessidade de escolarização desde muito cedo colocada pelos pais. Valente (2011) coloca que

Os pais querem que a escola molde as crianças intelectual e moralmente, como uma fé espiritual. São estudantes e indivíduos mais evoluídos em matemática e ciências que em leitura e escrita e, por isso, podem desenvolver uma inclinação racional para a conquista de seus objetivos (VALENTE, 2011, p. 67),

Quanto ao comportamento em sala de aula, também há algumas teorias divergentes. Enquanto Howe e Strauss (2000) defendem que algumas atitudes toleradas pelas escolas com as outras gerações como ameaças, beliscões, diários, beijos são severamente punidos entre as crianças da Geração Y. Por outro lado, Twenge (2006) afirma que os alunos hoje são extremamente questionadores e se colocam em nível de igualdade com os professores e, segundo a autora, esse sentimento pode causar mal-estar e desrespeito em sala de aula.

Valente (2011) apresenta um resumo das características envolvendo o contexto em que os jovens da Geração Y estão imersos bem como as consequências dessas características (Quadro 2)

QUADRO 2 Geração Y – Infância e adolescência

• Principais características	• Consequência
• Aumento das taxas de divórcio	• Arranjos familiares diversos
• Aumento do índice de pais solteiros	•
• Preocupação com a segurança	• Excepcionalmente cuidados e protegidos
• Presenteados em excesso	• Materialismo
• Participação nas decisões familiares	•
• Preocupação com autoestima	• Despreparo para o futuro.

Fonte: (Valente, 2011, p. 69)

4.5.2 Geração Y e Tecnologia

Em toda a literatura consultada para a elaboração deste texto não houve um autor que não citasse a familiaridade dos jovens pertencentes à Geração Y com a tecnologia e a informática. Dados do Pew Research (2010) mostram que 24% dos jovens hoje sentem-se diferentes daqueles das gerações anteriores por causa do uso intenso de tecnologia. De acordo com a pesquisa, essa é a primeira geração da História constantemente conectada. Consideram um telefone celular, um *I-pod*, *I-phone*, um microcomputador como parte integrante de seu corpo.

A internet, para esses jovens, é utilizada para todas as finalidades: pesquisa, lazer, fazer amigos, assistir filmes, ouvir músicas, comprar, para relacionamentos. A internet está muito mais para a Geração Y do que a televisão para a Geração X. Sobre isso Howe e Strauss mostram em suas pesquisas que 28% das pessoas nessa faixa etária afirmaram viver sem televisão, enquanto 23% viveriam sem computador. Todos esses equipamentos tecnológicos passaram a ser bens de primeira necessidade para essa geração. Se antes um cigarro ou outra droga era o passaporte para a “enturmação”, hoje, segundo Howe e Strauss, a posse e uso desses equipamentos se tornou o crachá para pertencer ao grupo.

[...] eles têm *I-pods*, laptops, aparelhos de DVD e telefones celulares. Mandam mensagens de textos, de voz e falam em seus celulares com avidez. Assistem DVDs e ouvem músicas baixadas. Veem pouca televisão e o tempo que passam em frente a comerciais de TV está caindo significativamente. Não ouvem rádio nem leem jornais. Sua fonte de informação é a internet (GRONBACH, 2008, p. 186)

Com relação ao uso da internet, dados do *Pew Research Center* (2010) apontaram que a Geração Y brasileira passa uma média de 31 horas por semana conectada. Com relação à conexão, o acesso é feito em casa por 74% das classes A, B e C. Já as *lan houses* aparecem como principal local de acesso à internet para 3% dos jovens das classes D e E.

O *Facebook* já é a rede social mais utilizada pelos jovens adultos (79%) e lidera em todas as regiões, sexos e faixas etárias. Na classe A, o Twitter também se destaca, sendo utilizado por 76% dos jovens com mais alto poder aquisitivo. A

internet também é a fonte de informação mais utilizada por esse público, 53% dos entrevistados afirmaram que se informam por meio de *blogs* e de *sites* de notícias.

Na escola, em casa, no trabalho, na rua, nos restaurantes ou em qualquer lugar é possível perceber esses jovens em contato quase ininterrupto uns com os outros. Segundo Howe e Strauss (2000) entre os integrantes da Geração Y, três quartos já criaram um perfil em um *site* de relacionamento e um em cada cinco já postou um vídeo de si mesmo online.

Nesse espaço quase totalmente virtual, o que se percebe são as mudanças nos relacionamentos. Os contatos são, em sua maioria, a distância e muito mais impessoais. Twenge (2006) considera que essa impessoalidade acarreta entre eles uma sensação de angústia e de solidão.

O acesso livre a essas tecnologias leva os jovens da Geração Y a mudar completamente o estilo de vida se comparados às gerações anteriores (COUTINHO, 2005). O autor considera que as condições sociais e os recursos tecnológicos fazem com que eles reduzam o seu contato direto com outras pessoas, desenvolvendo a cultura do quarto. Essa preferência pelo isolamento reforça a característica de individualistas apresentadas anteriormente neste texto.

Como se não bastassem as formas de relacionamento, a internet tem mudado também as formas de diversão desses jovens. Televisão, livros, jornais, revistas, passeios e outras formas de se passar o tempo há algum tempo estão entrando em desuso na era da tecnologia. O Gráfico 1 mostra essa mudança em relação às outras gerações.

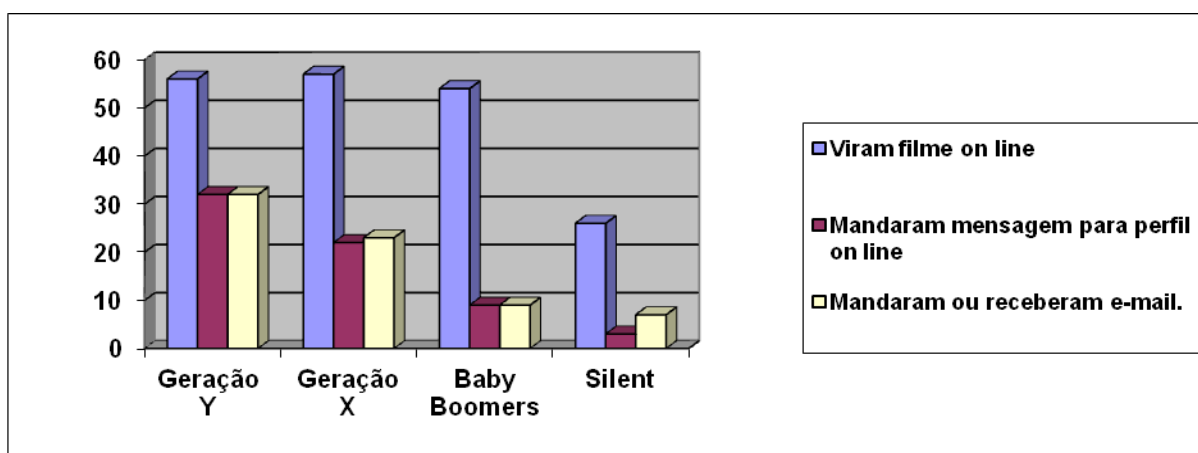


GRÁFICO 1 Atividades de lazer desenvolvidas online nas últimas 24 horas nos Estados Unidos.

Adaptado do Pew Research Institute (2010)

Quanto ao tempo em frente à televisão, o quadro não muda muito. Segundo dados do *Pew Research Institute* (2010) os integrantes da Geração Y ficam pouco mais da metade do tempo que aqueles de outras gerações ficavam.

Há ainda outras características da Geração Y que são significativamente diferentes das demais. A leitura de jornais impressos quase não existe e, quando o assunto é uso do celular, para todos os fins possíveis, essa geração é campeã.

Essa familiaridade desses jovens com a tecnologia tem mudado também o funcionamento das empresas. Coimbra e Schikman (2001) apontam para os impactos da introdução da tecnologia nas organizações e para a facilidade que os jovens têm em lidar com ela. Segundo as autoras a Procter Gamble desenvolveu um programa de *coaching* (treinamento) reverso, no qual os profissionais mais jovens apoiavam os mais velhos em questões relacionadas à tecnologia.

O desenvolvimento da tecnologia computacional, principalmente a expansão na internet dos *sites* de relacionamento, dos jogos virtuais parece ser o grande marco definidor das experiências dos integrantes da Geração Y e isso se tem refletido profundamente no ambiente profissional desses jovens.

4.5.3 Geração Y no trabalho

Os jovens da Geração Y estão hoje entrando no mercado de trabalho e já dão mostras da influência direta ou indireta que exercerão nos destinos da sociedade. No trabalho, entre suas características mais marcantes, está o fato de serem multitarefas, ou seja, conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo, a busca pelo reconhecimento no trabalho e a necessidade de constantemente estarem recebendo *feedbacks* (retornos) para tudo o que fazem. Além disso, buscam estabelecer relações de informalidade com o trabalho, em que a valorização da liberdade foi substituída por flexibilidade e conveniência, bem como têm adotado comportamentos de individualidade, estimulada pelas facilidades da tecnologia; e ampliação dos relacionamentos, facilitada pela tecnologia (OLIVEIRA, 2010).

Santana e Gazola (2010) acrescentam que a Geração Y também apresenta como característica um perfil inovador com tendências a mudanças e adaptações comportamentais e de liderança baseada em confiança e resultados. Demonstram a

necessidade de dominar seu próprio estilo de vida, gostam de independência e são aliados da tecnologia.

De acordo com Oliveira (2010), a Geração Y tem por desejos a vontade de inovar, de pertencer, de ter significado, de conciliar o trabalho com uma boa qualidade de vida, o desejo de poder ter um trabalho que faça sentido, um ambiente que seja alegre, em que haja respeito, afeto e um senso de importância e de pertencimento.

Uma pesquisa realizada pela Boo-box, empresa brasileira de tecnologia de publicidade e mídias sociais, e Hello Research, uma agência de pesquisa de mercado, teve como objetivo traçar o perfil da Geração Y. O estudo foi realizado para comparar os conceitos normalmente atribuídos à Geração Y com o verdadeiro padrão comportamental dos jovens. Diferente de muitas pesquisas, essa foi realizada por meio da metodologia "*On-Target Hello Research*", ou seja, exclusivamente pela internet e teve participação nacional. Segundo essa pesquisa, a maioria dos entrevistados trabalha (58%) e valoriza mais a realização proporcionada pelo trabalho (23%) do que a remuneração (19%).

Twenge (2006) afirma que esses jovens

Costumam adiar sua entrada no mercado de trabalho, já que consideram que a fase entre os 20 e 30 anos não como um período de decisões, mas de experimentações: experimentam lugares, pessoas e trabalhos. Dessa forma, postergam sua carreira profissional até o começo dos 30, o que faz também com que morem com os pais até mais tarde, casando-se e tendo filhos quanto estão mais velhos do que faziam as gerações anteriores (TWENGE, 2006 *apud* VALENTE, 2011, p. 69).

Os dados coletados pela Boo-box e Hello Research confirmam esses dados. O estudo mostrou que a maioria dos jovens de até 25 anos são solteiros (87%): na faixa de 25 a 30 anos, o percentual de casados passa de 13% para 32%. Mais da metade dos entrevistados ainda mora com os pais (67%), número que é ainda mais expressivo na classe A, em que 84% dos entrevistados ainda vivem com a família, contra 47% na classe D.

A mesma pesquisa afirma que apenas um em cada seis entrevistados, em sua pesquisa junto a jovens de 18 e 29 anos, diz estar ganhando o suficiente para viver confortavelmente. Além disso, 39% dos entrevistados dizem receber ajuda dos pais ou de parentes. Diante disso, ainda segundo a mesma pesquisa, como consequência dessa situação, está o fato de que quase metade dos entrevistados

escolheu as opções historicamente mais estáveis (grandes empresas, governo, Educação e forças armadas) quando interrogados sobre que tipo de trabalho oferece maiores oportunidades para atingirem suas metas.

Essa busca por segurança no trabalho deve-se, segundo Twenge (2006), à maior competição escolar, pressão para escolha da profissão correta, aumento do custo de vida (casa, Educação, saúde) e dificuldade para comprar uma casa ou conseguir um emprego. Segundo a autora, há uma pressão sobre os jovens muito maior do que algum tempo atrás. Se o indivíduo não conseguir uma casa boa, um carro novo, roupas de *griffe*, bom emprego, família equilibrada, ser belo, inteligente e assim por diante pode-se sentir um fracassado.

Mesmo com toda essa pressão, segundo Batista (2010),

Em algumas organizações, a Geração Y já se encontra exercendo alguns cargos estratégicos. Geralmente, a Geração Y é composta por jovens que apresentam uma vontade de aprender e não se adaptam a situações de hierarquias, mas tendem a valorizar os trabalhos em grupos. Mostram-se individualistas quando o assunto é alcançar os seus objetivos e, principalmente, tem pressa em ascender e consolidar-se profissionalmente. Sua criatividade e rapidez de raciocínio provocam admiração por parte das gerações mais velhas, mas sua impaciência e infidelidade geram situações de conflito no mundo corporativo (BATISTA, 2010, p. 40).

Ainda segundo o autor, a Geração Y, por ser um grupo sujeito à mudança, é aquela que não se prende à empresa em que está atuando profissionalmente, pois quando esse grupo não recebe respostas às suas necessidades de ascensão imaginada, busca outros ambientes de trabalho, o que ajuda a provocar um aumento no grau de rotatividade nas empresas.

Quanto às expectativas profissionais, os jovens dessa geração veem o trabalho de forma diferente da que viam as gerações anteriores. Schooley (2005) compartilha essa ideia, ao afirmar que esses jovens frustram-se com facilidade e mudam de emprego em busca de maior satisfação. Já Twenge (2006) afirma que esses jovens procuram um trabalho que tenha um sentido maior, acreditam que um trabalho que não seja recompensador e não os faça orgulhosos não vale a pena. A autora ainda vai além, ao afirmar que esses jovens seguem sonhos impossíveis e buscam, principalmente, fama. Segundo Schooley (2005) eles dão importância à diversão e, quando trabalham, querem que esse seja motivador, desafiador, tenha um bom salário e flexibilidade.

Quanto às formas de trabalho, Valente (2011) coloca que há um consenso entre diversos autores (HOWE; STRAUSS,2000; LANCASTER; STILLMAN, 2002, SCHOOLEY,2005) de que os jovens da Geração Y têm bastante habilidade para trabalhar em equipe. Outro consenso entre os autores que não pode ser deixado de lado são as consequências do convívio com a informática na sua vida profissional. Segundo a autora, em termos de habilidades, a familiaridade com a informática dotou esses jovens de algumas características, como a multifuncionalidade, a interatividade e o hábito de receber respostas instantâneas.

Por outro lado, Twenge (2006) não apresenta uma visão tão otimista, ao afirmar que esses jovens estão prestes a se decepcionar com o mundo, quando descobrirem que suas vidas serão bem mais difíceis do que a que seus pais tiveram. Enquanto veem no cinema e na TV e ouvem de seus pais que todos os seus sonhos são possíveis, sua visão da realidade torna-se exageradamente otimista. Quando ingressam no mercado de trabalho, esperam ocupar posições de influência nas empresas, esperam que suas contribuições sejam essenciais para o sucesso da empresa, esperam promoção rápida, esperam *feedback* (retorno) construtivo. Tudo isso porque foram criados como seres especiais e dignos de um futuro exclusivo.

Twenge (2006) ainda coloca que toda essa crença de superioridade desses jovens, quando frustrada, gera o que ela denomina de *external locus of control*¹³. Esses jovens atribuem como fatores que levam ao sucesso mais as causas externas do que a si mesmos. A autora cita como exemplos desse comportamento a impressão de que casamento e carreira dependem de sorte, assim como a mentalidade de vítima, refletida nas ações contra empresas e nas acusações de pais e alunos a professores como culpados de seu fracasso.

¹³ Lócus de Controle mede a crença dos indivíduos sobre o controle que têm sobre seus destinos, e é afetado pela autoconfiança, persuasão e iniciativa política dos indivíduos. Foi formulado por Julian B. Rotter em 1966 em seu artigo "Psychological Monographs".

4.6 Gerações brasileiras

As gerações brasileiras foram classificadas, com base na teoria de coortes¹⁴, por Motta, Rossi e Schewe (2002) e, logo depois, por Rossi (2003). Com base nessa classificação, o que se percebe é que as gerações brasileiras têm algumas diferenças e algumas semelhanças com as gerações americanas apresentadas por Howe e Strauss (2000) e Twenge (2006). Para Valente

Isso é esperado, uma vez que a série de movimentos comuns a todo o planeta, principalmente ao mundo ocidental, faz com que as pessoas que dividem o mesmo momento tenham experiências semelhantes. No entanto a ocorrência de eventos localizados também se faz claramente no Brasil. Além disso, características, crenças e posturas específicas regionais podem mudar a percepção de acontecimentos mundiais (VALENTE, 2011, p. 85)

Motta, Rossi e Schewe (2002) apresentam as gerações brasileiras marcadas por coortes bastante distintas. A primeira delas é a Era Vargas (período entre 1930 e 1945). O nome é uma homenagem ao líder político que governou o País com mãos de ferro. As pessoas dessa coorte desenvolveram um sentimento nacionalista muito forte e a ideia de que o Estado era a solução para todos os problemas nacionais. Tudo isso fruto da propaganda insistente e tendenciosa de promoção e exaltação do Presidente e dos valores nacionais. Para Valente (2011, p. 85), as pessoas pertencentes a esse coorte são conservadoras, religiosas, simples e caseiras.

Já a segunda coorte é o Pós-Guerra, período compreendido entre 1946 e 1954. As instituições mais valorizadas nesse período foram o casamento, a igreja e a família, em virtude da forte onda de moralismo que tomou conta do país. A tradição moral e religiosa proibia veementemente o divórcio e o jogo, por exemplo.

O retorno ao liberalismo, o desejo crescente pelo consumo de bens, projetos culturais e materiais da modernização e da importação de produtos ocultam o sentimento de nacionalismo entre os segmentos privilegiados da população. Pouco a pouco, a necessidade de "ter" superou o sentimento de "ser". Três valores e atitudes passam a descrever as pessoas desse grupo hoje: bondade, hospitalidade e sentimentalismo. (MOTTA; SCHEWE; ROSSI, 2000, p. 8)

¹⁴ SCHEWE E NOBLE (2000, p. 130) afirmam que coortes são grupos de indivíduos que nasceram no mesmo período de tempo e que têm experiências similares em suas vidas em relação a eventos externos. Esses eventos compartilhados que definem as coortes ocorrem no final da adolescência e início da vida adulta, e são denominados momentos críticos.

A crença de que o Brasil era o país do futuro deu origem à terceira coorte: Otimismo. Um clima de euforia tomou conta dos brasileiros entre os anos de 1955 a 1967 e, nesse clima a esperança da liberdade política, maiores salários e rápida industrialização. Juscelino Kubitschek, o então Presidente da República, aproveitou-se desse sentimento para propor à nação a necessidade de sacrificar-se e assim, essa coorte teve como características principais o otimismo, a aversão à desordem e a aceitação passiva de sacrifício em prol da nação.

A quarta coorte compreende o período entre 1968 e 1979, Anos de Ferro. Esse foi um período de transição para o País. O governo militar implantado por meio do Golpe, com apoio do povo, tinha como missão devolver a ordem e a segurança econômica. A esperança era de que tudo se ajeitasse em pouco tempo, que fosse excluída a possibilidade do comunismo e que se exterminasse a corrupção. No entanto, por meio da imposição violenta, de um regime de terror, de perseguição e de delação, do fim da liberdade de expressão, o País foi-se fechando, rompendo com a harmonia dos relacionamentos interpessoais.

O que os militares cometeram foi um crime lesa-pátria. Alegam que se tratava de uma guerra civil, um lado querendo impor o comunismo e o outro defendendo a ordem democrática. Essa alegação não se sustenta. O comunismo nunca representou entre nós uma ameaça real. Na histeria do tempo da guerra-fria, todos os que queriam reformas na perspectiva dos historicamente condenados e ofendidos – as grandes maiorias operárias e camponesas – eram logo acusados de comunistas e de marxistas, mesmo que fossem bispos como o insuspeito Dom Helder Câmara. Contra eles não cabia apenas a vigilância, mas para muitos a perseguição, a prisão, o interrogatório aviltante, o pau-de-arara feroz, os afogamentos desesperadores. Os alegados "suicídios" camuflavam apenas o puro e simples assassinato. Em nome do combate ao perigo comunista, assumiu-se a prática comunista-estalinista da brutalização dos detidos. Em alguns casos se incorporou o método nazista de incinerar cadáveres, como admitiu o ex-agente do Dops de São Paulo, Cláudio Guerra. (BOFF, 2013, p. 1)

Apesar do clima tenso, economicamente, o País progredia, havia muita oferta de empregos e muitos brasileiros estavam enriquecendo. Esse foi um período de grande urbanização, com aumento de exportações e importações e também de expansão do sistema educacional.

A próxima coorte é a chamada Década Perdida, período entre 1980 a 1991. Foi a década da redemocratização do País, de anistia e de luta pela cidadania. Muitos movimentos pela abertura política começavam a ganhar corpo apesar do

Regime Militar. O crescimento econômico experimentado nos anos anteriores mostrava seu preço: índices extremos de inflação. Valente (2011, p. 86) analisando a coorte Década Perdida apresentada por Motta, Schewe, Rossi (2000) afirma:

Foi uma fase rica — tanto em ideias econômicas quanto em fracassos também. A cada plano, uma esperança; pouco depois, a frustração. Esse período trouxe a abertura política, mas a frustração surgiu também no campo político. A leva de manifestantes que inundou as ruas do Rio de Janeiro em 1984, em prol do movimento das Diretas-Já e depositando confiança no papel dos políticos, sentiu-se traída com o contínuo surgimento na imprensa de casos de corrupção no Congresso. A descrença na classe política foi crescendo no País (VALENTE, 2011, p. 86).

A juventude já não era mais tão contestadora e, em face de tanto pessimismo, aumentou o índice de consumo de drogas, aumentou a violência causada por traficantes e aumentou também o medo de sair às ruas e a sensação de desamparo da população o que a levou a procurar ajuda, ou uma saída nas seitas religiosas e nas ondas de esoterismo e autoajuda. Foi também nesse período que ocorreu o aumento nos casos de AIDS e, com isso, a expansão das discussões sobre sexo e a preocupação com a saúde.

A próxima coorte, formada por pessoas nascidas após 1992, ainda não está totalmente definida, mas já é possível elencar algumas características bem marcantes como a pouca relevância dada ao *status quo* e o desejo por punição a todo tipo de corrupção no governo. Exemplo disso foi o movimento dos caras-pintadas, que culminou com o *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Melo e, mais recentemente, as passeatas e os movimentos cobrando redução de tarifas públicas, renúncia de algumas figuras políticas etc. Essas ações são uma tentativa de recuperação dos valores éticos e morais. É claro que, no caso das passeatas, da forma como acontecem, isso não fica bem explícito. O lema dessa coorte é cada um por si. Temos hoje uma situação econômica estável, mas, apesar disso, em função do fenômeno da flexibilização do trabalho, o emprego formal tem diminuído, já não há empregos totalmente estáveis e, na tentativa de combater as altas taxas de desemprego, encargos sociais, benefícios trabalhistas, surge a onda da terceirização e das privatizações.

Sobre os jovens desse período, Valente (2011, p. 88) afirma que

A juventude demonstra um total desinteresse pela política. Não há a preocupação ideológica de participar do processo eleitoral, mas sim

uma fuga da responsabilidade pelos destinos da nação. E há uma descrença no poder da autoridade policial. Essa juventude é caracterizada nas grandes cidades como a —geração *shopping center*, que tem medo do que não é seguro, que se sente atraída pela vida virtual e que começa a ser chamada de geração digital (VALENTE, 2011, p. 88).

Um evento fundamental relacionado aos jovens desse período foi a popularização da internet, que trouxe mudanças significativas das pessoas jovens e mesmo daquelas de outras gerações. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, em 2001, 12,46% da população brasileira dispunha de acessos em seus lares a computadores, enquanto apenas 8,31% tinham acesso à internet. Em 2003, eram 60.000 domicílios com computadores e acesso à internet. Hoje, esses números são outros: De acordo com dados da PNAD 2012 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em novembro de 2013, 358.000 domicílios têm computador com acesso à internet no estado. Em 2009, eram 190.000.

4.7 A literatura sobre Geração Y no Brasil

A maioria dos estudos sobre a Geração Y no Brasil está contida em trabalhos acadêmicos e em pesquisas por institutos. As classificações norte-americanas servem de embasamento para os trabalhos brasileiros. Valente (2011, p. 90) coloca que “as avaliações do comportamento da Geração Y costumam seguir a linha de Tapscott (1999), que define essa geração em função do fato de terem nascido em meio aos avanços tecnológicos, em especial à internet”. Em função disso, o autor denomina essa geração de Geração Digital.

As áreas de interesse apontadas no meio acadêmico, na maioria das vezes, estão voltadas para a avaliação de aspectos profissionais, comportamento nas empresas e expectativas em relação a trabalho e a carreira; como esses jovens se relacionam com a internet/tecnologia, comportamento deles como consumidores. Pode-se notar que os temas estão mais relacionados à área de marketing na Administração. Valente (2011) apresenta uma relação de alguns trabalhos conduzidos no Brasil, organizados por área de interesse:

QUADRO 3 Trabalhos sobre Geração Y no Brasil

• Área de interesse	• Autores	• Temas desenvolvidos
• Aspectos profissionais	• Veloso, Dutra e Nakata (2008)	• Percepção de carreiras inteligentes para cada geração;
	• Portes (2009)	• Avalia o estilo de liderança da Geração Y.
	• Coimbra (2001)	• Comparação entre profissionais 20 e 24 anos com os demais.
	• Vasconcelos <i>et al.</i> (2009)	• Prioridades consideradas pela Geração Y capixaba.
	• Santos (2012)	• A Geração Y nas organizações complexas: um estudo exploratório sobre a gestão dos jovens nas empresas.
	• Peter (2013)	• Comportamento dos trabalhadores da Geração Y
• Relação com a Internet/tecnologia	• Kruger e Cruz (2007)	• Geração Y e o jogo “The Sims”
	• Ilha e Cruz (2006)	• Geração Y e o jogo “Sim City 4”
	• Ferreira (2010)	• Geração Y e o uso da Internet
	• Barcelos (2010)	• Uso de mídias eletrônicas por pessoas entre 13 e 17 anos.
	• Spizzirri (2008)	• O universo virtual na vida dos adolescentes, do hedonismo, das relações familiares e sociais.
	• Fernandes (2006)	• Uso de celulares por adolescentes.
• Educação sob a influência da internet	• Simões e Gouveia (2009)	• Geração net e a influência da WEB 2.0 no Ensino Superior.
	• Silva (2009)	• Mudanças influenciadas pelo uso da internet na sociabilização dos alunos na visão dos professores.
• Outros estudos	• Pereira, Almeida e Laux (2006)	• Imagem da marca Coca-Cola junto às Gerações X e Y.
	• Lemos (2009)	• Avaliação das publicações da mídia brasileira a respeito da Geração Y.
	• Motta, Rossi e Valente (2009)	• Experiências negativas relacionadas a essa nova geração.

Fonte: Dados apresentados por Valente (2011), adaptados pelo autor.

Assim, considerando essa geração como portadora das características acima apresentadas, o próximo capítulo destina-se a apresentar a relação dessa geração com a Educação Superior: como é a relação desses jovens com a escola, com os professores, de que forma esses professores veem esses alunos e em que aspectos a rotina escolar precisa ser alterada para atender a alunos com um perfil tão

específico e novo para a maioria dos professores e dos profissionais ligados à Educação.

CAPÍTULO V

A GERAÇÃO Y NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS PARA AS ESCOLAS E PARA OS PROFESSORES

"[...] Hoy en día, en ninguna parte del mundo hay ancianos que sepan lo que los niños ya saben; no importa cuán remotas y sencillas sean las sociedades en las que vivan estos niños. En el pasado siempre había ancianos que sabían más que cualquier niño en razón de su experiencia de maduración en el seno de un sistema cultural. Hoy en día no los hay. No se trata sólo de que los padres ya no sean guías, sino de que ya no existen guías, los busquemos en nuestro propio país o en el extranjero. No hay ancianos que sepan lo que saben las personas criadas en los últimos veinte años sobre el mundo en el que nacieron..." (MEAD, 1970, p. 77-78)

A Revolução Tecnológica ocorrida após a década de 1970 alterou profundamente a forma pela qual vivemos, trabalhamos, aprendemos e nos atualizamos em vários aspectos. A humanidade nunca teve acesso a um volume tão grande de informações, nas diversas áreas do conhecimento como tem agora. Essas informações estão disponíveis em todos os lugares e a qualquer hora e cabe a nós buscar novas formas de localizar e utilizar tudo isso.

Depois de passarmos por um período de extremo desenvolvimento científico e tecnológico a que os teóricos chamam de modernidade, estamos vivendo agora o que o Sociólogo Laymert Garcia dos Santos (2003) chama de pós-modernidade

Tudo se passa então como se estivéssemos vivendo um período de ondas de revolucionarização que, emergindo de dentro do capitalismo, lhe dão um novo alento e vão lhe abrindo novas perspectivas: é a Revolução Eletrônica, seguida pela Revolução das Comunicações, seguida pela Revolução dos Novos Materiais e pela Revolução Biotecnológica. O impacto crescente que essa evolução econômica e tecnocientífica exerce sobre as sociedades e os efeitos colaterais que ela suscita em todas as áreas começam a ser sentidos e percebidos, mas ainda estamos longe de poder analisa-los e avaliá-los (SANTOS, 2003, p. 232).

Analizando a evolução humana Assmann (1998) coloca que

A transição desde organizações sociais relativamente pequenas a sociedades amplas e complexas aconteceu em menos de três séculos. Em menos de um século inverteu-se completamente a proporção entre o rural e o urbano como "nicho vital" da espécie humana (desde o início do século XX, o rural passou de mais de 80% amenos de 20%, e em alguns países a menos de 10%; o urbano, de

menos de 20% a acima de 80%). E agora, em poucas décadas mergulhamos na sociedade da informação (SI). E ela veio para ficar e intensificar-se. Ela não espera por ninguém (ASSMANN, 1998, p. 17).

Esse contexto faz com que Santos (2007, p. 19) afirme que já estamos em um tempo pós-humano, no qual a revolução natural do homem acabou. O que vivemos agora é a revolução artificial do homem, que deriva do impacto das tecnologias da informação sobre a natureza humana.

O que se pode ter certeza é que necessitamos repensar a compreensão que temos de nós mesmos e o ideal que temos de mundo e de sociedade para nos construirmos. É certo também que esse problema está relacionado com a Educação, a Educação escolar, com os docentes e as gerações (anteriores, atuais e futuras) que se encontrarão no processo educativo e participam da criação do mundo no presente e participarão no futuro.

Na opinião de Leadbeater (2000), temos que deixar de olhar para a Educação como um ritual de passagem que envolve a aquisição de conhecimentos e qualificações suficientes para entrar na vida adulta. Para o autor, a Educação não deve ser vista apenas como um conjunto de conhecimentos, mas como oportunidade para desenvolver capacidades básicas de compreensão e uso da informação escrita contida em vários materiais impressos e das noções matemáticas, bem como da capacidade de agir com responsabilidade com os outros, tomar iniciativa e trabalhar de forma criativa e colaborativa.

Além dos aspectos ligados à Educação, outro ponto dentro dessa discussão é esclarecer que, para os integrantes da Geração Y, ao pensar em mercado de trabalho, não existe mais o “meu” ou o “seu” país. O que temos hoje, com a quantidade e a velocidade das informações, é uma verdadeira aldeia global com competidores de todos os cantos do mundo. Isso complica ainda mais os processos de seleção e a competição por uma vaga de emprego. Os profissionais mais bem preparados, independentemente da cidade, do estado ou do país de origem, certamente ocuparão os melhores postos de trabalho. Dessa forma, é imprescindível que esses alunos das novas gerações entendam que da qualidade da sua formação no Ensino Superior é que depende sua inserção no mercado de trabalho, é preciso que entendam que a sua formação no Ensino Superior exigirá bem mais que o exigido das gerações anteriores.

Nesse contexto, vale mencionar que várias instituições de Ensino Superior espalhadas pelo mundo como Harvard, Stanford, Universidade do Leste de Londres, Universidade do Sul da Califórnia e Universidade Estadual de Ohio já possuem escritórios em outros países, inclusive no Brasil, em busca de *curriculum vitae* de candidatos. No entanto, somente aqueles verdadeiramente criativos, inovadores, dispostos e com capacidade para enfrentar uma grande concorrência terão condições de conseguir uma vaga.

Nessa mesma linha, o programa Ciência Sem Fronteiras, realizado conjuntamente pelo Ministério da Educação e o da Ciência e Tecnologia, é de extrema pertinência para os nativos de Y. As metas do programa são ambiciosas, prevendo a concessão, até 2014, de 100.000 bolsas de estudos nas melhores universidades internacionais. A ideia é promover, de maneira rápida, o desenvolvimento e estimular os processos de inovação por meio da mobilidade internacional. Os nativos de Y certamente têm aí uma grande oportunidade de se integrar à aldeia global que está nascendo.

Assim, este capítulo trata da influência que os alunos da Geração Y exercem nas salas de aula, sobretudo no trabalho docente. Para isso, partimos da caracterização desses jovens, tidos por alguns autores como nativos digitais, e da caracterização dos docentes, migrantes digitais. Também tratamos da formação do professor e dos desafios que os aguardam no exercício da docência e da convivência com a Geração Y. Como são alunos que estão hoje com idade entre 20 e 25 anos, todas as nossas considerações têm como referência a sala de aula do Ensino Superior, ambiente hoje dominado, em grande parte, por alunos da Geração Y. Não podemos desprezar o fato de que os profissionais do ensino que atuam nas salas de aula de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio também já sentem as transformações em sua rotina em função das características dos alunos mais jovens e já percebem necessidades de mudança. Esse pode ser outro viés para futuras pesquisas, já que novas gerações e novas características de alunos são constantes.

5.1 Educação para novas gerações

O desenvolvimento tecnológico ocorrido após a década de 1970 e, consequentemente, a evolução das tecnologias da informação tem impactado significativamente as transformações culturais da atualidade. A rapidez na transmissão de informações e a superação das limitações espaciais levam à alteração de conceitos básicos de tempo e espaço, e a noção de realidade começa a ser repensada diante da possibilidade da realidade virtual. Como consequência disso, a visão de Educação também passou por transformações. Segundo Malacridas e Barros (2011, p. 512)

No esquema Fordista, a Educação era vista como instrumento de mobilidade social em que a escolarização de alguns deixaria livres cargos menos qualificados a outros. No esquema pós-fordista quem não se qualifica, além das dificuldades de conseguir emprego ainda pode ser excluído do qual já está, sendo relegado a cargos inferiores, ou perder o emprego. Desse modo, há uma constante necessidade de formação continuada, mais pela necessidade de não ficar para trás, do que pelo interesse em se qualificar para o trabalho, o que torna esse mercado de trabalho mais competitivo que antes (MALACRIDAS; BARROS, 2011, p. 512).

Como a escola é produto do processo de modernização, é natural que esteja submetida às tensões e aos desafios que se mostram em função das transformações pelas quais a sociedade vem passando. Sobre isso, Tedesco (1995) declara:

Crise e Educação são dois termos que têm estado associados em frequência tão grande, e durante períodos tão longos, que se justifica o ceticismo com que muitos protagonistas do processo pedagógico reagem diante tanto dos reiterados projetos de reforma com que se tenta mudar a situação, quanto das análises críticas, por mais brilhantes e agudas que sejam. O sistema educacional tem sido, desse ponto de vista, uma das áreas das políticas públicas mais recorrente e sistematicamente “reformadas”. Os resultados, no entanto, têm sido escassos e provocado, paradoxalmente, o aumento da rigidez e o imobilismo das instituições educacionais (TEDESCO, 1995, p. 15).

No entanto, o autor coloca também que a crise da Educação hoje não se mostra somente pela insatisfação no cumprimento de demandas relativamente estabelecidas, mas “como uma expressão particular da crise do conjunto das instâncias da estrutura social: desde o mercado de trabalho e o sistema

administrativo até o sistema político, a família e o sistema de valores e crenças”. (TEDESCO, 1995, p. 15)

Tratando dos desafios e das saídas educativas na entrada do século, Flecha e Tartajada (2000) colocam que a sociedade industrial postulava a ideia do capital humano e dotava à escola o papel de educar nos valores hegemônicos e transmitir conhecimentos e que, na atualidade esse papel foi transformado, o que faz com que o equilíbrio do sistema escolar passe a correr perigo. Os autores citam alguns argumentos que sustentam essa crise. O primeiro deles é o de que a escola não forma para o trabalho e sobre isso afirmam que

Existe um forte discurso social que considera que os objetivos da escola fracassaram, já que ela não forma para o acesso ao mercado de trabalho. Esse discurso em parte é falacioso, pois tanto quantitativa como qualitativamente está demonstrado que a posse de títulos e estudos são chaves para alguém não ser excluído do mercado de trabalho. Por outro lado, a escola, prospectivamente, não pode prever quais serão as ocupações que as pessoas realizarão, uma vez que continuamente estão sendo geradas novas profissões, além de já não termos uma única ocupação ao longo de nossa vida profissional (FLECHA; TARTAJADA, 2000, p. 28).

Já o segundo diz respeito ao fracasso e ao abandono escolares. Os autores colocam que os índices de fracasso e de abandono escolar têm aumentado muito nos últimos anos e sempre se culpou o próprio aluno, as famílias, as políticas, o sistema etc. Atualmente, busca-se analisar “que papel tais processos desempenham na escola e em que contribuem para o fracasso” (FLECHA; TARTAJADA, 2000, p. 28) e, por fim, os autores colocam como base da crise escolar atual o fracasso das formas educativas.

Para a superação dessa crise, os autores buscam as palavras de Paulo Freire e sugerem passar “da cultura da queixa para a cultura da transformação” (FLECHA; TARTAJADA, 2000, p. 28). Defendem, ainda, a participação de autores e autoras na elaboração de propostas educativas, buscando aquelas que obtiveram êxito em outros lugares. Há ainda uma crítica dos autores à participação na elaboração de propostas de quem não está preparado para tal.

Infelizmente, é bastante habitual em Educação que imponham suas propostas quem nem sequer conhece as práticas educativas que estão obtendo melhores resultados em nível internacional e tampouco dominam os desenvolvimentos das ciências sociais das últimas décadas (FLECHA; TARTAJADA, 2000, p. 28)

Sobre as características e os desafios para o século XXI, Rocha (2007) faz um apanhado a partir de alguns teóricos apresenta o seguinte quadro:

QUADRO 4 Características e desafios do Século XXI

<ul style="list-style-type: none"> CARACTERÍSTICAS DO SÉCULO XXI 	<ul style="list-style-type: none"> DESAFIOS DO SÉCULO XXI
<ul style="list-style-type: none"> Aumento da expectativa e na qualidade de vida das pessoas; Crescimento acelerado dos meios de comunicação à distância; Crescimento acentuado dos conhecimentos “Sociedade do conhecimento”; Aumento das interdependências entre os países; Tecnologia e inovação; Globalização; Sociedade organizada em redes; Mudanças velozes e imprevisíveis; Automação; Desenvolvimento do setor terciário; Modificação das estruturas hierárquicas das empresas (mais curtas e descentralizadas); Mão de obra autoprogramável; Demanda por profissionais polivalentes; Família entendida como rede de relações e não como instituição; Desigualdade social; Multiplicação dos conflitos regionais, locais, interéticos e internacionais; imediatismo. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a tolerância para a construção de uma cultura de paz; Reconhecer as novas formas de aprendizado; Valorização dos trabalhos em equipe, que têm como base os princípios solidários e o respeito às diferenças; Integrar a família e a comunidade à escola, unindo forças em torno de objetivos comuns; Oportunizar no interior das escolas, acesso a variedade de materiais e recursos educativos (computador, internet, biblioteca, TV, mapas, museus, espaço para esportes e lazer, entre outros); Proporcionar leitura crítica da realidade; Encorajar ações transformadoras na luta por uma sociedade mais justa e libertária para todos; Contribuir com o fomento da capacidade criativa na resolução de problemas; Articular a razão às questões éticas; Contribuir para a formação do cidadão consciente da sua realidade e sujeito de sua História; O processo educativo deve acontecer na diversidade e não para a diversidade; Articular a vida escolar à realidade da vida prática, estabelecendo um estreito vínculo entre o sujeito social e o sujeito do conhecimento; Adaptar se às mudanças provocadas pela tecnologia; Flexibilizar saberes; Exercer a criatividade; Inovar; Construir e desconstruir conhecimentos; Adquirir competências comunicacionais; Engajar se na consolidação de um desenvolvimento sustentável; Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver (Delors <i>et al.</i>); Desenvolver as competências hoje requeridas dos trabalhadores: espírito crítico, responsabilidade, autonomia, capacidade de resolver problemas, capacidade de se comunicar e trabalhar em equipe com criatividade; Formação continuada e permanente; Redução das assimetrias sociais; Respeito pelos espaços públicos.

Fonte: Rocha (2007, p. 43)

É claro que o quadro 4 trouxe algumas das principais características e alguns desafios que se apresentam claramente neste início de século. Muitos certamente ainda aparecerão e outros deixarão de existir.

Se relacionarmos os desafios listados no Quadro 4 com a função da escola, o que se percebe é que ela, a escola, é depositária de uma expectativa muito grande e, dessa forma, ainda é tida como um importante mecanismo de transformação social. Assim, é essencial a articulação entre a escola e a comunidade buscando atingir objetivos comuns. Sobre a função da escola do futuro, Rocha (2007, p. 44) coloca que

Também é necessário considerar que, ao se falar em Educação ao longo da vida e por toda a vida, a escola do futuro precisa estar orientada para atender a todos os indivíduos, independentemente da faixa etária e dos muros que a exprimem. As demandas contemporâneas requerem que a escola seja capaz de ultrapassar seu espaço e se fazer presente em muitos lugares (como nas empresas, por exemplo), bem como de variadas formas, atendendo a diversidade do público que a cerca (ROCHA, 2007, p. 44).

Sobre as mudanças e desafios para o século XXI, Tedesco (2006) afirma que há uma mudança significativa na estrutura das famílias, como a diminuição da taxa de natalidade, a mudança dos tipos de união e mudanças também na forma pela qual são transmitidos os valores, já que os pais não querem mais assumir o papel de transmissores de uma determinada visão de mundo, preferindo ser orientadores para dar aos filhos a possibilidade de construir sua própria concepção sobre o mundo.

Além da mudança no papel das famílias, segundo Gomes (2001), os meios de comunicação de massa preenchem cada vez mais o tempo das crianças e dos adolescentes, o que gera um déficit de socialização e, conseqüentemente, uma crise de valores e uma falta de coesão social. Assim sendo, a escola atual e das próximas décadas se preocupada com a formação integral de seus alunos, não pode ater-se simplesmente à transmissão de conteúdos já que esses, com a evolução tecnológica e as novas descobertas científicas, tendem a ficar obsoletos muito mais rapidamente do que acontecia há alguns anos. Nesses termos, é primordial que as instituições de ensino assumam como parte de sua responsabilidade a formação de valores, o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente e intervir na realidade, além das capacidades colocadas por Delors (1998) como aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e a conviver com os outros.

Outro desafio que se mostra presente é como enfrentar as desigualdades sociais. No caso da Educação, é preciso garantir uma Educação escolar de qualidade para todos, tendo como premissa o respeito às diferenças pessoais, econômicas, físicas, étnicas, culturais etc. Para Gomes (2001, p. 94) é imprescindível dar ênfase à Educação Básica e a currículos de qualidade que respeitem a diversidade, especialmente dos educandos menos favorecidos socialmente.

Tratando das perspectivas educacionais para o século XXI, Gomes (2001) aborda a multiplicação dos conflitos regionais, locais, interétnicos e internacionais. Nesse contexto, a escola pode contribuir valiosamente se comprometendo com a formação de indivíduos mais tolerantes, respeitadores das diferenças e que se possa chamar de humanização. Tedesco (2006, p. 40-41), compreendendo que o sentimento de solidariedade associa-se ao sentimento de pertença, coloca que o desafio educativo implica desenvolver a capacidade de construir uma identidade complexa, uma identidade que contenha a pertença em múltiplos âmbitos: local, nacional e internacional, político, religioso, artístico, econômico, familiar etc. Dessa forma, ao percebermos o mundo como parte de sua morada e, ao respeitarmos a singularidade e a pluralidade de cada indivíduo, estaremos construindo as bases de uma nova cultura que, certamente, tornará a vida humana mais fácil.

Nessa linha Sacristan (2000) apresenta algumas características essenciais do que pode e deve ser o programa geral para a Educação de hoje e de amanhã. Essas quatro características passam pela política educativa, pela organização das instituições e pelas práticas pedagógicas. Daí a primeira sugestão do autor é a leitura e a escrita como construtoras do sujeito e reconstrutoras da cultura.

A linguagem e a Educação são inseparáveis. A escolaridade tem que se recheiar, antes de mais nada, com fala e escuta, com leitura e escrita. Cultivar essas duas últimas habilidades é função essencial da Educação moderna, pois são instrumentos para penetrar na cultura e ser penetrados por ela, como via de acesso ao passado codificado e ao presente que não consegue ver nossa experiência direta. Também são os instrumentos para abstrair, penetrando nos traços não evidentes de experiência e de todo nosso tempo. (SACRISTAN, 2000, p. 46)

Além da linguagem, o autor defende também que a Educação precisa do acervo cultural acumulado. Segundo ele, só se pode pensar a partir do que foi pensado por outros. “Só temos o que outros conquistaram, valorizações do que foi

feito, mais os desejos de continuar de uma determinada maneira o processo de seguir conquistando” e “a Educação alimenta-se disso e não pode ser de outra maneira”. (SACRISTAN, 2000, p. 46).

A Educação para o próximo século deve situar-nos no presente e diante do que nos rodeia. Essa é a terceira característica que, para Sacristan (2000, p. 50)

Proporcionar as chaves para a compreensão do presente, do imediato que nos atinge e que mergulha suas raízes no passado mais ou menos próximo e em âmbitos hoje distanciados do mundo circundante será também missão da Educação. O espírito da modernidade não poderia ficar à margem do mundo que deseja conhecer e transformar (SACRISTAN, 2000, p. 50).

O autor cita ainda que a Educação deve possibilitar emendar o recebido e enriquecê-lo, já que nada é definitivo e absoluto. “A racionalidade não se funda no princípio da subjetividade, no eu, mas no diálogo, no nós, pois é intersubjetiva e, nas palavras de Habermas, dialógica” (SACRISTAN, 2000, p. 51).

Essas quatro características essenciais da Educação moderna formam, segundo o autor, “os nutrientes de um núcleo forte de socialização do ser humano, da personalidade formada” (SACRISTAN, 2000, p. 52)

5.2 O desafio da profissionalização dos jovens

Um ponto extremamente relevante desta discussão é a relação entre a escola a profissionalização dos jovens, já que é na escola, principalmente no Ensino Superior, que a maior parte dos jovens deposita a expectativa de se prepararem profissionalmente, o que garantirá a eles uma vaga, ou pelo menos o deixará mais bem qualificados, para o mercado de trabalho. No entanto, a realidade que se mostra não é muito animadora. Cerca de 73,4 milhões de jovens entre 15 e 24 anos estão desempregados no mundo, diz estudo divulgado, em 2013, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). O número representa 12,6% da população dessa faixa etária. De acordo com o estudo, o desemprego entre jovens aumenta a cada ano. O número para 2013 é 3,5 milhões maior em relação a 2007 (quando 11,7% dos jovens estavam desempregados) e está perto dos níveis alcançados no pior momento da crise econômica, em 2009. No Brasil, Os jovens têm três vezes mais riscos de ficarem desempregados no País do que um adulto, conforme estudo da

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Esse estudo destaca que, em 2012, um quarto das pessoas com idade para trabalhar no Brasil tinha entre 15 e 24 anos. Entre os desempregados, 46% eram jovens.

Esses dados apontam para vários fatores, entre eles o sentimento de marginalização social sofrido pelos jovens que, comumente, concebem o trabalho como ferramenta imprescindível para o exercício da cidadania (ESTEVES, 2005)

Considerando os estudos de Caliman (2008), pode-se afirmar que, quanto mais marginalizado um indivíduo em suas necessidades fundamentais, maior é o risco de se tornar um transgressor das regras sociais estabelecidas, já que o comportamento é fruto, entre outros fatores, da frustração pessoal diante da desigualdade vivenciada por meio da estratificação social e econômica presentes na sociedade.

Cresce assim a probabilidade de que o adolescente atingido pela insatisfação crônica das próprias necessidades possa desenvolver determinados déficits na evolução de sua personalidade ou assumir, conscientemente ou não, culturas redutivas a alguns valores ou pseudovalores ou, ainda, aceitar passivamente a própria condição de marginalidade (CALIMAN, 2008 p. 30).

Para Abramovay e Castro (2004, p. 83), o significado do trabalho para os jovens parece resumir-se em assegurar meios de sobrevivência e de satisfação de necessidades e desejos: não é percebido como fonte de satisfação em si mesmo, como atividade construtiva e de realização pessoal. Essa afirmação é motivo de preocupação, uma vez que o potencial econômico e financeiro do trabalho sobrepõe-se ao desejo ou ao sentimento de realização pessoal.

Apesar de haver muitas críticas à escola como uma espécie de terra prometida, sempre igual no horizonte, que recua à medida que nos aproximamos dela (Bourdieu, 1997, p. 483), ainda há um sentimento de essencialidade da escola para o sucesso profissional. De acordo com pesquisa realizada por Abramovay e Castro (2003), 17% dos alunos do Ensino Médio que haviam abandonado a escola retomaram os estudos, por considerarem que o diploma escolar é muito importante para ingresso no mercado de trabalho. Nessa mesma linha, segundo dados do Instituto Cidadania (2004), 76% dos jovens consideram a escola muito importante para seu futuro profissional. Assim, apesar de uma série de críticas à instituição escolar, é visível a concepção de escola como um requisito valioso para o ser humano.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 considera que a Educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Assim as escolas passam a assumir uma posição de responsável pela formação acadêmica, pela formação crítica, pela base moral e psicológica de seus alunos, além da preparação para que os jovens ingressem no mercado de trabalho.

A passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade tecnológica trouxe significativas mudanças na organização do trabalho e do emprego, destacando-se a automação, o desenvolvimento do setor terciário e a modificação das estruturas hierárquicas das empresas, por exemplo. Essas mudanças trouxeram consigo a necessidade de renovação das competências requeridas dos trabalhadores. Entre essas novas competências Pair (2005, p. 177) destaca o espírito crítico e a responsabilidade em todos os níveis, autonomia no espaço e no tempo, passagem do concreto ao abstrato, e vice-versa, raciocínio, capacidade de se comunicar e trabalhar em equipe e criatividade.

Assim sendo, a escola precisa estar consciente de seu compromisso em proporcionar a todos uma base suficiente, a partir da qual cada um possa adquirir as competências individuais e especializadas de que necessita. A escola do século XXI

Precisa dar conta da complexa tarefa de colocar em prática seus discursos de uma formação integral, que atente a todos os indivíduos nas várias esferas sociais que necessita, estando permeada por princípios éticos e técnicos. Éticos pelos valores imprescindíveis à formação cidadã e a consolidação de um mundo melhor. Técnicos pela necessidade de instrumentalizar os indivíduos para que respondam às novas demandas e manuseiem competentemente os novos aparatos tecnológicos, enfatizando o saber fazer, diretamente relacionado ao mundo do trabalho (ROCHA, 2007, p. 57).

Se considerarmos o grau elevadíssimo de competitividade, a necessidade de profissionais críticos, flexíveis e em constante formação, chegamos à conclusão de que a capacidade de adaptação aos novos paradigmas e o enfrentamento aos desafios postos nesse início de século são questões de sobrevivência. Às Instituições educativas cabe a tarefa de formar profissionais para um mercado mutante e de características imprevisíveis como o fato de que no Brasil, segundo Werthein, (1999, p. 13) muitas empresas estão substituindo os funcionários menos qualificados por outros de qualificação superior, mantendo o mesmo salário. Outro fato interessante, citado por Ponchmann (2001, p. 223) é a regressão geracional que se tem percebido nos últimos anos em que, na maioria das vezes, os jovens não

conseguem obter condições de vida e trabalho superiores às de seus pais, mesmo possuindo níveis de escolaridade e formação superiores, o que gera um sentimento de frustração e fracasso nos jovens.

Há, segundo Castells (2002), no atual sistema de produção, a redefinição da mão de obra de acordo com o nível de Educação dos trabalhadores. Nessa redefinição, há a mão de obra genérica da qual fazem parte aqueles trabalhadores especialistas e, em função disso, tornam-se obsoletos rapidamente já que são especialistas em uma só função, que realizam atividades pré-definidas. Há também a mão de obra autoprogramável (CASTELS, 2002) da qual fazem parte os trabalhadores com acesso constante a fontes de informação e de aprendizagem e, por isso, têm maior capacidade para redefinir suas especialidades em função das tarefas que estão executando. Essa capacidade representa um diferencial para esses trabalhadores, o que lhes dá um pouco mais de segurança já que não podem ser substituídos tão rapidamente.

Comentando essas funções da escola, Rocha (1997, p. 52) coloca que

É possível destacar, mais uma vez, o papel da escola, tendo em vista que a Educação voltada apenas para a transmissão de conteúdos contribui somente para a formação de um exército de “mão de obra genérica”, completamente despreparada para as demandas do mundo de hoje, em que os conhecimentos tornam-se obsoletos rapidamente. Logo, a capacidade de aprender continuamente e permanentemente torna-se um fator indispensável para a formação de “mão de obra autoprogramável, que se adapta facilmente às mudanças e que, por isso, torna-se imprescindível no mercado atual (ROCHA, 1997, p. 52).

Para Tedesco (2006) o conhecimento pode produzir tanto fenômenos de maior igualdade social, quanto de maior desigualdade em virtude das novas formas de organização do trabalho, que requerem cada vez mais especialização de seus trabalhadores, ou seja, a mão de obra autoprogramável que terão maior segurança no emprego, deixando a maioria em condições de precariedade e de exclusão.

Nessa linha de pensamento, Tedesco (2006) considera que existe maior igualdade entre aqueles que estão incluídos, já que as relações mais cooperativas estão gradativamente substituindo as relações de autoridade. Já para os excluídos, resta a situação de serem cada vez mais excluídos, pois ficam à margem dos processos produtivos e “sequer têm como se organizar para lutar pelos seus direitos,

tendo em vista que a relação de exploração está sendo substituída pela exclusão, gerando sentimentos de solidão e marginalidade” (ROCHA, 1997, p. 55).

Seria ingenuidade pensar que a Educação escolar, sozinha, seja a responsável por todas as mudanças requeridas, mas é inegável a sua importância nesse processo. Ao interferir na formação do sujeito que atua e atuará no mundo, está também interferindo nos caminhos e, conseqüentemente, nos resultados futuros.

5.3 Novas gerações, novos padrões e novos desafios de aprendizagem /ensinagem em sala de aula

A Geração Y, bem como a Geração Z, estão sofrendo uma ruptura brusca nas formas de percepção do mundo. Essa afirmação baseia-se em percepções empíricas, reunidas nos anos trabalhados como professor do Ensino Médio e em contato direto com jovens que acabaram de sair do Ensino Médio, ingressantes dos cursos universitários. Também é resultado de uma série de leituras sobre o avanço tecnológico e suas conseqüências para alunos e professores.

Para a Geração Y, a construção da personalidade, a formação de valores e o acesso à informação tem-se dado por meios bem diferentes daqueles tradicionais como família, igreja, escola e televisão. Hoje, a percepção dos jovens é muito mais imagética e mediada por tecnologias diversas. O simples ato, por exemplo, de se ler um livro, com começo, meio e fim, sem os elementos visuais, sem permitir a interação e a participação do leitor torna-se algo obsoleto para os jovens.

Muitos jovens que chegam à faculdade não se sentem desconfortáveis em dizer que nunca leram um livro. Em muitos casos esses jovens, apesar de trazerem uma carga enorme de informações, de serem extremamente inteligentes, capazes de criar coisas fabulosas a partir de uma música, de um desenho, é comum terem dificuldade de se expressar na modalidade escrita da linguagem.

Na conjuntura atual, solicitar a um aluno da Geração Y no Ensino Superior, que fale sobre a independência do Brasil já não mais representa um desafio em uma disciplina de História, por exemplo. Na verdade, para esse aluno, essa tarefa seria fácil demais, já que tenderia, pela lei do menor esforço, simplesmente a copiar aquilo que ele de imediato localizasse na Internet usando o seu i-Pad, o seu celular ou o

seu *notebook* sem nem ao menos ler e questionar o que fora escrito. Uma forma interessante, compatível com os recursos hoje disponíveis, seria, por exemplo, pedir ao aluno que comparasse os processos de independência ocorridos na América do Sul, ressaltando as similaridades, diferenças e consequências na atual conjuntura nacional. Esse raciocínio se aplica igualmente a todas as áreas de conhecimento.

Sobre esses jovens Santos Neto e Franco (2010) afirmam:

Esses jovens são também vítimas de seu tempo, pois vivem o momento da ruptura, visto que aqueles que são seus professores ainda estão presos a paradigmas no que se refere aos processos de ensinar e aprender. Muitos desses professores estão acomodados a velhos modelos e resistentes a uma compreensão mais ampla das formas de leitura e apreensão do mundo pelas novas gerações. Esse é um problema complexo para esses jovens, pois seu mundo entra em choque com o de seus pais e educadores: o choque de formas diferentes de apreensão/percepção e, consequentemente, também de construção do conhecimento (SANTOS NETO; FRANCO (2010, p. 15).

A televisão foi uma das principais fontes de influência que a Geração *Baby Boomer* teve e, posteriormente, da Geração X quanto ao seu processo educacional e sua percepção de mundo. Os alunos passaram a ser mais visuais e a linearidade de pensamento começou a ser quebrada com o surgimento do controle remoto: ele permite ir, voltar, divagar tal como nossa mente que pensa por saltos e conexões. Apesar dessa evolução tecnológica que foi a televisão, essa geração ainda conseguiu manter-se atrelada às formas tradicionais de Educação formal.

Depois da televisão, a internet consolidou essa ruptura com o pensamento e a aprendizagem linear. Nessa discussão Santos Neto e Franco (2010, p. 15) consideram que

As crianças e jovens (Y e Z) navegam na rede livremente, seduzidas por sua estrutura, que é uma metáfora de nosso pensamento fluido e não-linear. Por isso é tão doloroso para muitos jovens, hoje, a leitura de um livro. Ela é limitada, engessada, não faz hiperlinks diretos. Por exemplo, imaginemos um jovem que está lendo o capítulo de um livro no qual em um parágrafo lê sobre o suicídio de baleias. O jovem quer saber mais sobre o tema, mas o livro não lhe dá a possibilidade do link direto. A internet sim. Em menos de um minuto, ele saberá muito sobre o tema, como poderá ver as imagens e ouvir os sons de muitos casos desses suicídios em um *site* como o Youtube, e daí poderá dar novos saltos. E, note-se, muitas vezes não retornando ao assunto/tema inicial de sua pesquisa/navegação (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 15).

Além disso, ainda há outros problemas para que as escolas e os professores atendam às expectativas desses alunos. Um deles é a quantidade e a velocidade da evolução dos processos tecnológicos e, com isso, a dificuldade em selecionar aquela informação que é mais útil e significativa.

Esse caldo cultural escorre por todos os lados, diariamente, impondo às mentes em formação o problema grave de selecionar, saber separar o joio do trigo, não sentir-se perdido dentro dessa teia infinita de informações, e transforma-las em conhecimento pertinente para a formação de seu caráter e identidade (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 16)

Há ainda a questão da enxurrada de opções de entretenimentos vazios que se espalham por todas as mídias. São jogos de videogames, programas de televisão, postagens na Internet, atividades nos celulares que são desprovidas de qualquer sentido e utilidade para os jovens. Servem somente para passar o tempo, como é o exemplo dos jogos de videogame; a repetição até a exaustão para se alcançar um objetivo.

Os alunos da Geração Y cresceram cercados de diferentes tecnologias digitais que continuam a moldar o modo como vivem, pensam, aprendem e interagem. A maior parte das atividades diárias desses jovens está relacionada com algum tipo de tecnologia e com a participação em redes sociais. Pedro (2006) afirma que a popularidade das mensagens instantâneas, das redes sociais e outras ferramentas da Web 2.0¹⁵, como os *blogs* (diários de rede) ou as Wikis (tipo específico de uma coleção de documentos em hipertexto), deve-se a mudanças na forma como essa geração pode aprender, comunicar e divertir-se. Embora haja diferentes perfis tecnológicos entre países, entre regiões de um mesmo país e até entre estados e cidades, pode-se afirmar que, de forma geral, a tecnologia tem mudado as atitudes, os estilos e os padrões de aprendizagem dos jovens.

Algumas características dessa Geração são colocadas por vários autores (PRENSKY, 2001; STRAUSS E HOWE, 1991; REEVES, 2008; TAPSCOTT, 1998; TWENGE, 2006) e, entre elas as mais significativas são:

- Uso da tecnologia: Essa geração sente-se confortável usando tecnologia. Isso se deve ao fato dela ter nascido nesse ambiente. No entanto, Oblinger e

¹⁵ Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma.

Oblinger (2005) chamam a atenção para o fato de que, embora essa geração sinta tanta facilidade em manusear artefatos tecnológicos sem um manual de instruções, sua compreensão e sua valorização da tecnologia são superficiais e, por isso, o professor é tão importante para esses jovens.

- Multitarefa: Os jovens dessa geração são capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Eles veem TV, jogam, fazem os trabalhos escolares, conversam em ambientes virtuais e ouvem música ao mesmo tempo. Para alguns autores, como Pedro (2006), Dede (2005), é preciso considerar que a multitarefa na sala de aula pode levar à distração e que isso pode resultar em menor desempenho dos alunos.

- Individualização e personalização: As novas tecnologias hoje disponíveis em todos os lugares permitem o acesso à informação à qualquer hora e a qualquer hora e os jovens tem o controle desse acesso. Prensky (2005) considera que é preciso que o ambiente de sala de aula capitalize o controle dos jovens sobre os temas de seu interesse e as capacidades e competências individuais dos alunos, caminhando no sentido da instrução personalizada, adaptando-se às formas de aprender de cada aluno.

- Hiperconectados: Oblinger e Oblinger (2005) consideram que os alunos da Geração Y gostam de estar sempre disponíveis, sempre conectados. Em função disso, Tapscott (2008) diz que os jovens ao se conectarem à internet deixam de ser os passivos espectadores em frente à televisão, como foi a Geração X, e isso tende a transformar seus cérebros.

- Imediatismo: O imediatismo é uma característica dos jovens em virtude da exposição a diferentes meios de comunicação e à velocidade da transmissão de informações. Esse ritmo acelerado pode resultar em desatenção em sala quando a aula está lenta, não é desafiante para o aluno ou quando deixa de ser interativa.

- Múltiplos tipos de mídia: Os alunos estão de tal forma acostumados aos mais variados tipos de ferramentas (computadores, mp3, *i-pod*, *i-phone*, aparelhos celulares etc.) que uma aula sem esses instrumentos não faz sentido para eles.

- Gostam de aprender fazendo juntos: Os jovens preferem aprender fazendo a alguém lhes dizendo o que fazer. Assim, gostam de trabalhar em grupos, estão sempre abertos à diversidade e, muitas vezes, seus pares têm mais credibilidade do que seu professor (OBLINGER; OBLINGER, 2005).

É necessário conhecer e compreender esses jovens para que se possam criar condições propícias à aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Moura (2010) afirma que

Ninguém duvida que essa geração de alunos é diferente das anteriores, por estarem constantemente conectados à internet e com o seu telemóvel. Apesar de muita gente pensar que são individualistas, descuidados, que a escola não lhes interessa, a realidade é diferente. Os média e as empresas sabem disso e estão a mudar a sua metodologia de aproximação, para os manter interessados, no entanto, a escola continua a fazer quase o mesmo que há décadas antes quando se instituiu a escolarização formal (MOURA, 2010, p. 141).

Nesse contexto, é fundamental que a aula, o professor e, de forma geral, a escola sejam repensados para que suas funções não se tornem obsoletas.

Santos Neto e Franco (2010) faz uma análise da influência da internet nos relacionamentos dos jovens. Os autores colocam que o fato de o jovem participar de comunidades na internet tem seu lado positivo, quando isso proporciona o relacionamento com pessoas que têm os mesmos gostos em qualquer lugar do mundo. No entanto, segundo os autores, o lado negativo disso é que se corre o risco de julgar outros seres humanos somente pelo conhecimento superficial e pela afinidade que os une e “Analisar o outro apenas por um aspecto que nos une é coisificar o outro. Eleger uma faceta como o todo” (MOURA, 2010, p. 16). A consequência disso é que

Muitos jovens dessas novas gerações tratam as relações humanas como aquelas que têm com os objetos de consumo: se a relação não me satisfaz de uma maneira, em um dos aspectos, deve ser descartada. Ao longo do tempo, isso pode acelerar os processos de intolerância e, no limite, de agressividade e exclusão.” (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 16)

Sobre isso, Levi (2001) considera que essas mudanças na percepção do mundo, baseadas na hipertextualidade, estão reestruturando o cérebro. A memória deixará de desempenhar algumas de suas funções e a possibilidade de uma consciência planetária emergente parece verossímil. No entanto, para Santos Neto e Franco (2010, p. 17)

Essa mudança de percepção não significa uma mudança na formação do caráter; não significa que teremos uma humanidade melhor, mais solidária, mais doce. Tudo dependerá de como os jovens resolverão essa grande questão: deixar o caráter ser

assassinado pela diversão vazia, ou buscar nessa estrutura rizomática, maravilhosa, os caminhos para uma verdadeira revolução interior que favoreça autoconhecimento, generosidade, solidariedade e cuidado com a Gaia e seus viventes (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 17).

As transformações de que tratam os autores são complexas e passam pelo individual e pelo coletivo. A escola e os educadores podem e devem ajudar as crianças e jovens na construção desse movimento, como afirma Boff (1994, p. 74)

Precisamos sim de revoluções para realizarmos transformações necessárias. Mas os caminhos para essas transformações são hoje diferentes. Não bastam as transformações estruturais; precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas. Acreditamos nas revoluções moleculares. Como as moléculas, a menor porção de matéria viva, garantem a sua vida pela relação e articulação com outras moléculas e com o meio ambiente, de forma semelhante, as revoluções devem começar nos grupos e nas comunidades interessadas em transformações. Nos grupos transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí podemos começar a mudar os espaços mais amplos da sociedade (BOFF, 1994, p. 74).

Assim, os novos processos educativos não podem deixar de considerar as mudanças pelas quais a sociedade e, sobretudo os jovens passam e, a partir daí, poder detectar qualidades e lacunas que precisam ser supridas para que a escola possa cumprir seu papel de instituição responsável pela Educação formal.

Outro ponto desta discussão é esclarecer aos nativos de Y que, ao pensar em mercado de trabalho, não existe mais “o meu” ou “o seu” país. Existe uma verdadeira aldeia global com competidores de todos os cantos do mundo. Esse processo torna o êxito em uma seleção ainda mais difícil. Os melhores profissionais, independentemente de nacionalidade, certamente ocuparão os melhores postos de trabalho. Os nativos de Y precisam entender que a sua formação no Ensino Superior exigirá bem mais que aquela exigida das gerações anteriores. No entanto, esse cenário não pode ser temido, deve ser percebido como uma motivação para maior comprometimento e dedicação.

4.3. Alunos digitais versus migrantes digitais no ambiente escolar

Um dos primeiros autores a investigar o comportamento da Geração Y foi Tapscott (2008). Nesse estudo, o autor considera que essa geração vai acabar por impor sua cultura à sociedade. A investigação do autor iniciou-se em 1996 e, em 2008, resultou no livro *Grown up digital: how the net generation is changing your world*, no qual o autor tenta quebrar os estereótipos negativos ligados a essa geração.

Prensky (2001), por sua vez, introduz os conceitos de nativos digitais e de imigrantes digitais. Segundo o autor, os nativos digitais são aqueles jovens que convivem e interagem com a tecnologia desde o nascimento e são fluentes na linguagem digital dos computadores, dos jogos de vídeo e da internet. Já os migrantes digitais são aqueles que falam a linguagem digital, mas com sotaque e mostram dificuldade em compreender e expressar-se digitalmente. Esse autor mostra, em sua obra, certo estranhamento ao fato de que, nos debates sobre o declínio da Educação nos Estados Unidos, não é citada a causa principal que, em sua visão, é a mudança radical do público que frequenta os sistemas de ensino: nossos alunos tem mudado radicalmente. Nossos sistemas de ensino não foram concebidos para ensinar os alunos de hoje (PRENSKY, 2001, p. 1).

Ainda segundo o autor, o grande problema são as diferenças existentes entre aquilo que os nativos digitais necessitam e as decisões educativas tomadas, quase sempre, pelos imigrantes digitais. “Nossos instrutores, Imigrantes Digitais, que falam uma linguagem ultrapassada (o da era pré-digital) estão lutando para ensinar uma população que fala na inteiramente nova língua” (PRENSKY, 2001, p. 2).

Nessa mesma linha de pensamento, Moura (2010, p. 73) afirma que

Na sociedade da informação e do conhecimento é a fronteira digital que separa os nativos dos imigrantes. Actualmente, as políticas educativas são programadas e geridas por imigrantes digitais para nativos digitais (MOURA, 2010, p. 73).

Segundo a mesma autora, essa situação é algo de inquietações para vários autores (KUKULSKA-HULME TRAXLER 2005; PRENSKY, 2001; WAYCOTT, 2004), à medida que o futuro da Educação está a ser pensado e regulado por imigrantes digitais, com todas as consequências que daqui advêm.

Para Prensky (2001), existe na escola uma defasagem entre os aprendentes (nativos digitais) e os educadores (imigrantes digitais). Para o autor, a escola não

aproveita bem as competências desenvolvidas pelos alunos porque muitos professores não conseguem entender que os seus alunos conseguem aprender vendo televisão, acessando internet, ouvindo música ou coisa assim. Isso se dá porque os professores não conseguem fazer isso e, assim, não compreendem que os alunos possam. Esses alunos, com essas características, tornam cada vez mais difícil o processo de ensino e de aprendizagem se as metodologias tradicionais continuarem a vigorar nas escolas.

Não há como regredir. Segundo Prensky (2001), o cérebro dos nativos digitais está diferente. O neurocientista e psiquiatra da Universidade da Califórnia, Gary Small concorda com isso. Segundo o pesquisador, usar a internet ativa mais o cérebro do que ler um livro. Para entender que influência a pesquisa na Web tem no cérebro, realizou um estudo com indivíduos que costumam pesquisar na Internet e outros que não têm esse hábito. Verificou-se que quando se pesquisa na Web, o cérebro mostra mais atividade no cérebro, cerca do dobro, do que quando se lê um livro¹⁶.

Piscitelli (2009) comunga com o pensamento de Prensky. Em seu livro *Nativos Digitales. Dieta cognitiva, inteligência colectiva y arquitecturas de la participación*¹⁷ ele chama a atenção para uma situação paradoxal: os professores são preponderantemente imigrantes digitais, mas precisam ensinar a uma população que fala uma linguagem totalmente diferente, incompreensível para eles. O resultado dessa situação é a rejeição por parte dos alunos em querer participar das aulas. Contudo, essa visão tem sido contestada por outros autores.

De acordo com Kuklinski (2010) todo o paradoxo de que há uma nova geração de alunos com habilidades sofisticadas para as quais os professores não estão preparados necessita de suporte teórico profundo e investigação empírica. O autor apresenta uma série de argumentos, sustentados por estudos realizados, que negam essa contradição. Kuklinski afirma que o ecossistema digital foi criado pelas gerações precedentes, Geração X e *Baby Boomers*. Essa ideia é reforçada por Gladwell (2008) quando afirma que a internet e a maioria dos referentes da indústria tecnológica pertencem às gerações anteriores e não à Geração Y.

Analizando a teoria de Kuklinski (2010), Moura (2010) afirma que

¹⁶ cf. <http://veja.abril.com.br/120809/internet-transforma-cerebro-p-96.shtml>

¹⁷ *Nativos Digitais: Dieta cognitiva, inteligência coletiva e arquiteturas da participação.*

Kuklinsky não está convencido da influência digital das gerações mais jovens. Para esse autor, os nativos digitais utilizam de forma limitada as plataformas colaborativas, desperdiçando grande parte do seu potencial, carecem de curiosidade pela autoformação, sofrem de dispersão, têm falta de compromisso com os estudos e escassa ética do esforço. Carecem de leitura crítica dos recursos pesquisados na Web, sendo difícil para eles encontrar textos significativos para executar uma tarefa específica... segundo Kuklinsky é errado atribuir toda a responsabilidade da mudança pedagógica aos professores, como assinala Prensky (2001) (MOURA, 2010, p. 75).

Nessa linha de pensamento, o que se percebe é que os professores devem buscar um refinamento de sua prática quanto ao uso das tecnologias, incorporando-as às suas aulas, mas, também, os alunos devem assumir a sua parte de responsabilidade na sua formação. Para Moura (2010, p. 75)

Essa responsabilidade vai para além de um comportamento passivo, de sentar-se na sala, apenas a ouvir o professor, tomar notas e realizar provas de avaliação. É necessário uma coevolução participativa e emergente entre todos os atores educativos. É errado pensar que se vai encontrar nas tecnologias de informação e comunicação as soluções para a complexidade que envolve o processo educativo (MOURA, 2010, p. 75).

Estudos realizados por Bennett *et al.* (2008) também questionam a ideia de uma geração diferente e duvida que haja necessidade de mudanças profundas no ambiente escolar para beneficiar esses jovens. Para esses autores, o discurso sobre os nativos digitais – alunos – e os migrantes digitais – professores – tem sido repetidamente reproduzido, contudo não há nenhuma evidência empírica que o sustente. Os autores acreditam que as mudanças são partes de um processo, mas não exigem nenhuma revolução ou reconfiguração profunda da Educação formal. Apesar de os jovens estarem completamente integrados às práticas digitais no seu dia a dia, não há evidência alguma de uma cisão com as metodologias educativas clássicas.

A Geração Y é, provavelmente, a mais alfabetizada da História e, por ter crescido em um ambiente naturalmente tecnológico, possui certas capacidades que a colocam em uma posição privilegiada na sociedade do conhecimento. No entanto, para Kuklinski (2010), isso não significa que ela seja a mais bem preparada da História, nem tampouco faz de seus membros os melhores e mais eficientes alunos. A dispersão cognitiva e a falta de capacidade para se ligar com conhecimentos complexos, como a ciência, parecem afetar sua produtividade.

Para Moura (2010),

É preciso ver a questão dos dois lados. Mas o que parece acontecer é que muitos estudantes não chegam à escola tão familiarizados com o software ou aplicações como se esperava. Há alguns indivíduos sempre curiosos em saber como funciona o software, querendo explorar as suas diferentes possibilidades e são esses que se tornarão mais proficientes na sua utilização... Porém, a maioria dos indivíduos utiliza as funções básicas do que lhes é dado a conhecer, não indo muito além disso (MOURA, 2010, p. 76).

Sobre as diferenças entre o imigrante digital e os nativos digitais, Moura (2010, p. 76) afirma que

O que se verifica, também, é que o imigrante digital prefere continuar a experimentar os programas que conhece e explorar amplamente as suas potencialidades, enquanto que o nativo digital parece estar mais disposto a experimentar o que é novo e desconhecido. Isso talvez não seja devido a um conhecimento inato do funcionamento interno do software, mas porque estão acostumados a ver e a querer experimentar coisas novas que saem regularmente... De uma forma geral, será sempre uma minoria a estar disposta a assumir risco e inovar (MOURA, 2010, p. 76).

Em artigo publicado em um jornal australiano, em 2009, *The natives aren't quite so restless*¹⁸, Scanlon apresenta também uma visão crítica à existência dos chamados nativos digitais e às mudanças que esses jovens acarretam ao ensino nas universidades. Esse autor considera que os nativos digitais sejam a exceção e não a regra. Para ele, a maioria dos jovens está familiarizada com o *e-mail* e com telefones celulares, mas afirma que, entre seus alunos na universidade, muitos ainda precisam aprender como pesquisar adequadamente no Google e preferem perguntar ao professor as respostas a procurar no *site* de busca. O autor considera que muitos dos alunos que teoricamente são nativos digitais enfrentam as mesmas frustrações que os mais velhos.

Ainda analisando a obra de Marc Prensky, Moura (2010) afirma que

A controvérsia à volta do conceito “nativos digitais”, fez Prensky (2009) desvalorizar a sua invenção terminológica (nativos versus imigrantes) em relação aos tempos actuais e passar a falar em sabedoria digital (digital wisdom), definindo-a como um conceito de dupla entrada, capaz de aludir às capacidades cognitivas dos indivíduos para utilizar as tecnologias, bem como à prudência e pertinência do seu uso. Essa nova versão teórica afirma que essa sabedoria não se encerra em um tempo preciso, ela evolui constantemente (MOURA, 2010, p. 77).

¹⁸ Os nativos não são tão inquietos. Disponível em <<http://www.theaustralian.com.au/higher-education/opinion/the-natives-arent-quite-so-restless/story-e6frgcko-1111118616452>>.

5.4 O professor para alunos da Geração Y

É inegável a existência de um conflito ou de, no mínimo, discrepâncias entre a maior parte das escolas e os alunos que a ela estão chegando. Isso já é perceptível no Ensino Fundamental e no Médio. No Ensino Superior também isso se tem tornado uma realidade, já que os alunos da Geração Y, hoje, são maioria nos cursos superiores. Desse contexto surgem duas situações bastante distintas: É comum, nos corredores escolares, nas salas de professores e nas reuniões pedagógicas, ouvirmos alegações de que os alunos não gostam de ler, são desinteressados, preferem gastar horas e horas em frente a um computador, celular, *i-phone* ou outros aparelhos tecnológicos em *games*, ou em bate-papos, que leem pouco e possuem dificuldade para trabalhar em grupo. De outro lado, os alunos definem a escola como um lugar chato, desinteressante e ultrapassado, totalmente descontextualizado e entediante. Ao que parece, os alunos não são aqueles sonhados pela escola/professores, nem a escola/professores são aqueles sonhados pelos alunos.

Sobre as características dos alunos que chegam à escola e a relação com seus professores, Martins e Giraffa (2013, p. 3632) afirmam que

O ambiente escolar recebe a cada ano alunos que se movimentam naturalmente pelo ciberespaço¹⁹, viajam virtualmente por lugares imaginários, conhecem relíquias da cultura mundial, interagem com pares de mesmo interesse, navegam nos espaços experimentando novos limites, sensações, produzem e consomem conhecimento de uma maneira totalmente diversa da tradicional. Essa revolução nas formas de buscar informações, conhecimento e comunicação diferem da forma de trabalhar e interagir da maioria dos seus professores. Os docentes, na sua grande maioria, ainda fazem uso preferencial (ou quase exclusivo) das tecnologias associadas aos meios tradicionais e baseiam sua pesquisa e produção no papel. Quando trocam experiências com seus pares, buscam aqueles que estão próximos geograficamente (MARTINS; GIRAFFA, 2013, p. 3632).

Nesse sentido, Chamarelli (2011) analisa que

Ao se desenvolverem com a tecnologia os nativos desenvolveram um novo método de aprendizado. Durante todo o decorrer do dia eles são surpreendidos com um novo desafio tecnológico, eles aprendem interagindo com a informação, tendo acesso a uma ampla fonte de

¹⁹ Termo utilizado por Lévy (1999) que indica os meios materiais de comunicação digital, mas, sobretudo o universo de informações e interações humanas. Essas últimas alimentam e navegam por esse espaço.

informação a qual estão o tempo todo conectados, estão acostumados a receber informações mais rapidamente do que um professor em sala de aula é capaz de transmitir (CHAMARELLI, 2011, p. 28).

Para alguns, todo esse universo tecnológico em que os alunos hoje estão mergulhados, prejudica e estraga os jovens. De acordo com uma pesquisa publicada no *New York Times*, as crianças tendem a realizar uma média de sete tarefas, tais como enviar mensagens de texto ou verificar o *e-mail*, enquanto assistem a televisão. Esse número é significativamente menor para os idosos. Enquanto isso, ajuda a ensinar aos adolescentes como fazer várias tarefas ao mesmo tempo, os pesquisadores estão preocupados que isso possa limitar a capacidade deles de se concentrar, posteriormente afetando seu desempenho na escola. No entanto, Johnson (2012), em seu surpreendente livro “Tudo o que é ruim é bom para você” faz uma retrospectiva dos testes de QI (quociente de inteligência) ao longo de alguns anos. O que se pode notar é que as médias nos testes têm aumentado nos últimos anos. O autor faz uma análise com a infância de 40 anos atrás e com a infância atual e o resultado aponta que a criança de hoje é menos passiva do que uma criança naquela época. A ideia básica do livro de Johnson é de que todo esse estilo de vida das crianças e dos jovens ligados a videogames, a internet, a seriados e shows de TV está se tornando cada vez mais complexo e isso exige maior concentração e inteligência deles e, por isso, os pais e críticos culturais em geral não devem se desesperar porque os jovens passam boa parte de seu tempo livre, por exemplo, jogando *Grand Theft Auto* (GTA – série de jogos de computador e videogame) ou utilizando algum dispositivo tecnológico.

Assim, é necessário pensar nesse novo aluno e considerar seu perfil para se pensar a escola que não pode ignorar o desenvolvimento e as transformações que se tornam cada vez mais presentes. Para acompanhar todas essas mudanças, Tapscott (2010, p. 156) afirma que

A capacidade de aprender novas coisas é mais importante do que nunca em um mundo no qual você precisa processar novas informações em grande velocidade. Os estudantes precisam ser capazes de pensar de forma criativa, crítica e colaborativa para dominar os aspectos básicos e se destacar em leitura, matemática e ciências para ter competência de leitura e para reagir às oportunidades e desafios com rapidez, agilidade e inovação. Os estudantes precisam expandir sua base de conhecimento para além das portas de sua comunidade de quiserem se tornar cidadãos globais responsáveis e cooperativos em uma economia mundial cada

vez mais complexa (TAPSCOTT, 2010, p. 156).

Para que o professor possa ter sucesso em sua função, ele também terá que estar imerso nesse universo de mudanças e isso deverá iniciar já em sua formação. Para Aragão (2008, p. 47)

Formar profissionais em uma sociedade sem fronteiras, assolada pela competitividade e pelo individualismo, requer o conhecimento de valores que contribuam para práticas de ensino integradoras, emancipatórias e inclusivas, formando pessoas com visões abertas e rigorosamente críticas (ARAGÃO, 2008, p. 47).

A afirmação acima é aplicável a qualquer profissional e, quando se fala em professores, ela se torna mais expressiva ainda, já que a Educação exige profissionais capacitados, suficientemente preparados para os desafios futuros. O professor, mais do que nunca, será testado no que se refere a saber conviver com as rápidas e constantes mudanças que ocorrem em um mundo que, até ontem, era pequena aldeia, para hoje, se tornar uma aldeia global. Para isso, ele terá que estar comprometido com a atualização constante e estar disposto a considerar essas transformações.

Santos Neto e Franco (2010) indicam alguns aspectos importantes nos processos de formação dos professores que desejam se preparar para a tarefa de educar as novas gerações, seja na formação inicial ou continuada. Entre esses aspectos, estão aqueles do ponto de vista da racionalidade, da autoformação, das novas linguagens e dos projetos pedagógicos e do trabalho coletivo.

Os autores afirmam que do ponto de vista da racionalidade é necessários que

[...] os professores estudem as novas gerações, suas características, possibilidades e limites e também “os processos de mudança paradigmática e as rupturas desse tempo, bem como e as rupturas desse tempo, bem como se empenhem em construir novas sínteses em suas práticas educativas” (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 13).

Essas sínteses devem favorecer a construção de novos caminhos para as práticas escolares, visto que estão sempre se renovando.

Quanto à autoformação, os autores esclarecem que é preciso que os professores procurem se autoconhecer para que, por meio disso, possam fazer um resgate crítico de sua própria trajetória formativa. Reconhecer, desconstruir e reconstruir criativamente o próprio caminho profissional, de acordo com as

necessidades de cada momento histórico, é algo fundamental para o trabalho docente (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 13)

Será necessário, também, do ponto de vista das novas linguagens, que o docente desenvolva, além do conhecimento específico de sua matéria, também a capacidade de lidar com diferentes linguagens.

[...] se faz fundamental o domínio, ainda que focado em certos aspectos da tecnologia dos computadores para redação, pesquisa e criação de textos e materiais didáticos, assim como para o diálogo e a interação com as novas gerações (SANTOS NETO; FRANCO 2010, p. 13).

Nesse contexto, não podemos deixar de lado a linguagem artística, que deve ser uma preocupação constante dos profissionais da Educação deste tempo. Segundo os autores, os professores pertencentes à geração *Baby Boomer* e à Geração X deverão perder o seu medo com os processos computacionais, pois aproximando-os dos processos artísticos, poderão ajuda-los a criar as narrativas de nosso tempo.

Por fim, Santos Neto e Franco (2013, p. 13) colocam que, do ponto de vista dos projetos pedagógicos e do trabalho coletivo, embora sejam abordados desde muito tempo, são saberes que ainda precisam ser mais bem elaborados pelos professores. Para os autores,

A escola é cada vez mais realidade coletiva, e se os professores não aprenderem a lidar com as dificuldades do trabalho coletivo, superando-as em direção a realização de um projeto que expresse a construção, de fato, coletiva do trabalho escolar, então muitas serão as dificuldades que se colocarão no cotidiano da escola. Não é mais possível a construção do trabalho escolar a partir da ação isolada e individualista dos professores (SANTOS NETO; FRANCO 2013, p. 13)

Fica evidente que, cada vez mais, o nosso tempo está tomado por mudanças constantes e velozes e isso traz desafios para os professores que são provocados a repensar continuamente sua prática, já que novas competências serão cada vez mais exigidas dos docentes.

Diante da velocidade das mudanças, que é quase sufocante, é preciso que o professor descubra como lidar com o acúmulo de conhecimento e de informações. O professor do futuro tem incorporada toda a produção intelectual dos séculos passados e seu desafio é se formar e transformar sua prática constantemente,

levando em conta as produções culturais e históricas atuais. É preciso debater qual é o papel do professor na relação de ensino com os novos alunos que chegam à universidade e, para isso, faz-se necessário estender e inventar a prática educativa, compreendendo o cruzamento e a aproximação de três aspectos: tempo, espaço e velocidade.

O século XXI traz consigo questões que demandam novas atitudes por parte dos profissionais do ensino e pelos outros setores da sociedade, como, por exemplo, o poder público na elaboração de políticas direcionadas à Educação dos jovens. Os professores devem, sim, preocupar-se em ser plurais, em dialogar com o novo, estar abertos às novidades tecnológicas e novas linguagens, mas sem perder as suas raízes, seus valores, sua vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta investigação foi o de conhecer o universo da Geração Y e, dessa forma, ampliar o debate sobre o tema e analisar as influências dos jovens dessa geração nas relações de trabalho e, sobretudo, no trabalho docente.

De maneira mais específica, buscamos discutir a redefinição do conceito de trabalho e analisar as novas nuances que ele tem assumido com o avanço da tecnologia, proporcionado pela Revolução Tecnológica a partir da década de 1970, bem como os impactos dessa Revolução nas esferas social, política e econômica.

Com vistas a entender a socialização e individualização dos sujeitos pertencentes à Geração Y no mundo do trabalho, a partir da revolução tecnológica e tendo como premissa que o processo de construção dos indivíduos é mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e identitárias, apresentamos a teoria do *habitus* presente nos estudos de Pierre Bordieu e de Norbert Elias. A Teoria do *Habitus* nos ajudou no entendimento da socialização e individualização dos sujeitos pertencentes à Geração Y no mundo do trabalho e no ambiente escolar, tomando a família, a escola e a mídia como instâncias principais que se relacionam na formação e na construção da identidade dos jovens dessa Geração.

A bibliografia consultada nos permitiu caracterizar a Geração Y e, a partir daí, possibilitou uma análise do impacto que os jovens dessa Geração estão provocando em várias instâncias da sociedade, sobretudo no mundo acadêmico, listando em que aspectos a prática profissional docente tem sido afetada em função das especificidades desses alunos e em que aspectos as escolas e os professores deverão adaptar-se para o atendimento a esse público.

O mercado de trabalho, ao longo da História e em diferentes épocas, foi marcado pela inserção de jovens trabalhadores. Nos dias atuais, estamos testemunhando a entrada de jovens com algumas características bastante diferentes das anteriores: os da Geração Y. O ingresso dessa geração no mundo do trabalho tem despertado a curiosidade e o interesse de estudiosos do comportamento humano, especialmente quanto aos impactos por ela produzidos na dinâmica das organizações.

A presença desses jovens no mercado de trabalho vai ao encontro de alguns atributos essenciais ao mundo moderno, pois agrega velocidade, agilidade, multiplicidade de informações, mudança e inovação. Não é que as empresas deverão reinventar-se para atender às características desses jovens e, sim, que elas adaptem e modernizem seus processos para se adequarem ao mundo atual e, conseqüentemente, à geração que a elas está chegando. O mundo mudou, as relações humanas mudaram, acreditamos que algumas mudanças são inevitáveis, simplesmente porque são a sequência dessas transformações.

A Geração Y tem feito com que se reescrevam as políticas de recursos humanos e normas organizacionais, adotando uma postura mais flexível para a utilização de recursos tecnológicos, horários mais flexíveis, lideranças inspiradoras e a criação de ambientes desafiadores, em que os funcionários possam cada vez mais participar de projetos em diversas áreas da empresa.

Por outro lado, os jovens também precisam entender a necessidade de complementaridade dos papéis atuais exercidos pelas diferentes gerações para, no futuro, lidarem melhor com as diferenças entre eles e as novas gerações de seu tempo.

Paralelamente ao mercado de trabalho, a Geração Y trouxe para o Ensino Superior uma mistura de comportamentos, atitudes e expectativas que, por um lado cria oportunidades e, por outro, desafios para esse nível de ensino. As oportunidades surgem a partir da familiaridade dos alunos com a tecnologia, estilo multitarefa, otimismo, orientação da equipe e maior capacidade da diversidade. Do outro lado, os desafios incluem a superficialidade de seus hábitos de leitura e visualização de TV, uma relativa falta de habilidades de pensamento crítico, opiniões ingênuas sobre propriedade intelectual e a autenticidade das informações encontradas na Internet, bem como altas expectativas confrontando com baixos níveis de satisfação. Esses alunos possuem uma característica bastante marcante: a familiaridade com as tecnologias.

Esses fatores representam um desafio para os líderes de Ensino Superior, professores e funcionários já que quase todos eles pertencem a gerações anteriores: compreender e conviver com o aluno da Geração Y e, a partir dessa compreensão fornecer os ambientes de aprendizagem, serviços e instalações necessárias para ajudar esses alunos a alcançar o seu potencial.

Muitas instituições demonstram intenso interesse nas necessidades acadêmicas, sociais e pessoais de seus alunos. São inúmeros dados coletados dos alunos, no sentido de se trabalhar com a realidade deles. No entanto, as transformações e as diferenças geracionais nem sempre são utilizadas buscando-se compreender o comportamento dos alunos, atitudes e expectativas e, com isso, as mudanças e as adaptações dentro da academia continuam em um ritmo lento e deliberado. Adaptar processos e serviços institucionais às necessidades de uma geração específica de estudantes como a Geração Y exige planejamento prévio e ação e isso demanda tempo. As instituições correm o risco de não conseguirem essa adaptação, já que o planejamento e a deliberação podem exceder o tempo de duração dos cursos em que já estão matriculados. Líderes institucionais precisam encontrar maneiras de pensar sobre gerações na concepção de *campus* e as iniciativas individuais dos alunos, bem como para discernir as tendências que irão permitir o planejamento dirigido para o futuro.

Curiosamente, em toda a bibliografia consultada, o que se percebe é que os alunos atribuem características aos bons professores que parecem ser universalmente consideradas e não diretamente relacionadas aos aspectos tecnológicos, como acreditávamos no início desta investigação. Embora o comportamento dos alunos, as atitudes e as expectativas sejam típicos de sua geração, o que constitui um bom ensino para eles é o mesmo considerado pelas demais gerações. O professor que facilita o aprendizado do aluno, que comunica ideias e informações de forma eficaz, que demonstra interesse na aprendizagem dos alunos, que se organiza, que demonstra respeito aos alunos e que avalia o progresso do aluno de forma justa ainda é visto como um bom profissional. As habilidades tecnológicas é um instrumento poderoso no dia a dia do professor, mas não representa o essencial para o seu sucesso.

Isso não quer dizer que o professor não precisa mudar. O que se pôde perceber é que as transformações que se apresentam na sociedade atual marcam novo compasso às relações e, por consequência, impõem novos ritmos para as relações pedagógicas. Os jovens que hoje chegam às universidades trazem consigo expectativas, dificuldades e possibilidades às quais o professor ainda tem que se adaptar para trabalhar integralmente, justamente porque são desafiados a ensinar e aprender em um paradigma diferente do anterior, no qual foram formados e suas certezas foram construídas.

Cabe, dessa forma, à universidade, na figura dos legisladores, e aos dirigentes promoverem a gestão dessas dificuldades e possibilidades, aproveitando-as como oportunidade de revisão e de transformação. Aos professores, cabe a tarefa de analisar a realidade para, a partir dela, planejarem e redirecionarem, se necessário, sua formação e, com a experiência que já possuem, adaptar a prática pedagógica para que o atendimento aos alunos da Geração Y possa se dar de modo satisfatório para docentes e discentes.

Esses jovens, normalmente, estão matriculados em cursos que representam o ícone das inovações, das tecnologias e do desenvolvimento social e, assim, é necessário que todos estejam envolvidos na busca de melhorias no seu processo de formação, de modo a contribuir mais intensivamente para a formação de profissionais mais aptos a intervir no desenvolvimento industrial, tecnológico, econômico e social.

Mais do que entender os acadêmicos que chegam à universidade, é necessário trabalhar em parceria com eles, desenvolver suas competências por meio de estratégias inovadoras e aulas mais dinâmicas. São várias as pesquisas em que fica claro o valor que os estudantes depositam no seu processo de formação, na ênfase que dão aos vínculos estabelecidos entre docente e discente e, por fim, da importância que tem o respeito aos diferentes estilos de aprendizagem e a necessidade de se desenvolver nos alunos a importância do aprender a aprender.

Não podemos deixar de considerar que todas as características apresentadas por esses alunos como a impaciência, o imediatismo, o desinteresse por algumas questões estão mediados por elementos que os pressionam nessa direção e que os deixam frente a frente com dilemas que precisam ser enfrentados. Assim, o grande desafio dos docentes está em colocar esses jovens no movimento de participar mais, de intervir, de viver intensamente todas as habilidades inerentes aos seus contemporâneos, viver intensamente a experiência universitária, para que eles possam instrumentalizar-se para a vida em sociedade, convivendo em conjunto com outras gerações, aprendendo e ensinando. Cabe a nós, professores e pesquisadores da docência, buscar meios de articular as expectativas deles com aquilo que fazemos em sala de aula. Parece até um chavão, mas aulas diversificadas, currículos e métodos de ensino pensados considerando a realidade em que esses jovens estão inseridos, trocas interdisciplinares são ainda aspectos que precisam ser repensados para o trabalho com esses jovens.

Os dados apresentados nesta pesquisa permitem identificar características importantes de uma geração, que necessitam ser repensadas, trabalhadas e desdobradas para direcionar a tomada de decisão e se promover as mudanças necessárias, dividindo esforços e conjugando competências.

Percebemos que conhecer nossos alunos nos dá muito mais opções para envolvê-los no processo de aprendizagem. Ao longo da História da Educação e também das gerações, as instituições têm buscado adaptar protocolos de ensino para se ajustarem às preferências e características dos alunos para a aquisição de conhecimento, para melhorar a aprendizagem, para facilitar a maturação e, com isso, conseguir o sucesso dos discentes. A audácia com que a Geração Y chegou ao ambiente universitário tem acelerado a nossa necessidade de compreender as suas características de aprendizagem.

Buscamos a compreensão dessa geração para entender o processo evolutivo e as mudanças na sociedade, no entanto

Vivemos em tempos confusos, como muitas vezes é o caso em períodos de transição entre diferentes formas de sociedade. Isso acontece porque as categorias intelectuais que usamos para compreender o que acontece à nossa volta foram cunhadas em circunstâncias diferentes e dificilmente podem dar conta do que é novo referindo-se ao passado (CASTELLS, 2002, p. 1)

Assim, todas as propostas aqui apresentadas de adaptação à Geração Y certamente não serão adequadas para a próxima, o que demandará, com outro viés, novas pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W.; BRANCO P. P. M. (org.) (2005) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação PerseuAbramo. Acesso em: 10 fev. 2011.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. M.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. p. 163-178 São Paulo: Cortez, 2007.

ALBORNÓZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. Coleção Primeiros Passos: 171. São Paulo: Brasiliense. 1994. .

_____. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1997

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000

_____. As metamorfoses no mundo do trabalho. In: GOMES, Álvaro. (org.). **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

_____. **Os dilemas do trabalho no limiar do século 21**. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/os-dilemas-do-trabalho-no-limiar-do-seculo-21>. Acesso em agosto de 2013.

ARAGÃO, Rosália Maria. **Minuta de Projeto Pedagógico Institucional da Unimep**. Piracicaba, nov. 2008.

ARANHA, M. L. A. Trabalhar pra quê? In: KUPSTAS, Márcia (org). **Trabalho em Debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

ARAÚJO, Romilda Ramos; SACHUK, Maria Iolanda. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007.

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

ATTIAS-DONFUT, C. **Sociologie des générations: l’empreinte dutemps**. Paris: Universitaire de France, 1988.

AYDON, Cyril. **A história do homem**: uma introdução a 150 mil anos de História humana. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 71-78.

BARRETO, L. M. *et al.* Gestão de pessoas: projetando desafios e tendências para 2015. In: Encontro de estudos organizacionais - ENEO, 6, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2010.

BATISTA, Francisco Honório Araújo. **Grupos geracionais e o comprometimento organizacional**: um estudo em uma empresa metalúrgica de Caxias do Sul. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul; Programa de Pós-Graduação em Administração, 2010.

BATISTA, J. L. C.; GUIMARÃES, J. R. A gestão do trabalho, do homem e da vida a partir do pensamento de Michel Foucault. **Kínesis**, Vol. I, nº 02, outubro-2009, p. 124 – 133.

BATTAGLIA, Felice. **Filosofia do trabalho**. Trad. de Luís Washington Vita e Antonio D’ella. São Paulo: Saraiva, 1958.

BAUMGARTEN, M. (org.) **Conhecimentos e redes**: sociedade, política e inovação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BENNETT, S.; MATON, K.; KERVIN, L. The ‘digital natives’ debate: A critical review of the evidence. **British Journal of Educational Technology**, 39: 775–786. doi: 10.1111/j.1467-8535.2007.00793.x, 2008.

BOFF, Leonardo. **1964: Golpe Militar a serviço do Golpe de Classe**. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/9634>>. Acesso em julho de 2013.

_____ **Crise**: oportunidades de crescimento. Campinas: Verus, 2002.

_____ **Nova Era**: a civilização planetária. São Paulo: Ática, 1994.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 25. edição. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-135

BORGES, Altamiro. Reflexos da automação na consciência do Trabalhador. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

BORGES, L. O. As concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos de circulação nacional. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, n. 3, p. 81-107, set./dez. 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O novo capital**. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1997

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> . Acesso 10.07.2010

BRAVERMAN. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CALIMAN, Geraldo. **Paradigmas da exclusão social**. Brasília: Universa, UNESCO, 2008. 368 p.

CÂMARA, Luciene. Desistência: Cinco professores se demitem por dia das escolas estaduais. **Jornal O tempo**. Belo Horizonte, 23/09/2013.

CAMEIRA, A. J. M. (1997). Atracção interpessoal e atracção social na formação de grupos psicológicos e na conformidade. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Porto, Portugal.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAMPOS, Regina Célia Pereira. **Subjetividade e trabalho docente**: como ficam os professores na era das transformações? Aprovado em 2007. Disponível em: <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/regina_campos.pdf> Acesso em 10 de junho de 2013.

CAMPOS, Vicente Falconi. **O valor dos recursos humanos na era do conhecimento**. 4. ed. Belo Horizonte: Fundação Cristiano Ottoni, 1995.

CANDIDO, Alberto. **A educação em novas perspectivas sociológicas**. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2005.

CHAMARELLI, Renata. **Novas Tecnologias na Educação**. Portal do Professor. 2011. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=17>. Acesso em: 19/09/2011.

CARMO, Paulo Sergio do. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: SENAC, 2001.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. **Juventude, Educação e Sociedade**, maio, 2000, p. 52-72.

CASTRO, Mary Garcia. Feminização da pobreza em cenário neoliberal, Brasil 2000. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a Educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

COIMBRA, R. G. C.; SCHIKMANN, R. A Geração Net; XXV . In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração, 15, 2001; Campinas. **Anais ...** Campinas: ANPAD, 2001. CDROM

COUTINHO, Clara P. (2005). **Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal**: uma Abordagem Temática e Metodológica a Publicações Científicas (1985-2000). Série Monografias em Educação. Braga: CIED – IEP. Universidade do Minho.

COSTA, Eduardo Antonio de Pontes. **Diário de um pesquisador**: jovens pobres em devir na (in)visibilidade da formação profissional. Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2007.

CRAWFORD, Richard. **Na era do Capital Humano**: o talento, a inteligência e o conhecimento como forças econômicas - seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento. São Paulo: Atlas, 1994.

CRUZ, R. M. **Psicodiagnóstico de síndromes dolorosas crônicas relacionadas ao trabalho**. 2001. 296 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

DAMASCENO, J. B. **Individualismo e liberalismo**: valores fundadores da sociedade moderna. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/doze/damasceno_12.htm>. Acesso em 12/05/2013.

DAMASCO, Miguel. **Nativos Digitais e o Ensino Superior Analógico**. IV Simpósio Pedagógicos e Pesquisas em Educação SIMPED. Set/2009. Disponível em <<http://www.profdamasco.site.br.com/NativosDigitaisEnsinoSuperior.pdf>>. Acesso em outubro/2012.

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. In Freitas, Maria Virgínia, Fernanda de C. Papa (orgs.) **Políticas públicas**: juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa: Fundação F. Elbert, 2003 p. 173-189.

DE MASI, D. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DELORS, Jacques (Org). **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC: UNESCO, 1998

DEMO, Pedro. Professor: profissional da aprendizagem. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Enfermagem** – ISSN 2175-5736 – Vol. 1, n. 1, p. 44-65, Julho/2009

DIB, S. K.; CASTRO, L. R. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.13, n.1, p. 1-15, 2010.

DINIZ, Margareth. De que sofrem as mulheres-professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes (org.). **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

DOMINGUES, José Maurício (2002). Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social**, São Paulo, Vol. 14, n. 1, pp. 67-89

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

DRUCK, Graça. Qualificação, empregabilidade e competência: mitos versus realidade. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001, p. 17 - 32.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da sociedade moderna. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DUPAS, Gilberto. Economia global e exclusão social. **O Estado de São Paulo**, 2 abr. 1999. Caderno B, p. 4

DUTRA, Joel Souza. **Gestão de pessoas**: modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Atlas, 2002.

ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

ESTEVE, J. M. Z. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. 3. ed. Bauru: Edusc, 1999.

ESTEVES, J. P. **O espaço público e os media**: sobre a comunicação entre normatividade e facticidade. Lisboa: Colibri, 2005.

FERRER, Florência. **Reestruturação Capitalista**. Caminhos e descaminhos da Tecnologia da Informação. São Paulo: Moderna, 1998.

FILGUEIRAS, Luis. Reestruturação produtiva e emprego bancário. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

FLECHA, R.; TORTAJADA, I. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNON, F. **A Educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 21-36.

FORQUIN, Jean-Claude (2003). **Relações entre gerações e processos educativos**: transmissões e transformações. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, São Paulo, SESC, outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/83.rtf>>. Acesso em 22/06/2012

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. de Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martin. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e Educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas. In.: NOVAES, Regina. VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude**

e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o Ensino Médio. In: _____; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado:** concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2010, p. 57

FROMM, E. **O medo à liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1977.

GALLAND, Olivier. **Sociologie de la jeunesse**. Paris: A. Colin, 2007

GARCÍA, J. L. *et al.* **Ciencia, tecnología y sociedad:** una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología . Madrid: TECNOS, 1996

GATTI, B. A. *et al.* **Atratividade da carreira docente no Brasil:** relatório final de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Fundação Vitor Civita, 2009.

GENTILLI, Pablo. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luis (org.). 3. ed. **Capitalismo, trabalho e educação**. Coleção Educação Contemporânea. Campinas: Autores Associados, Histedbr, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GLADWELL, Malcolm. **Fora de série:** outliers. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

GODOY. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr./mai. 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975

GOMES, Álvaro. Trabalho, desemprego e sofrimento mental: impactos do neoliberalismo. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI:** considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

GRONBACH, K.W. **The age curve, how to profit from the coming demographic storm**. New York: American Management Association, 2008.

GUILLERM, A.; BOURDET, Y. **Autogestão:** uma visão radical. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HABERMAS, Jurgen. **Teoría de la acción comunicativa I:** Racionalidad de la acción y racionalización social. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento:** educação na era da insegurança. Trad. Roberto Catalão Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.

HAYEK, F.A. **O Caminho da Servidão**. Porto Alegre: Globo, 1977.

HOPER EDUCACIONAL. **Análise setorial do ensino superior privado no Brasil**. Foz do Iguaçu, 2011.

HOWE, N; STRAUSS, W; **Millennials Rising** – The next great generation. Vintage Books – Random House Inc., New York, NY. 2000

JEFFRIES, F. L., HUNTE, T. L. Generations and motivation: A connection worth making. **Journal of Behavioral and Applied Management**, 6(1), 37-70. Retrieved February 10, 2007

JOHNSON, STEVEN. **Tudo que é ruim é bom para você**: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes. Tradução: Sérgio Goés) Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

KANAAME, Roberto. **Comportamento Humano nas Organizações**: o homem rumo ao século XXI .2. ed. São Paulo : ATLAS, 1999.

KUKLINSKI, H. P. (2010). **Geekonomía**. Un radar para producir en el postdigitalismo. collecció Transmedia XXI. Laboratori de Mitjans Interactius/Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona. Barcelona.

KULLOCK, Eline. **Por que as gerações estão no nosso foco?** Disponível em: <<http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/por-que-as-geracoes-estao-no-nosso-foco/>>. Acesso em: 15 set. 2012.

LANCASTER, L., STILLMAN, D. (2002). When generations collide. New York, NY: Harper Business.

LEADBEATER, C.W. **O lado oculto das coisas**. Trad. Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Pensamento, 2000.

LENIN, V. I. **Que fazer?** São Paulo : HUCITEC, 1986.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad.: Carlos Irineu da Costa. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

_____. **A Conexão Planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Cibercultura**. São Paulo : Ed.34, 1999.

LIPKIN, N; PERRYMORE, A, 2010. **A Geração Y no Trabalho**. São Paulo: Elsevier, 2010.

LOBATO, C. R. P. S. O significado de trabalho para o adulto jovem no mundo provisório. In: **Revista de Psicologia da UNC**. Vol. 1, n. 2. p. 44-53.

LOIOLA, Rita. Geração Y. **Revista GALILEU**. Disponível em: <<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 06/set. Edição 219. Out/2009.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luis (org.). 3. ed. **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, Histedbr, 2005. (Coleção Educação Contemporânea).

LOMBARDIA, P. G.; STEIN, G.; PIN, J.R. **Políticas para dirigir a los nuevos profesionales** – motivaciones y valores de la generacion Y. Documento de investigación. DI-753. Mayo, 2008. Disponível em <<http://www.iesep.com/Descargas/spdf/Gratis/R130.pdf>>. Acesso em 30/10/2008.

LOUZANO, Paula; ROCHA, Valéria; MORICONI, Gabriela Miranda; OLIVEIRA Romualdo Portela de. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 543-568, set./dez. 2010. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1608/1608.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011

MALACRIDA, V. A; BARROS, H. F. A Ação Docente no Século XXI: Novos Desafios. In: **Colloquium Humanarum**, vol. 8, n. Especial, jul-dez, 2011. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/pos/enapi/2011/suplementos/documentos/Humanarum-PDF/CDEduca%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em julho 2013.

MALUSÁ, Silvana. Investigação sobre a atualização do docente no ensino. In MALUSÁ E FELTRAN. **A Prática da docência universitária**. São Paulo: Factash, 2003.

MANNHEIM, K. O problema das gerações. In: _____ (Ed.). **Sociologia do Conhecimento**. Porto: Rés. 1990. v. II, p. 115-176. (Original de 1952).

MARTINS, Cátia Alves; GIRAFFA, Lúcia M. MARTINS. **Formação do docente imigrante digital para atuar com nativos digitais no ensino Fundamental**. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/>/132_220.pdf>. Acesso em agosto/2013.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. Cultura Brasileira versão em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em setembro de 2012.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MASETO, Marcos Tarciso. **Aulas Vivas**. São Paulo: MG Editores, 1992.

MEREDITH, G., SCHEWE, C.D., KARLOVICH, J. e HIAM, A (2002). **Managing by Defining Moments**. New York. Hungry Minds.

MURTA, C. Magistério e sofrimento psíquico: contribuição para uma leitura psicanalítica da escola. In **COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 3. São Paulo. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300031&lng=en&nrm=abn> . Acesso em: 25,set.,2011.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e Educação. In: GOMES, Carlos Minayo (*et al.*) **Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OBLINGER, D.G.; OBLINGER, J.L. Introduction. In _____ (eds). **Educating the Net Generation, 2005**. Disponível em <<http://www.educause.edu/educatingthenetgen/>>. Acesso em agosto de 2013.

OLIVEIRA, Sidnei. **Encontro de Gerações: geração y**. Disponível em www.sineperio.educacao.ws/arquivos/sidney%20oliveira.docx. Acesso em junho de 2012.

OLIVEIRA, Carlos R. de. **História do trabalho**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

OLIVEIRA, S.R.; PICCININI, V.C.; BITTENCOURT, B.M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em Geração Y no Brasil ? **Organização & Sociedade**, v.19, n. 62, p. 551-558, jul./set. 2012.

OLIVEIRA, Sidnei. **O Nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PACHANE, Graziela Giusti; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A importância da formação didático-pedagógica e a construção de um novo perfil para o docente universitário. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 33/4, 2004.

PAIR, C. A formação profissional, ontem, hoje e amanhã. In: DELORS, J. *et al.*. **A Educação para o século XXI: questões e perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 172-186

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PASTORE, José. **Tecnologia e emprego**: elaborado para conferência internacional para integração e desenvolvimento. CNT, 1997

PEDRÓ, F. (2006). **The new millennium learners: Challenging our Views on ICT and Learning**. Disponível em <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=848507>>. Acesso em maio de 2013.

PERALVA, Angelina. . O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5/ 6, 1997. p. 15-24.

PEREIRA, Erimilson Roberto. Reflexões sobre o trabalho e o trabalhador do século XXI. **2º Congresso da Univer-Cidade**. Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, R. C. F.; ALMEIDA, S. O. LAUX, F. N. Marketing de gerações: construção e teste de escala para avaliação da marca de refrigerante coca-cola por jovens na

fase de transição entre as gerações X e Y. **Revista eletrônica de Administração – REAd**. Edição 52 Vol. 12. Nº 4. jul-ago. 2006

PERES, Carlota. **Revoluciones tecnológicas y capital financiero**. La dinámica de las grandes burbujas financieras y las épocas de bonanzas. Buenos Aires: SIGLO XXI, 2005.

PETERS, Gabriel. Humano, demasiado mundano: a teoria do *habitus* em retrocesso. **Teoria e sociedade**. Jan./jun. 2010. 18:1. p. 8-37.

PEW RESEARCH CENTER. **Millennials**: confident, connected and open to change. 2010. Disponível em: <<http://pewsocialtrends.org/files/2010/10/Millennials-confident-connected-open-to-change.pdf>>. Acesso em novembro de 2011.

PIELLE, Philip K.; EIDELL, Terry L.; SMITH, Stuart C. **Mudança social e mudança tecnológica**: suas implicações na Educação. Trad.: Octavio Mendes Caiado. São Paulo: Cultrix, Universidade de São Paulo, 1976.

PIMENTA, S. G. e ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2008.

PINHEIRO, N. A.; SILVEIRA, R. M.; BAZZO, W. A. A relevância do enfoque CTS para o contexto do Ensino Médio. **Ciência & Educação**, 13(1), 71-84, 2007.

PISCITELLI, A. **Nativos Digitales**: dieta cognitiva, inteligencia colectiva y arquitecturas de la participación Buenos Aires: Santillana, 2009

PONCHMANN, Marcio. Raízes da grave crise do emprego no Brasil. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

POUGET, P. **Intégrer et manager la Génération Y**. Paris:Vuibert, 2010.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants - A new way to look at ourselves and our kids. **On the Horizon** NCB University Press, Vol. 9 Nº. 5, October 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com>>. Acesso em julho de 2011.

_____. **To educate, we must listen reflections from traveling the world.2005**. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/default.asp>>. Acesso em março de 2012.

PUNTES, R. Valdez; AQUINO, Orlando Fernández. Desafios na Profissionalização da Docência Universitária: Entre a Privacidade das Práticas, a Autonomia Exagerada e a Fragilidade dos Mecanismos Institucionais. **Educação e Filosofia**. Uberlândia. V.24, p. 273 – 298, jul/dez, 2010.

RAITZ, T. R. (2003). **Jovens, trabalho e educação**: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

REGNIER, Karla. As novas gerações em perspectiva: suas características e relação com o mundo do trabalho. Disponível em: <http://www.macroplan.com.br/Palestra_Item.aspx?Id=18>. Acesso em 31/05/2013.

REEVES, T. **Do generational differences matter in instructional design?**, 2008 Disponível em <<http://it.coe.uga.edu/itforum/Paper104/ReevesITForumJan08.pdf>>. Acesso em 03/07/2012.

RIGOTTO, Maria Raquel. As tramas da desigualdade e as nossas tramas em trabalho, meio ambiente e saúde. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI: considerações para o futuro do trabalho**. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001.

ROCHA, Paula Fernanda de Melo. **O papel da escola frente aos desafios do século XXI: a opinião de jovens estudantes do Ensino Médio do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade Católica de Brasília, 2007.

ROGLER, L. H. Historical Generations and Psychology – The Case of the Great Depression and World War II. **American Psychologist**. Vol.57, n.12, 2002.pp. 1013-1023

SANTANA, Peri da Silva; GAZOLA, Janice Natera Gonçalves. Gestão, comportamento da Geração Y. In: **XIII SEMEAD – Seminário em Administração**. 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/995.pdf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2012.

SANTOS, J. R. **O que é comunicação?**, Lisboa: Difusão Cultural, 1993

SANTOS, Jair Ferreira dos. Não sabemos mais para em que vamos. Entrevista concedida a Léo Arcoverde. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 19-20, novembro de 2007. Número Especial

SANTOS, C. F. *et al.* O Processo Evolutivo entre as Gerações X, Y e *Baby Boomers*. **XIV SemeAd**. Outubro/2011. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acesso em 07/11/2012.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sociotécnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003

SANTOS NETO, Elydio dos; FRANCO, Edgar Silveira. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do COGEIME** – Ano 19 – n. 36 – janeiro/junho 2010

SATO, K. **Geração game over: jovens profissionais podem evitar comportamentoprejudicial**. Site Administradores.com, 2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/geracao-game-overjovens-profissionais-podem-evitar-comportamento-prejudicial/19535/>>. Acesso em: 08 de maio de 2012.

SCHOOLEY, C.; **Get ready, the millennials are coming**, Forester Research Inc., September 2005

SENAC. **A nova concepção de profissional formado pelo SENAC**. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/212/2102011025.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2008.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2005

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**: maio/jun./ago. 2002: 20. p. 60-70.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2006

SOUZA, Renildo. A flexibilização das relações de trabalho no Brasil. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001, p. - .

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre Juventude e Escolarização Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 37-52, maio – ago./set.-dez.1997. Edição Especial.

STRAUSS, W.; HOWE, N.; **Generations**: the History of America's Future, p. 1584 to 2069. William Morrow and Company Inc., New York, NY. 1991

_____. **The Fourth Turning**: an american prophecy. Broadway Books, New York, NY. 1997

_____. Today's teens are less selfish than some adults think. **Science Monitor**, v.99, n. 67, 2007

TAKASE, Sônia. **Impactos da revolução tecnológica na dimensão humana da informação**. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2956/1/2007_SoniaTakase.pdf>> Acessado em 28.03.2013.

TAPSCOTT, D.; **Geração Digital**: a crescente e irreversível ascensão da geração net. Trad. de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books do Brasil 1998, 1999

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Educar na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Junqueira Marin, 2006

TOMIKAZE, Kimi. **Transmitir e herdar**: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a03.pdf>>. Acesso em 13 de junho de 2012.

TRIANDIS, H. C. **Culture and social behavior**. New York: McGraw-Hill, 1994

_____. Individualism-collectivism and personality. **Journal of Personality**; v. 69 Issue 6, p. 907-924; 2001

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TWENGE, J. M. *Generation Me: why today's young americans are more confident, assertive, entitled—and more miserable than ever before*. New York: Free Press, 2006.

URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (org). **La juventudes más que una palabra**: Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2000.

VALADARES, Carlos Antônio Melgaço. A evolução das tecnologias e a saúde do trabalhador: as doenças do novo milênio. In: GOMES, Álvaro. (org.) **O trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi; Bahia: Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001,

VALENTE, Maria Paula Rodarte Costa. **Geração Y e individualismo**: percepções e adaptabilidade do consumidor frente às mudanças sociais. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2011.

VASCONCELOS, K. C. A. *et al.*. Geração Y e suas âncoras de carreira. **Gestão Organizacional**, v. 8, p. 226-244, 2010

VELOSO, Elza; TREVISAN, Leonardo. Produtividade e ambiente de trabalho: gestão de pessoa e carreiras. São Paulo: SENAC, 2006

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e *Baby Boomers*. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração e Pesquisa - ENANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

VIEIRA, Cesar R. A. Individualismo e sociedade. **VII Simpósio Internacional Processo Civilizador**, 2003, Piracicaba. História, civilização e educação. Piracicaba - SP: Unimep/PPGE, v. 1, 2003

WAYCOTT, J. (2004). **The appropriation of PDAs as learning and workplace tools: an activity theory perspective**, PhD Thesis, 2004. The Institute of Educational Technology, The Open University, Milton Keynes, UK.

WERTHEIN, J. 2000. Sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, maio-ago 2000, vol. 29, no. 2, p. 71-77.

XAVIER, Odiva Silva. A Educação no contexto das mudanças. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: jan./dez. 1997: 78, 188/189/190. p. 285-304.

ZABALZA, M. A. Os professores universitários. In ZABALZA, M. A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZEMKE, R.O. Respeito às gerações in: Marianos, R.H. Mayer, V.F. (org) **Modernas Práticas na Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2008.

ZIDAN, Wanda. As novas tecnologias de informação e comunicação e a Educação a distância. **Revista UNIABEU** Belford Roxo V.4 Número 6 janeiro- abril 2011.

Disponível em

<<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/103/167>>. Acesso em 18/06/2012.